JÚLIO DANTAS

SÓROR MARIANA

Peça em I acto.

PORTUGAL-BRASIL

SOCIEDADE EDITORA

LISBOA

SÓROR MARIANA

Peça em 1 acto, representada pela primeira vez, com grande sucesso, em Lisbôa, no teatro do Gimnásio Dramático, na noite de 21 de Outubro de 1915, e em Barcelona no teatro Roméa, na noite de 26 de abril de 1920.

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 3.ª edição.
Sonetos (1916) — 5.ª edição.

PROSA

Outros tempos (1909) — 3.ª edição.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 3.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 5.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) – 3.ª edição.
Mulheres (1916) — 6.ª edição.
Êles e Elas (1918) — 4.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 5.ª edição.
Como elas amam (1920) – 4.ª edição.
Abelhas doiradas (1920) – 2.ª edição.
Os galos de Apollo (1921)—2.ª edição.
Arte de amar (1922) – 2.ª edição.
O heroísmo, a elegância, o amor (1923).
Eva (1925).
As Grandes Batalhas – No prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) – 5.ª edição.
Viriato Trágico (1900) – 2.ª edição.
A Severa (1901) – 4.ª edição.
Crucificados (1902) – 3.ª edição, refundida.
A Ceia dos Cardeais (1902) – 26.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) – 5.ª edição.
Paço de Veiros (1903) – 3.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) – 4.ª edição
Rei Lear (1906) – 2.ª edição.
Rosas de todo o ano (1907) – 10.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) – 5.ª edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908) – 2.ª edição
Santa Inquisição (1910) – 3.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) – 5.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) – 3.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) – 3.ª edição.
1023 (1914) – 3.ª edição.
Sóror Mariana (1915) – 4.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) – 3.ª edição.
D. João Tenório (1920) – 2.ª edição.
A Castro (1920).

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição.

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

SÓROR MARIANA

QUARTA EDIÇÃO

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
SOCIEDADE EDITORA
ARTHUR BRANDÃO & C.ª
RUA DA CONDESSA, 80

Imprensa da PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 100 – LISBOA

A

AVELINO DE ALMEIDA

Minha Senhora

Há oito dias, na primeira representação da *Sóror Mariana*, quando todos os olhos estavam razos de lágrimas e a dolorosa freira de Beja, perante a murça branca de Frei Francisco de S. Diogo, proclamava, num soluço, o seu amor criminoso por Chamilly, — uma senhora titular, três vezes ilustre, pelo nascimento, pela inteligência e pela educação, levantou-se pálida no seu camarote, e a tremer, numa expressão veemente de indignação e de protesto, gritou para a plateia:

— É mentira! É mentira!

Soube hoje que essa ilustre titular era v. ex.ª. Permita-me, minha senhora, que beije, com o maior respeito, os aneis dessas pequenas mãos que não quiseram aplaudir-me, e que procure acalmar, tanto quanto em mim caiba fazê-lo, a sua evidente e inexplicável perturbação. Eu não sei ainda que factos ou que palavras mereceram a v. ex.ª uma condenação tão precipitada e tão pouco generosa. É mentira que as *Cartas de amor* foram escritas por uma portuguesa ao senhor de Chamilly? Talvez. Disse-o Beauvois. Disse-o Camilo. É mentira que essa portuguesa fosse uma freira e que essa freira se chamasse Mariana Alcoforado, — dos fidalgos Alcoforados de Beja, blasonando do escudo enxequetado de prata e azul de seis peças, com a águia dos Aguiares por timbre, revoante e armada de prata? Quem o sabe! Mentiu Chamilly, mentiu Lavergne de Guilleragues, mentiu o livreiro Claude Barbin, *«au Palais, sur le second perron de la Sainte Chapelle»*, mentiu Duclos, mentiu o Duque de Saint-Simon, — menti eu? Nada mais fácil, minha senhora. De positivo, conhecem-se apenas três factos: a existência de Sóror Mariana; a existência de Chamilly; a existência das *Cartas*. Quem as escreveu? Quem as recebeu? Simples con-

jecturas. O que é a história, o que é a própria vida, — senão uma conjectura formidável? O que foi sempre o Amor, — senão a mais dolorosa, a mais voluptuosa das mentiras? Ignoro se na ascendência remota de v. ex.ª, minha senhora, se entroncaria, num veio de oiro, algum rebento ilustre dos Alcoforados. Se assim é, falou v. ex.ª em nome de respeitabilíssimos preconceitos de estirpe, pedindo o silêncio, mais do que a verdade, para a memória da freira clarista de Beja, cuja pobre sepultura franciscana há dois séculos se fechou. Mas, minha senhora, — Sóror Mariana já não pertence hoje nem a uma religião, nem a uma família: pertence à Vida; pertence à Dor humana. As mulheres verdadeiramente nobres, não são apenas aquelas que vivem e morrem no silêncio das grandes virtudes; não são apenas aquelas de quem, na frase feliz de Maria Leczinska, «não se falou durante a vida, nem se fala depois da morte»; são também as que ascendem, as que se levantam, as que se exaltam superiores à própria natureza humana, aquelas em cuja alma imortal latejam e fremem, refervem e tumultuam o génio supremo do sentimento, a glória maravilhosa do heroísmo, a tempestade confrangedora da paixão. Impudor? Sacrilégio? Sensualidade? Ignomínia? Que importa, — se de todo êsse lôdo se fêz um clarão! Se Sóror Mariana é sua longínqua parenta, minha senhora, ela não pode, com todo o seu desvario, com tôda a sua loucura, — senão dignificá-la e ennobrecê-la. Uma palavra só das *Cartas*, repassada de génio e de dor, de beijos e de lágrimas, vale bem todos os metais, todos os esmaltes heráldicos do escudo dos Alcoforados, todo o tombo de nobreza da casa da rua do Touro, tudo quanto em pedras-de-armas resta espalhado pelos cunhais solarengos do Alentejo! Não, minha senhora; — Sóror Mariana não a de-

sonra. Sóror Mariana nem sequer ultraja a mais do que problemática virtude da vida monástica portuguesa do século XVII. Tenho pena de não poder mostrar-lhe os documentos inéditos cuja cópia aqui está, diante de mim. Se soubesse, minha senhora, o que foram durante dois séculos os conventos de freiras de Portugal, — v. ex.ª repetiria, decerto, a frase amarga do Duque de Saint-Simon a respeito duma casa de capuchas da Bretanha: «religiosa que de lá sai, é por que quer ser uma mulher honesta». Mentir, — para quê? Sossegue. Tranqùilise o seu espírito, minha senhora. Houve, evidentemente, um facto de amor, desconhecido e vago, de que as cinco *Cartas* foram a conseqùência literária. A minha peça é apenas a dramatização conjectural dêsse facto. Nada se sabe ao certo. Tudo pode ser verdade. Tudo pode ser mentira. Em volta do *fait divers* de Sóror Mariana, precisamente por que se ignora tudo, são legítimas tôdas as tentativas lógicas de interpretação. A minha é má? Dê-me a sua. Prometo-lhe remodelar a peça, — e fazê-la representar outra vez. Já agora, minha ilustre inimiga, confesso-lhe que me move uma ambição: quero que as suas pequenas mãos me aplaudam, para que eu possa ter, minha senhora, a honra de lhas beijar — menos literàriamente.

28 de outubro de 1915.

JÚLIO DANTAS

FIGURAS (*)

A Abadessa	D. MARIA MATOS
Sóror Mariana	D. LUÍSA LOPES
Sóror Inês	D. CELESTE LEITÃO
Sóror Simôa	D. BERTA DE ALBUQUERQUE
Sóror Agostinha	D. HERMÍNIA SILVA
D. Frei Francisco de S. Diego, bispo de Beja	FRANCISCO MENDONÇA DE CARVALHO
Noël Bouton, conde de Chamilly	MÁRIO DUARTE

Freiras de véu preto. — No convento da Conceição de Beja. — Século XVII.

(*) *No teatro Roméa, de Barcelona, onde foi representada em língua catalã, esta peça teve a seguinte distribuição:* ABADESSA, *Maria Morera;* SÓROR MARIANA, *Emilia Baró;* SÓROR INÊS, *Josefina Fornés;* SÓROR SIMÔA, *Maria Pujó;* SÓROR AGOSTINHA, *Enriqueta Guarte;* O BISPO, *Enric Giménez;* CONDE DE CHAMILLY, *Martí.*

SÓROR MARIANA

Casa do capítulo no mosteiro da Conceição, de Beja. Ao F., centro, grande janela de rótulas, manuelina, com poiais. Silhares de azulejo do século XVI. Chão de tejolo. Portas à E. alta e baixa, e à D. alta e baixa: a primeira, para onde se sobe por uma escaleira de pedra de dez degraus, dá caminho para o corredor das celas; a segunda, para a portaria de dentro; a terceira, para o côro de cima; a quarta, para um eirado. Bancos capitulares em volta. Cadeira abacial à D., entre as portas, sôbre um tapete de Arraiolos. Dois tamboretes de sola, com ferragens. Um tocheiro de ferro, da altura de um homem.

Quando se levanta o pano, a escuridão é completa. Momentos depois, na E. alta, ao tôpo da escada, vê-se bruxulear uma luz: é

SÓROR MARIANA ALCOFORADO *que desce, a mêdo, uma candeia acesa na mão. Hábito e manto das terceiras claristas, de estamenha côr de cinza, sem roda; touca branca de beatilha chã, descendo até aos peitos; véu preto; cordão de linho cânhamo; uma volta de rosário ao pescoço. A seguir, desce um homem moço, tipo de capitão de cavalos, bigode loiro, pequeno, Richelieu; chapéu holandês; coura de anta; balona branca, derrubada; calças vermelhas de berri de França; espada enorme; cachimbo na bôca; capa no braço: é* NOEL BOUTON, CONDE DE CHAMILLY E DE SAINT-LEGER. *Por último, outra freira surge, também com uma candeia acesa na mão: é* SÓROR INÊS DE JESUS. *Emquanto as duas primeiras figuras descem, encaminhando-se para a D. baixa,* SÓROR INÊS *fica vigiando, no tôpo da escada.* CHAMILLY, *em tôdas as frases que se seguem, é sacudido, sêco, indiferente;* SÓROR MARIANA, *que atravessa a scena amparada ao braço do oficial francês, numa atitude de enlêvo, de fadiga e de abandôno, tem, em tôdas as suas palavras, em todos os seus gestos, a expressão exaltada e ardente das grandes paixões.*

CHAMILLY

Adeus.

SÓROR MARIANA

Espera. Um instante mais. Deixa-me beijar a tua bôca, Noel.

CHAMILLY

É madrugada.

SÓROR MARIANA

Aperta-me bem nos teus braços. Faze-me doer, Noel. Sinto-te no meu sangue, na minha alma...

CHAMILLY, *afastando-se:*

Adeus.

SÓROR MARIANA, *pousando a candeia de ferro sôbre a cadeira abacial, e voltando a* CHAMILLY:

Porque me deixas tu? Porque não ficas tu em Beja, comigo? Porque não me levas tu para França? Porque me deixas neste mosteiro, nesta solidão, neste inferno?

CHAMILLY, *num movimento para a D. baixa:*

Mandam-me partir. É a lei da guerra.

SÓROR MARIANA, *retendo-o nos braços:*

Tu vais bater-te outra vez? Mas tu não me disseste nada! Tu vais bater-te outra vez, Noel?

SÓROR INÊS, *do alto da escada, apagando a candeia:*

Mariana! — Apaga a luz. — Vem gente.

SÓROR MARIANA *desprende-se dos braços de* CHAMILLY *e corre a apagar a candeia.—A scena recai na escuridão. Apenas, pelas rótulas da janela do F., se adivinha a madrugada, num vago estremecimento luminoso.*

SÓROR MARIANA, *num murmúrio:*

Noel!

CHAMILLY

Larga-me.

SÓROR MARIANA

E se te matam, Noel!

CHAMILLY

As balas fogem de mim. Adeus.

SÓROR MARIANA

Tu voltas? Dize... Voltas?

SÓROR INÊS, *do alto da escada, impondo silêncio:*

É a sacristã-menor, que vai tanger o sino para o côro.

Sente-se o ferrolhar das chaves, pelos corredores.

SÓROR MARIANA, *passado um momento:*

Um beijo! Mais um beijo, só!

CHAMILLY

Deixa-me. É madrugada.

SÓROR MARIANA

Só um beijo!

Durante alguns segundos, sente-se apenas, na escuridão, um murmúrio de beijos. O sino do mosteiro toca para o côro.

SÓROR INÊS

Hora de prima... — Desça depressa, senhor de Chamilly!

SÓROR MARIANA

Quando o teu esquadrão passar pelo convento, manda tocar os clarins!

CHAMILLY

Sim.

SÓROR MARIANA

Bem alto. Todos os clarins! Para eu sentir a tua alma que passa, Noel!

CHAMILLY

Sim.

SÓROR MARIANA, *num grito, quando* CHAMILLY *lhe foge dos braços:*

Noel!

CHAMILLY

Adeus.

SÓROR MARIANA, *que tropeça num tamborete, na escuridão, ao querer deter* CHAMILLY:

Noel!

SÓROR INÊS, *depois dum silêncio, aproximando-se:*

Desceu?

SÓROR MARIANA, *cuja voz se ouve já fora, no eirado:*

Noel!

SÓROR INÊS, *aproximando-se mais, depois dum novo silêncio:*

Desceu?

SÓROR MARIANA, *num soluço:*

Desceu.

SÓROR INÊS, *vindo ao encontro de* SÓROR MARIANA:

Mariana! Eu tenho mêdo. Eu tenho mêdo de ti! Pela nossa madre Santa Clara, pelas lágrimas que chorámos juntas na nossa profissão, — não recebas mais êsse homem, que te perdes!

SÓROR MARIANA

Perdida já eu estou!

SÓROR INÊS

Se um dia nos surpreendem, que há-de ser

de nós! — Suplico-te, minha irmã! Fala-lhe da grade. Eu acompanho-te na grade sempre que tu quiseres. Mas não recebas mais êsse homem, de noite, no mosteiro. É um homem capaz de tudo. É um capitão de cavalos, um aventureiro que vem correr os acasos da guerra...

SÓROR MARIANA

Pertence à melhor nobreza de França.

SÓROR INÊS

Há de ser o primeiro a apregoar a tua desonra!

SÓROR MARIANA

E eu cubro-o de beijos!

SÓROR INÊS

Há de mentir-te, escarnecer-te, abandonar-te.

SÓROR MARIANA

E eu adoro-o ainda mais.

SÓROR INÊS

Mas tu não vês que esta paixão é um sacrilégio?

SÓROR MARIANA

Nunca amei tanto a Deus!

SÓROR INÊS

Lembra-te da mortalha do teu hábito!

SÓROR MARIANA

Nunca me senti tão viva!

SÓROR INÊS

Lembra-te, ao menos, da desonra do teu nome!

SÓROR MARIANA

Nunca me senti tão pura!

SÓROR INÊS, *chorando:*

Mariana! Mariana!

SÓROR MARIANA, *cuja figura começa a adivinhar-se, como uma sombra, na luz azul da madrugada:*

Porque choras?

SÓROR INÊS

Peço a Deus que te salve, minha irmã!

Torna a ouvir-se o sino. A comunidade passa para o côro. As freiras descem silenciosamente a escada e atravessam a scena dirigindo-se para a D. alta. Cada uma delas traz na mão a sua candeia de ferro de um lume, acesa. À frente vem a ABADESSA, *velha, rugosa, apoiada a uma bengala, grande cruz peitoral, óculos redondos de coiro, enormes. Ao lado da* ABADESSA, *segue* SÓROR AGOSTINHA, *freira de véu branco. Depois, as jerarquias. É uma procissão lenta de luzes e de sombras.*

A ABADESSA, *distinguindo na D. baixa os vultos das duas freiras, levanta a candeia, entesta a mão sôbre os olhos para vêr melhor, destaca-se e desce, emquanto a comunidade continúa a desfilar em silêncio:*

Quem está aí?

SÓROR INÊS, *subindo:*

Sou eu, senhora Abadessa.

A ABADESSA

Quem?

SÓROR INÊS

Sóror Inês. — Ia para o côro.— Apagou-se a luz da minha candeia.

Ouve-se bater, fora, a pesada aldraba do portão.

A ABADESSA

E a outra freira, quem é?

SÓROR MARIANA

Sóror Mariana, reverenda Madre.

A ABADESSA, *a* SÓROR MARIANA, *emquanto* SÓROR INÊS *acende a candeia:*

Também a Vossa Caridade se apagou a luz?

SÓROR MARIANA

Foi o vento.

A ABADESSA

Se Vossas Caridades tivessem vindo com a

comunidade, já não se lhes apagavam as candeias. Ovelhas, querem-se com o rebanho. *(As duas freiras seguem com as últimas religiosas de véu preto. Ouve-se, outra vez, bater à aldraba do portão conventual)* Sóror Agostinha. Veja quem bate, a estas horas.

SORÓR SIMÔA, *freira de véu branco, assomando, açodada, na porta da E. baixa:*

Reverenda madre! É o senhor Bispo.

A ABADESSA

O senhor Bispo? — Depressa, sóror Agostinha! A mitra, o gremial, o báculo! *(Dando a candeia a* SÓROR SIMÔA) Quero receber Sua Ilustríssima na portaria.

O BISPO, *hábito de bernardo, murça, capa, cruz peitoral de oiro, chapéu episcopal, entrando pela E. baixa, numa expressão de preocupação evidente:*

Não se moleste Vossa Reverência. Eu sei o caminho.

A ABADESSA

Deus traga Vossa Senhoria Ilustríssima. A comunidade está no côro. *(A* SÓROR SIMÔA, *que acende o tocheiro de ferro)* Leve a almofada de

damasco, Sóror Simôa. Sua Ilustríssima acompanha-nos nos ofícios divinos.

O BISPO

Não. Espero aqui Vossa Reverência. Os ofícios de prima são curtos. *(Depois dum silêncio, durante o qual a* ABADESSA *torna a receber a candeia das mãos de* SÓROR SIMÔA*)* Onde fica o eirado donde se vêem as portas de Mértola?

A ABADESSA

Além, senhor Bispo.

O BISPO

Tenha Vossa Reverência a caridade de me dar a sua candeia.

A ABADESSA, *dando a candeia ao* BISPO:

Quer Vossa Ilustríssima que o acompanhe?

O BISPO *desaparece no eirado da D. baixa. A* ABADESSA, *sem compreender o que se passa, segue-lhe os movimentos.* SÓROR AGOSTINHA *surge na D. alta, com a mitra e o báculo, de cuja cabuta doirada pende um pequeno sudário. Passado um instante, o* BISPO *volta, dando a candeia a* SÓROR SIMÔA.

O BISPO, *à* ABADESSA:

Preciso de falar à puridade com Vossa Reverência.

A ABADESSA, *a* SÓROR AGOSTINHA, *que deixa a mitra e o báculo sôbre a cadeira:*

Diga à reverenda madre-vigária que não vou ao côro. (*Ao* BISPO) Estou aos pés de Vossa Ilustríssima.

SÓROR AGOSTINHA *sai. O* BISPO *assenta-se num dos tamboretes de sola. A* ABADESSA, *no outro. A luz do tocheiro de ferro alonga-lhes as sombras sôbre o chão de tejolo.* SÓROR SIMÔA *pousa a candeia sôbre um dos poiais da janela. Começa a amanhecer. O* BISPO *tira da manga do hábito um lenço vermelho, alentejano, e uma caixa de rapé, de prata chã. Tabaqueia, solenemente. Depois, oferece à* ABADESSA, *que olha em volta, não a veja alguma freira, e tabaqueia também.*

O BISPO

Há já uma bôa hora andada, foram acordar-me à minha pobre cama franciscana para me entregarem uma carta. Nessa carta diziam-se tão espantosas coisas, que eu só tive o tempo de enfiar o hábito, de mandar meter os urcos ao côche, e de abalar para aqui. *(Mete na man-*

ga o lenço e a caixa do rapé; tira um papel dobrado) Quando cheguei, ainda era noite cerrada. Para não deixar de observar as constitùições e a regra, esperei ali defronte, no terreiro da Feira, que apontasse a manhã e tangesse o sino de prima. Foi então que tive, pelos meus próprios olhos, a confirmação do que dizia êste papel. Pela primeira vez, desde que sou bispo e frade, senti a falta de um par de pistolas nos coldres dos meus machos! — Senhora Abadessa, acabo de ver sair um homem dêste mosteiro.

A ABADESSA

Um homem? — Vossa Ilustríssima viu sair um homem de...

O BISPO, *serenamente:*

Vi.

A ABADESSA

Aí está porque me faltam todos os dias galinhas na capoeira. Os ladrões andam-me em cima da criação, senhor Bispo. É preciso que Vossa Ilustríssima escreva ao senhor governador da praça. Emquanto não levantarem polés por essas ruas de Beja e não apolearem meia

dúzia de ladrões, não me folgam nem os bácoros, que ainda a semana passada me furtaram três duma cria!

O BISPO

Tem razão Vossa Reverência. Trata-se dum ladrão. Mas, desta feita, o ladrão não desceu pela cêrca. Saltou por ali, pelo muro do eirado. — Vinha do convento.

A ABADESSA, *sem perceber:*

Por ali?

O BISPO

Vá Vossa Reverência ver. Ainda lá está, amarrada à pilastra, a corda por onde êle desceu. Segui-lhe a sombra. Senti retinir-lhe a espada. Passou a-par do meu côche. Conheci-o. Não era um ladrão das suas galinhas, senhora Abadessa. Era um ladrão da honra dêste mosteiro.

A ABADESSA

Mas Vossa Ilustríssima está certo de que viu descer um homem?

O BISPO

Antes fosse um lôbo, e eu tivesse uma clavina nas mãos!

A ABADESSA, *tremendo, numa oflição:*

Senhora Santa Clara!

O BISPO

Não se perturbe Vossa Reverência. Eu faço inteira justiça ao seu zêlo de prelada. Não esqueço que, durante o abadessado de Vossa Maternidade, esta casa de Deus e de S. Francisco tem sido espelho de observância. Mas, senhora Abadessa, se houvesse só boas ovelhas, não era virtude ser pastor. — O homem que tem entrado de noite neste mosteiro é um oficial francês. Chama-se Noel Bouton, conde de Chamilly e de Saint-Leger. Há uma freira que o recebe na sua cela. É preciso saber quem essa freira é, — e apartá-la da comunidade.

ABADESSA, *erguendo-se:*

Sóror Simôa! Mande tanger a capítulo!

O BISPO

Não. Para quê? Não lancemos inùtilmente

o alvorôço e o escândalo no mosteiro. — Vamos devagar, senhora Abadessa.

A ABADESSA

Chamam-se as madres discretas! Chamam-se as jerarquias do convento! Mete-se num cárcere a ovelha leprosa, com os pés no olhal do cepo! *(Chamando, trémula de indignação)* Sóror Agostinha!

O BISPO, *com serenidade:*

Também não. — Êsse hábito é grande de mais, para que o respeitemos ainda nas freiras que o desonram!

A ABADESSA

Então, como quer Vossa Reverência que se faça justiça?

O BISPO

Com caridade. *(Muito calmo)* Precisamos, antes de tudo, de saber quem é a freira culpada.

A ABADESSA

Mando esta noite pôr vigias e escutas no mosteiro, — e hei de apanhá-la!

O BISPO

Inútil. O senhor de Chamilly sai hoje de Beja, a caminho da côrte.

A ABADESSA

Como sabe Vossa Ilustríssima?

O BISPO

Por êle próprio. *(Desdobrando o papel que tem na mão)* Esta carta é dêle. Escrita a um amigo, e perdida na esplanada do quartel da cavalaria de Briquemont. O senhor de Chamilly parte para França. — Não me atrevo a ler a Vossa Reverência as palavras com que êle se refere a êste santo mosteiro!

A ABADESSA, *atarantada, com os óculos no nariz:*

Valha-me Deus, que não acho os óculos!

O BISPO

Conta que teve trato amoroso com duas mulheres em Beja. Uma moça solteira da rua do Touro, que cantava bem à viola e que lhe deu

um filho, e uma freira dêste real mosteiro da Conceição.

A ABADESSA

Meu rico mosteiro onde eu vivi cinqùenta e dois anos! Quem te havia de ver estalagem de franceses!

O BISPO

Releve-me Vossa Reverência a profanidade destas palavras.

A ABADESSA, *vendo a carta:*

Não diz o nome da freira?

O BISPO

Não diz o nome. — O senhor de Chamilly teve ainda êsse resto de nobreza! — Vossa Reverência não suspeita de nenhuma das religiosas?

A ABADESSA

Não, senhor Bispo. — Umas mais do que as outras, tôdas são virtuosas e reformadas.

O BISPO

Sabe se o senhor de Chamilly tem visitado alguma freira na grade dêste convento?

A ABADESSA, *chamando:*

Sóror Simôa. *(A donata aproxima-se)* Tem vindo algum oficial francês à roda ou à grade?

SÓROR SIMÔA

Oficial francês? Não dou fé, reverenda Madre.

O BISPO, *a* SÓROR SIMÔA:

É a rodeira?

SÓROR SIMÔA

Mínima serva de Vossa Ilustríssima.

O BISPO

Não se lembra de ter vindo aí um oficial moço, loiro, calções vermelhos de berri de França, um cachimbo na bôca?

SÓROR SIMÔA

Não tenho idea, senhor Bispo.

O BISPO

Admira que êle não tenha vindo à grade.

A ABADESSA, *recordando-se, sùbitamente:*

Sóror Agostinha! (SÓROR AGOSTINHA *desce)* Quem eram as duas freiras que estavam ainda agora aqui, com as candeias apagadas, quando a comunidade passou para o côro?

O BISPO

Aqui?

SÓROR AGOSTINHA

Sóror Inês de Jesus e Sóror Mariana Alcoforado, reverenda Madre.

O BISPO

Estavam aqui duas religiosas quando Vossa Reverência passou para o côro?

A ABADESSA

Naquele canto. É capaz de ser alguma delas.

O BISPO

Ao pé do eirado?

A ABADESSA

De luzes apagadas. — Quando eu vinha andando, alevantaram-se duas sombras diante da minha candeia. Quem vive? — perguntei eu. Respondeu uma, depois a outra. Que iam para os ofícios divinos, e que o vento lhes tinha apagado as candeias.

O BISPO, *com estranheza:*

O vento? — Mande Vossa Reverência chamar essas duas freiras.

A ABADESSA, *a* SÓROR AGOSTINHA, *que se curva e sai pela D. alta:*

Sóror Mariana e Sóror Inês que venham à presença do senhor Bispo.

O BISPO

São freiras moças?

A ABADESSA

Muito moças, e ambas de véu preto.

O BISPO

Vossa Reverência não lhes perguntou porque não tinham descido com a comunidade?

A ABADESSA

Não me recordo.

O BISPO

Não notou qualquer perturbação em alguma delas?

A ABADESSA

Vejo pouco.

O BISPO

Dormem ambas na mesma cela?

A ABADESSA

Em celas pegadas.

O BISPO

É preciso recolher já todos os papéis dessas duas religiosas.

A ABADESSA

Sóror Simôa. Vá às celas de Sóror Mariana e de Sóror Inês, e traga todos os papéis que lá achar.-- Revolva tudo. Os arquibancos e os catres. *(Baixo, ao* BISPO, *vendo assomar na D. alta* SÓROR MARIANA *e* SÓROR INÊS, *seguidas da leiga* AGOSTINHA) Ali estão elas.

SÓROR SIMÔA *sai pela E. alta.*

O BISPO, *baixo, à* ABADESSA, *olhando as duas freiras, que se curvam de longe numa vénia:*

Sóror Inês de quê?

A ABADESSA

De Jesus.

O BISPO, *chamando:*

Sóror Inês de Jesus. (SÓROR INÊS *desce e cur-*

va-se ligeiramente diante do BISPO). Vossa Reverência é a freira que costuma tocar cravo nas comédias do convento?

SÓROR INÊS

Sou eu, senhor Bispo.

O BISPO, *observando-a, fixamente:*

Estou-a reconhecendo. *(Chamando a outra freira)* Sóror Mariana Alcoforado. (SÓROR MARIANA, *muito pálida, avança até junto de* SÓROR INÊS *e curva-se diante do* BISPO) É da família dos Alcoforados, de Beja?

SÓROR MARIANA

Sim, senhor Bispo.

O BISPO

Tenho idea de que assinei no ano passado uma provisão dispensando-a do refeitório e das disciplinas de comunidade. Vossa Reverência estava, então, doente. — Qual é a doença de Vossa Reverência?

SÓROR MARIANA

Acidentes.

O BISPO, *observando* SÓROR MARIANA:

Acidentes?

SÓROR SIMÔA, *voltando com dois maços de papéis-de-solfa e breviários, que entrega à* ABADESSA:

De Sóror Inês. — De Sóror Mariana.

O BISPO

Vossas Reverências estavam ambas aqui, ainda agora, quando a comunidade passou para o côro? *(Silêncio das duas freiras)* Estavam aqui, não é verdade?

SÓROR INÊS, *depois de novo silêncio, vendo que* SÓROR MARIANA *não responde:*

Sim, senhor Bispo.

O BISPO

A comunidade costuma descer para os ofícios de prima logo que o sino toca. *(Silêncio)* Não é verdade?

SÓROR INÉS

Sim, senhor Bispo.

O BISPO, *emquanto a* ABADESSA *examina os papéis:*

Por conseguinte, Vossas Reverências já andavam levantadas quando o sino tocou. *(Silêncio)* Evidentemente, — já andavam levantadas. *(Silêncio)* Que tinham Vossas Reverências que fazer pelo mosteiro, quando tôdas as religiosas dormiam?

SÓROR INÊS, *balbuciando:*

Íamos para o côro.

O BISPO

Sòzinhas? — E levavam as candeias, como manda a regra?

SÓROR INÉS, *numa progressiva angústia:*

Sim, senhor Bispo.

O BISPO

Acesas?

SÓROR INÊS

Acesas.

O BISPO

Então, por que foi que as apagaram? *(Silêncio)* Porque as apagaram?

SÓROR INÊS

Foi o vento que as apagou.

O BISPO

Foi o vento que apagou ambas as candeias?

SÓROR INÊS

Sim, senhor Bispo.

O BISPO

E porque não apagou o vento a candeias das outras religiosas que passaram depois?

A ABADESSA, *intervindo:*

Sim, porque não apagou o vento as candeias das outras religiosas que passaram depois?

O BISPO

Naturalmente, porque só havia vento no eirado. — Vossas Reverências foram àquele eirado? *(Silêncio)* Foram àquele eirado?

SÓROR INÊS, *hesitante:*

Não, senhor Bispo.

O BISPO

Noto que é Vossa Reverência sempre que me responde. — Porquê?

SÓROR MARIANA

Fui eu que apaguei a luz da minha candeia.

O BISPO

Vossa Reverência? — Então, em que ficamos? — Foi Vossa Reverência ou foi o vento?

SÓROR INÊS, *adivinhando o impulso de* SÓROR MARIANA *para denunciar-se, encobre-a com o corpo, agarra-lhe dissimuladamente a mão num movimento nervoso, suplica-lhe, baixo:*

Mariana! Pelas divinas chagas, não te atraiçoes!

A ABADESSA, *ao* BISPO, *observando-as:*

É uma delas.

O BISPO

É uma delas. Mas qual? Que há nos papéis?

A ABADESSA

Nada. Papéis-de-solfa e os breviários.

SÓROR INÊS

Que ordena mais Vossa Ilustríssima?

O BISPO

Um momento. — Alguma de Vossas Reverências conhece o oficial francês Conde de Chamilly e de Saint-Leger?

SÓROR INÊS

Não, senhor Bispo.

A ABADESSA, *dirigindo-se a* SÓROR MARIANA, *que* SÓROR INÊS *encobre:*

E Vossa Caridade, também não o conhece?

SÓROR INÊS *suplicando, a mão crispada no hábito de* SÓROR MARIANA:

Mariana!

SÓROR MARIANA, *numa tortura:*

Também não.

O BISPO

Pois o senhor de Chamilly esteve esta noite no convento à hora a que Vossas Reverências andavam levantadas, e saiu por êste eirado, ao tocar o sino para a hora de prima, precisamente quando Vossas Reverências estavam aqui. — Pesa sôbre a cabeça de ambas mais do que a suspeita: a certeza. Uma de Vossas Reverências desonrou o hábito que veste. Qual das duas foi?

A ABADESSA

Recolhem-se ambas ao cárcere! *(Chamando)* Madre rodeira!

O BISPO

Não. Há aqui uma inocente.

SÓROR INÊS, *baixo, a* SÓROR MARIANA :

Silêncio.

SÓROR MARIANA, *num êxtase doloroso :*

Que delícia, sofrer por êle!

O BISPO

Vossas Reverências não respondem? *(Silêncio)* Qual das duas recebeu esta noite, criminosamente, o senhor de Chamilly? — Êle próprio o diz nesta carta. Há uma freira do mosteiro da Conceição que o recebe de noite na cela!

A ABADESSA, *observando-as, fixamente :*

Leia Vossa Ilustríssima a carta...

O BISPO

Vejam Vossas Reverências por onde anda a honra de um dos mais nobres mosteiros de Portugal! *(Lendo a carta, devagar)* «Sigo esta madrugada para Alvito com a minha companhia de cavalos. Embarco depois para França...»

SÓROR MARIANA, *num murmúrio imperceptível:*

Noel!

O BISPO, *que continua a ler e a observá-las:*

«Já sinto a falta de Versalhes, do regimento de Mazarin e das mulheres de Paris. As portuguesas enfastiam-me de morte...»

SÓROR MARIANA, *num soluço:*

Noel!

O BISPO

«Deixo aqui duas, em Beja. Uma freira do mosteiro da Conceição, que me recebia de noite no convento, e uma mulher da rua do Touro, que me deu há três dias um filho...»

SÓROR MARIANA, *num grito de dor:*

Noel!

SÓROR INÊS, *querendo detê-la, baixo:*

Mariana, que te perdes!

SÓROR MARIANA, *atirando-se para o* BISPO *e arrancando-lhe a carta das mãos:*

Não! Mentira! Mentira, senhor Bispo!

O BISPO, *erguendo-se, com dignidade:*

Sóror Mariana!

SÓROR MARIANA, *desdobrando a carta nas mãos convulsas:*

Mentira! Isto não está escrito aqui! Não foi a tua mão que escreveu isto, Noel! *(Querendo ler, os olhos turvos de lágrimas)* Noel! Porque me fugiste tu? Porque me enganaste tu? Porque me mataste tu? *(Soluçando e beijando a carta)* Noel! Noel!

O BISPO, *a* SÓROR MARIANA:

Foi então Vossa Reverência que recebeu na sua cela o senhor de Chamilly?

A ABADESSA

Foi Vossa Caridade?

SÓROR INÊS

Mariana! Pelas cinco chagas!

SÓROR MARIANA

Fui eu! — Gritem a todo o mosteiro que

fui eu! Perdida já eu estou. Perdida de corpo e alma! Perdida porque êle me fugiu! Noel! *(Numa agonia voluptuosa)* Se tu soubesses como é bom sofrer por ti! Faze padecer mais, mais ainda, a tua pobre Mariana! — Noel! — Oh! minha mãe! Minha mãe! Porque não me enjeitaram, antes? Porque não me afogaram? Porque não me estrangularam no berço? Matassem-me, como se faz às crias das cadelas que as mães enjeitam! Mas não me enterrassem viva! Mas não me vestissem esta mortalha, que me sufoca! Mas não me metessem neste inferno! *(Ouvem-se os clarins do esquadrão de* CHAMILLY: MARIANA *atira-se como doida, os braços erguidos, para a janela de rótulas do F.)* Noel! Meu amor! Quebra-me estas grades! Tira-me desta prisão! Leva-me contigo! Eu quero viver! *(Num grito estridente)* Noel! Noel! *(Cai desamparada no chão de tejolo, braços abertos, hirta).*

SÓROR INÊS, *lançando-se, num grito, sôbre o corpo de* MARIANA:

Mariana!

As donatas, SÓROR SIMÔA *e* SÓROR AGOSTINHA, *aproximam-se.*

O BISPO

Um acidente.

SÓROR INÊS

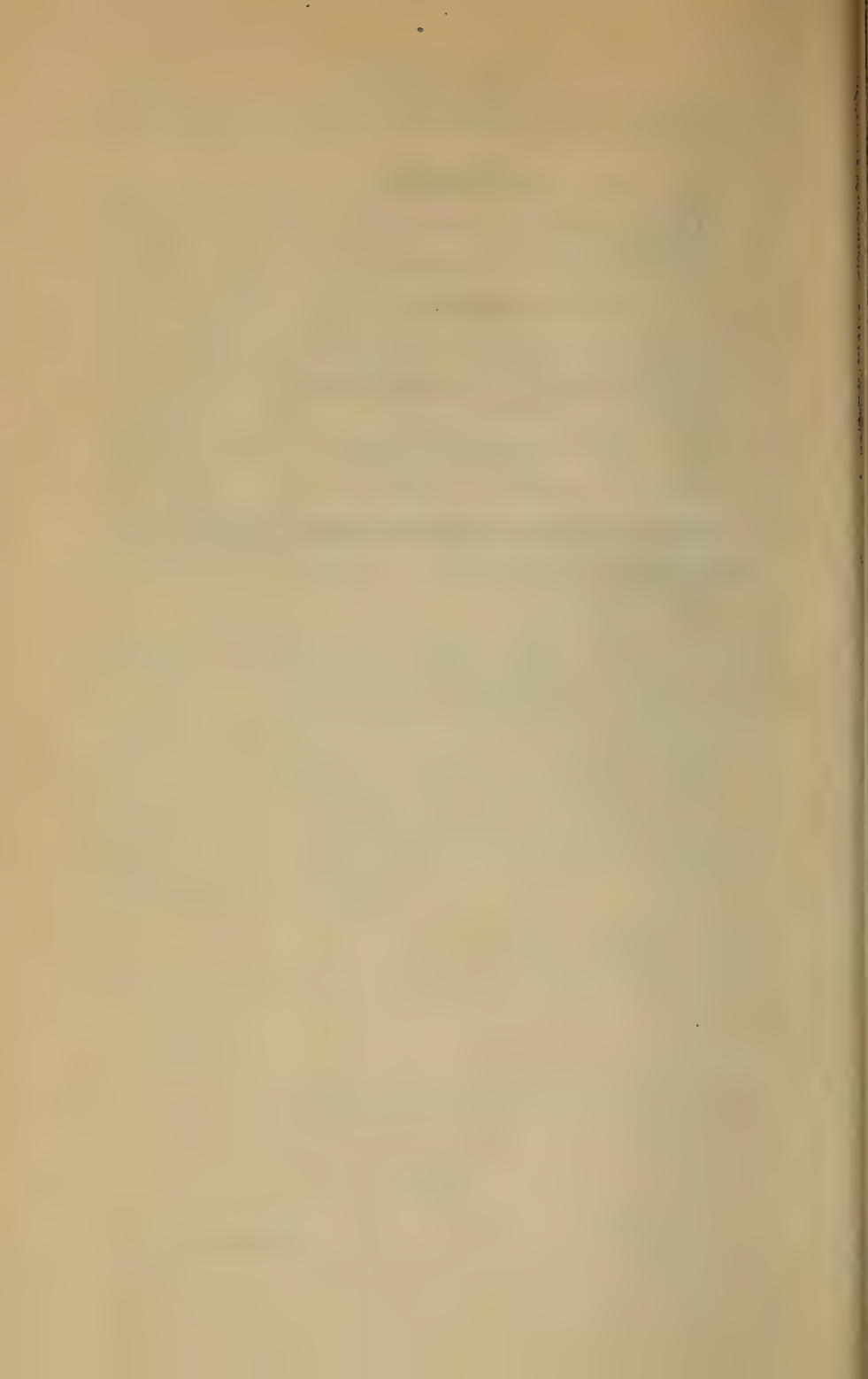
Mariana!

A ABADESSA, *ao* BISPO:

Que ordena Vossa Ilustríssima?

O BISPO, *comovido:*

Que a tratem com amor. Deus ouviu-a. E perdoou-lhe.

Ouvem-se mais perto os clarins. A manhã esplende. O pano cai, rápido.

JULÎO DANTAS

CARLOTA JOAQUÎNA

COMPANHIA EDITORA PORTUGAL-BRASIL

CARLOTA JOAQUINA

Peça em um acto, em prosa,
representada pela primeira vez no "Palace-Theatre",
do Rio de Janeiro, na noite de 15 de junho de 1919

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 3.ª edição.
Sonetos (1916) — 5.ª edição.

PROSA

Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc. (1909) — 3.ª edição.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 3.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição, no prelo.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 5.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 5.ª edição.
Êles e Elas (1918) — 4.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 5.ª edição.
Como elas amam (1920) — 3.ª edição.
Abelhas doiradas (1920) — 2.ª edição.
Os galos de Apollo (1921).
Arte de amar (1922) — 2.ª edição, no prelo.
As Grandes Batalhas — No prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) — 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 2.ª edição.
A Severa (1901) — 4.ª edição.
Crucificados (1902) — 2.ª edição.
A Ceia dos Cardeais (1902) — 26.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 3.ª edição.
Um serão nas Larangeiras (1904) — 4.ª edição, no prelo.
Rei Lear (1906) — 2.ª edição.
Rosas de todo o ano (1907) — 9.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 5.ª edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908) — 2.ª edição
Santa Inquisição (1910) — 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 5.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 3.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 2.ª edição.
1023 (1914) — 3.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 3.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) — 3.ª edição.
D. João Tenório (1920).
A Castro (1920) — 2.ª edição.
Romeu e Julieta — No prelo.

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição.

JÚLIO DANTAS
Socio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

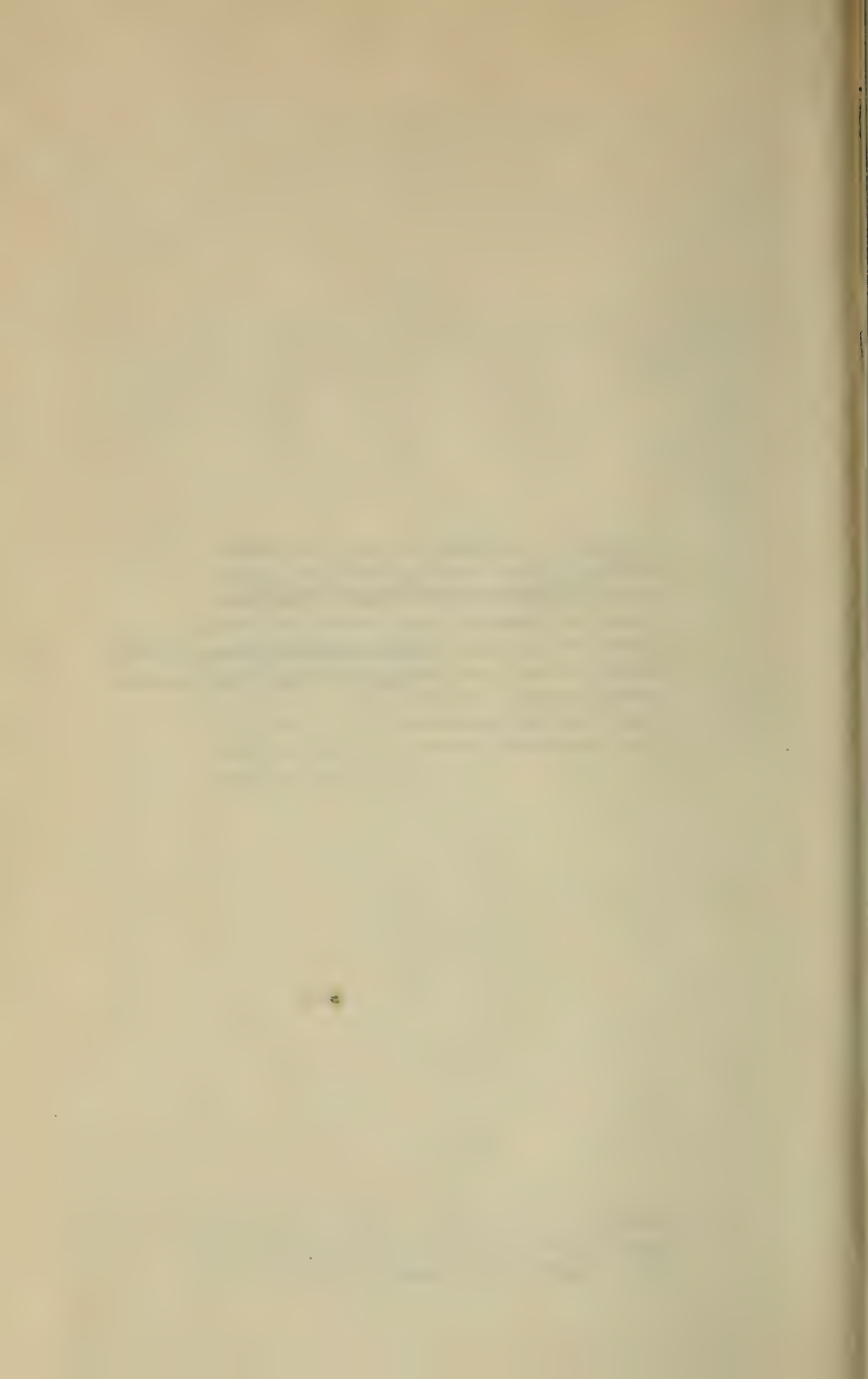
Carlota Joaquina

3.ª EDIÇÃO

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
COMPANHIA EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

Tipografia da COMPANHIA EDITORA PORTUGAL-BRASIL
Rua da Alegria, 100 — LISBOA

"Tu estás vendido aos maçõcs..."

CARLOTA JOAQUINA (carta a D. Miguel, 24 de novembro de 1827).

AO GRANDE PINTOR

JOSÉ MALHÔA

FIGURAS

D. Miguel..............................	*Mendonça de Carvalho*
Duque de Cadaval....................	*Henrique Alves*
Frei Manoel da Epifania, frade trino, confessor da Raínha..................	*João Lopes*
Latanzi, joalheiro italiano...............	*Silvestre Alegrim*
Sedovêm, picador da Casa Real.........	*Joaquim Almada*
Frei José do Pilar, frade mariano, esmolér de Carlota Joaquina...............	*Gil Ferreira*
Leonardo, cocheiro.....................	*Joaquim Prata*
Garrocho, campino do Infante..........	*António Palma*
Cambaças, eguariço....................	*Joaquim Silva*
Padre Crespo..........................	*Enrique Pereira*
O oficial da guarda..................	*N. N.*
Carlota Joaquina	*Maria Matos*
Margarida Adriôa	*Hortense da Luz*
D. Francisca Vadre, ama do Infante....	*Antónia de Sousa*
Antonita..............................	*Tina Coelho*
Rosa..................................	*Lucinda Lopes*
Sinhá.................................	*Alice Ribeiro*
Cachucha..............................	*Bemvinda de Abreu*
A Pimentinha.........................	*Pepita de Abreu*
Leonor................................	*Maria Prata*
Carocha, mulata.......................	*Virginia Farrusca*

Em Queluz, 1828.

CARLOTA JOAQUINA

A Sala das Talhas, em Queluz. Ao F., portas abertas para o jardim do palácio. Dia de sol. A' E. baixa, accesso para os aposentos da Raínha. A' E. alta, trôno. A sala continúa para a D. — Talhas da India. Um cravo Clementi, de oitava larga. Cadeiras e tamboretes Luís XVI.

Ouve-se, fóra, a voz de ANTONITA, *açafata espanhola da Raínha, cantando ao som de castanholas. Diante da porta da E. baixa, recostado numa cadeira doirada, e com os grossos sapatões ferrados em cima de outra, o* GARROCHO, *campino do Infante, barrete verde, colete de baetão vermelho, pampilho em punho, acompanha-a, assobiando.*

ANTONITA, *fóra*

En porfias soy manchega,
En malicias soy gitana:
Mis intuitos y mis planos
No se me quitan del alma...

GARROCHO, *vendo entrar pela D. o* PADRE CRESPO

Que é lá?

PADRE CRESPO

Gente de paz.

GARROCHO

Donde vem?

PADRE CRESPO

De mandado do senhor Patriarca. Trago uma carta para Sua Majestade.

GARROCHO

Venha a carta.

PADRE CRESPO

Tenho ordem para a entregar em mão própria. *(Avançando para a porta da E. baixa)* Sua Majestade está no oratório?

GARROCHO, *levantando-se dum salto e atravessando o pampilho*

Alto! Ninguém passa!

PADRE CRESPO

Quem me tolhe o passo, a mim?

GARROCHO

Campino do senhor Infante. De guarda à senhora Raínha. — De largo!

PADRE CRESPO

Então, quem monta a guarda a Sua Majestade é a tropa de linha ou são os campinos do senhor Infante?

LEONARDO, *cocheiro da Raínha Carlota, tipo sinistro, niza de briche, poláina, um arcabuz na mão, surgindo do F.*

Os campinos, os eguariços, os picadores, os sota-cocheiros, eu, — e toda a malta com bôa venta e choupa afiada! Não deram outra côrte à senhora Raínha, — tem esta! *(Apresentando-se)* Cocheiro Leonardo. — E ali, o Garrôcho, campino. — Que é lá?

PADRE CRESPO

Está bom. Se são Vossas Ilustríssimas os veadores e camaristas de Sua Majestade, queiram ter a bondade de me introduzir.

LEONARDO, *pousando o arcabuz sôbre o cravo*

Vamos a saber. O Senhor Patriarca está com Deus ou com o diabo?

PADRE CRESPO

Não entendo.

GARROCHO

Se está comnosco e com a senhora Raínha, ou lá com os cães dos jacobinos!

LEONARDO

A gente quer saber quem é por nós e quem é contra nós!

PADRE CRESPO

O senhor Patriarca está com Jesus Christo. Manda a Sua Majestade licença para expôr o Santíssimo Sacramento na capela do Paço, em acção de graças pelo regresso do senhor Infante.

GARROCHO, *afastando-se*

Pode passar!

PADRE CRESPO

Viva o senhor D. Miguel!

LEONARDO

Viva primeiro que tudo a Raínha, nossa senhora! E depois, o senhor Infante, se é que vem o mesmo e o não viraram lá pela Austria, ou por onde quer que andou!

PADRE CRESPO, *que se dirige para a E. alta, e pára, a ouvir*

Quem está cantando?

GARROCHO

É a Antonita, a açafata espanhola de Sua Majestade. *(Assobia, chamando, para a E. baixa).*

PADRE CRESPO

A cantar malagueñas?

LEONARDO

Nada, que havia de ser cantochão!

GARROCHO, *para um criado velho, que surge à porta da E. baixa*

Tarrabuzo, aí vai um padre!

LEONARDO, *agarrando o arcabuz*

Dominus tecum!

O PADRE CRESPO *sai, com* TARRABUZO, *pela E. baixa.*

GARROCHO, *seguindo os movimentos de* LEONARDO, *que carrega a arma*

Que fazes tu?

LEONARDO

Cevo de zagalotes o meu arcabuz. Isto, ou eu me engano muito, ou há hoje missa cantada!

GARROCHO

O Cambaças já veio de Belém?

LEONARDO

Ainda não. Os ares estão turvos. A pedreirada anda brava.

GARROCHO

E o Sedovém?

LEONARDO

Também para lá foi. Ou arrebenta o cavalo, ou está aí numa Ave-Maria. — Deixa vêr a navalha.

GARROCHO, *atirando-lha*

Já engataste o côche?

LEONARDO, *levantando o fusil e avivando com o fio da choupa a aresta da pederneira*

A' primeira voz. E' saltar para a boléa. *Tiros de peça, ao longe)* Ouves a artilharia?

GARROCHO, *ajudando-o*

Se a senhora Raínha se demora, já não chega a tempo de ir a bordo.

LEONARDO

É melhor que não vá.

GARROCHO

São capazes de a enxovalhar na rua, os cães!

LEONARDO

Se a enxovalharem, meto mão os arções dos selotes, e estendo um, a tiro! — Chega-me a escorva. — Sabes o que dizem, por aí?

GARROCHO

Não.

LEONARDO

Dizem que o senhor D. Miguel, que aí vem de Inglaterra, já não é o mesmo que de cá abalou há quatro anos.

GARROCHO

Deixa dizer!

LEONARDO

Que o viraram contra a mãe, e que vão mandar a senhora Raínha degredada para Castro Marim!

GARROCHO

O senhor Infante? Deixa ladrar!

LEONARDO

Cala-te bôca! — É por isso que eu aperro o meu arcabuz. *(Olhando, à D.)* Olha. O Cambaças!

GARROCHO, *indo ao encontro do* CAMBAÇAS,
eguariço das cavalariças do Paço,
poláina, esporas de ferro de Guimarães, chicote,
que entra apressado pela D.

Então?

LEONARDO

Que há, lá por baixo?

CAMBAÇAS

Rebentei o cavalo. Isto está mau! — A senhora Raínha?

GARROCHO

Na sala D. Quixote, com Frei Manoel.

CAMBAÇAS

O senhor Infante desembarca em Belém. Dá beija-mão na Ajuda. Estão a salvar as fortalezas. Os ministros e as senhoras Infantas fôram para bordo.—Vou dizer à senhora Raínha que é melhor não saír do Paço.

LEONARDO

Corre perigo?

CAMBAÇAS

Estão a dar-lhe morras, nas ruas!

GARROCHO

Cambada!

CAMBAÇAS

Andam a pôr pasquins nas esquinas, contra ela! Dizem que o senhor Infante se passou para os liberais.

LEONARDO, *ao* GARROCHO

Ouves tu?

GARROCHO

Manhas de ciganos, que não os vi piores na feira de Gavão!—O senhor D. Miguel não é capaz de atraiçoar a gente!

CAMBAÇAS

Também eu digo! Um homem que nos abraçava no picadeiro, còmo se fôssemos seus irmãos, não vinha agora esfaquear-nos pelas costas! Quem o espalha são os saldanhistas, são os do Bispo, é a malta dos archotes que anda à sôlta! *(Ouve-se um assobio, da E.)* Lá vou. — Frei Manoel que chama. — Toma o chicote!

LEONARDO, *quando o* CAMBAÇAS *sai, correndo, pela E. baixa*

A tiro! A tiro e à navalha, emquanto não levantam a fôrca no cais do Tojo!

GARROCHO

As açafatas!

Uma revoada branca de açafatas, chilreando, rindo, LEONOR, SINHÁ, ANTONITA *e outras, surge dos jardins perseguindo o risonho* FREI JOSÉ DO PILAR, *esmolér da Raínha, padre mariano de Xabregas, chiote de burél, avarcas, um papel de solfa erguido na mão.* MARGARIDA ADRIOA, *trigueira e triste, vem assentar-se numa cadeira da D. baixa, sòzinha, com um livro no regaço.*

LEONOR, ANTONITA, SINHÁ, *agarradas ao hábito do frade*

Padre Frei José! — Padre Frei José do Pilar! — Venha tocar no cravo para nós ouvirmos!

FREI JOSÉ

Hão-de adivinhar primeiro o que é.

LEONOR

É uma alamanda, para a gente dançar!

SINHÁ

É a «Cruel Saudade», do Vidigal!

FREI JOSÉ

Frio! Frio!

ANTONITA, *de castanholas nos dedos*

Es una jota aragonesa!

LEONOR

É o «ladrão do negro melro»!

FREI JOSÉ, *assentando-se ao cravo*

Não adivinham! Não adivinham!

LEONARDO

Adivinho eu, senhor padre Frei José. É aquela cantiga: «Uma velha que tinha um gato...»

SINHÁ, LEONOR, *enxotando-o*

Para a cocheira! Para a cocheira!

FREI JOSÉ

É uma modinha nova, feita à feliz chegada do senhor D. Miguel!

SINHÁ, ANTONITA, LEONOR, *encantadas, em mesuras*

A Sua Alteza! A Sua Alteza! *(Chamando)* Margarida! Margarida! — Toque, toque, Frei José!

GARROCHO, *viola em punho*

Eu acompanho, à viola!

FREI JOSÉ DO PILAR *toca o «Rei-chegou». As açafatas cantam.* MARGARIDA *levanta-se e sobe, aproximando-se do grupo.*

Outra revoada de açafatas, à frente da qual veem ROSA, *a* CACHUCHA, *a* PIMENTINHA *e uma cabocla, a mulata* CAROCHA, *entra rodeando* LATANZI, *italiano caricato, joalheiro de Carlota Joaquina, idade incerta, casaca azul, colete de papo, bofes de renda,*

calças de nankim apresilhadas, penteado à Catelineau, uma caixa de jóias na mão, anéis nos dedos, sinais de tafetá na cara, como uma mulher.

ROSA, PIMENTINHA, *a* CACHUCHA

É o Latanzi! É o Latanzi! — Traz jóias para vender à senhora Raínha!

LATANZI

Buon giorno, buon giorno, signorine!

LEONOR, SINHÁ, *correndo para o italiano*

Latanzi! Latanzi!

LATANZI

Son'io! Son'io! Il vecchio Latanzi, il povero Latanzi, gioielliere della còrte, innamorato de tutte le donne!

ROSA, CACHUCHA, LEONOR, *ao mesmo tempo*

Anda cá! — Deixa vêr! — Primeiro a nós!

SINHÁ, *espreitando para a caixa das jóias*

Que lindos anéis!

PIMENTINHA

Que lindos brincos!

LATANZI, *fazendo-lhes festas na cara, nas mãos, enlevado, voluptuoso*

Per Bacco! Quelle belle occhi! Quelle belle mani!

LEONOR, *chamando*

Antonita! Antonita!

ANTONITA, *junto do cravo*

Quien me llama! Que desvergüenza!

CACHUCHA

É o Latanzi, que traz jóias!

PIMENTINHA, *a* LATANZI

Se me deixares vêr, dou-te um beijo!

SINHÁ

E eu, um abraço!

LATANZI

Oh! Le graziose creaturine!

ANTONITA, *correndo para o italiano e empurrando a mulata, que se lhe mete à frente*

Largo de aí, Carocha!

CAROCHA, *panhos cerrados, fariosa*

A escova negra varra a tua casa! Lagarto! Lagarto!

LATANZI, *tirando da caixa um leque, pequeno como uma jóia, e mostrando-o às açafatas*

Un piccolo ventaglio!

PIMENTINHA

Ai, manas, um marotinho!

TODAS

Oh! — Oh!

ANTONITA, *abanando-se com êle*

Mira, mira, que gracia tiene!

LATANZI

Davvero, tanto graziosa!

LEONARDO, *à* CAROCHA, *baixo*

Vai ter comigo à cocheira, à noite. Levo aguardente.

LATANZI, *mostrando um medalhão*

Il ritratto del signor Dom Michele, miniatura di Madama Trové.

TODAS, *entusiasmo, mesuras*

Oh! — Sua Alteza! — Sua Alteza!

ROSA

Os olhos!

LEONOR

O nariz! O nariz!

PIMENTINHA

A bôca! O amor de bôca! *(Chamando* MARGARIDA, *que se conserva afastada do grupo, numa expressão de êxtase)* Margarida! Margarida!

GARROCHO

É mesmo o senhor Infante, quando tosquiava mulas com a gente, em Salvaterra!

ANTONITA, *beijando o retrato*

Mi sangre, mi Infante, mi alma!

SINHÁ

Vem vêr, Margarida!

LATANZI, *tirando uns brincos de minas e fazendo-os scintilar*

Eccole orecchini di diamanti, con le iniziale del signor Don Michele! Un vero cappolavoro!

CACHUCHA, *deslumbrada*

Ai, os brinquinhos do menino Jesus!

PIMENTINHA

Por toda a parte o senhor Infante, nas jóias, nos corações!

ROSA, *aproximando-se de* MARGARIDA, *baixo*

Margarida, porque choras tu?

MARGARIDA, *limpando os olhos*

De alegria, porque êle volta!

TODAS

Viva o Latanzi! — Viva!

LATANZI, *de pé sôbre um tamborete*

Signorine! Signorine! Sono innamorato di tutte! Di tutte!

GARROCHO, *a* FREI JOSÉ, *que olha as açafatas, fungando a sua pitada*

Vossa Paternidade está a olhar para elas?

LEONARDO

Que diz, senhor padre Frei José?

FREI JOSÉ

Digo que as mulheres são más, gulosas, mentirosas, enredadeiras, poços de vícios e de pecados, — mas Deus nosso Senhor não nos falte com uma!

Entra pela E. baixa FREI MANOEL DA EPIFANIA, *frade trino, confessor da Raínha, a cruz azul e vermelha sôbre o hábito branco da Ordem, seguido do* CAMBAÇAS *e do* PADRE CRESPO. *Silêncio. Movimento de respeito.*

FREI MANOEL

As senhoras açafatas queiram recolher-se aos aposentos da Raínha. Sua Majestade digna-se assistir ao desembarque do seu augusto filho. *(A* LEONARDO, *que lhe beija a mão)* Manda atrelar o côche. As mulas malhadas. Sota-cocheiros e batedores de confiança. Armados.

LEONARDO

Escopêta e navalha, senhor padre Manoel. A sua bênção.

FREI MANOEL, *abençoando-o*

Vai.

LATANZI, *em mesuras, a* FREI MANOEL

Ho l'onore di riverirla... Latanzi, gioielliere della còrte...

FREI MANOEL, *ao* CAMBAÇAS

Em chegando o Sedovém, avisa-me. Quero que êle vá à estribeira de Sua Majestade. *(Ao* PADRE CRESPO, *quando o* CAMBAÇAS *se afasta)* O senhor Patriarca foi a bordo?

PADRE CRESPO

Vai ao beija-mão, à Ajuda.

FREI MANOEL

Parece que o beija-mão devia ser aqui, em Queluz, que é onde está a senhora Raínha. Mas quem manda agora são os Joaquins Antónios e os Manoeis Fernandes, é a canalha que não descança emquanto não vir o último rei enforcado nas tripas do último frade!

PADRE CRESPO

O senhor D. Frei Patrício comparece onde lhe é ordenado pelo govêrno da nação.

FREI MANOEL

Tenho notado que o senhor Patriarca obedece de mais ao govêrno!

PADRE CRESPO, *retirando-se, numa vénia*

Só êle poderá responder a Vossa Reverência.

LATANZI, *saíndo, pela E. baixa, entre as açafatas, que o arrastam e o envolvem na sua revoada*

Per Bacco! Per Bacco, signorine!

GARROCHO

Falta-lhe o chocalho ao pescoço, dlon, dlon!

FREI MANOEL, *preocupado*

Preciso falar-lhe, Frei José. *(Vendo* MARGARIDA, *que espera, junto dêle)* Não ouviste o que eu disse, Margarida?

MARGARIDA

Vinha suplicar uma graça a Vossa Paternidade.

FREI MANOEL

Que é?

MARGARIDA

Não sei se a senhora Raínha leva comsigo alguma das açafatas...

FREI MANOEL

Aonde?

MARGARIDA

Ao desembarque de Sua Alteza.

FREI MANOEL

É perigoso acompanhar hoje no côche Sua Majestade. O povo está alvoroçado. — Que é que tu queres?

MARGARIDA

Que Vossa Paternidade lhe peça para me levar a mim.

FREI MANOEL

Não tens mêdo?

MARGARIDA

De quê, reverendo Padre?

FREI MANOEL

Podes sofrer algum ultraje, no caminho.

MARGARIDA

Era uma felicidade tão grande, sofrer pelo senhor Infante!

FREI MANOEL

Lembro-me agora de que Sua Alteza se dignava reparar em ti...

MARGARIDA, *baixando os olhos*

Oh! senhor Padre!

FREI MANOEL

Não receias que êle venha mudado?

MARGARIDA

Só duvida do senhor Infante quem nunca o amou.

FREI MANOEL

Deus te oiça! — Bem. Irás com Sua Majestade.

FREI JOSÉ

Cá para mim, uma mulher só devia saír de casa três vezes: a baptisar-se, a casar-se e a enterrar-se.

CAMBAÇAS, *emquanto* MARGARIDA *beija a mão de* FREI MANOEL *e sai pela E. baixa*

Senhor padre Manoel! É o senhor picador Sedovém, que aí chega a tôda a brida!

FREI MANOEL, *subindo*

Vejamos as notícias que êle traz. *(Crepitar de foguetes)* Já se ouvem foguetes, tão perto?

GARROCHO, *apalpando a navalha*

Senhor padre Frei José... Posso fazer hoje por aí alguma morte de homem. Quero que Vossa Reverência me oiça de confissão.

FREI JOSÉ

Patife! Aprende primeiro a doutrina. Tu nem sabes quem é Deus!

GARROCHO

Então já não é o mesmo que era o ano passado?

SEDOVÉM, *entrando pelo F., vestido como os antigos picadores da Casa Real, chapeu armado, casaca de baetão verde, botas de cava, um cacete quebrado numa das mãos, um papel na outra, a* CAMBAÇAS, *que o recebe ofegante nos braços*

Amanta-me o cavalo. Esfrega-lhe com vinagre os curvilhões. Eu já vou. *(A* FREI MANOEL, *quando o* CAMBAÇAS *sai)* Senhor padre Manoel!

FREI MANOEL

Então, Sedovém?

SEDOVÉM

Aqui estão os pasquins que andam a pôr nas ruas contra a senhora Raínha! Aqui está o cacête que eu quebrei nas costas dum mariola!

FREI JOSÉ

O senhor D. Miguel?

FREI MANOEL

Que soubeste?

SEDOVÉM

Era o que eu lhe dizia a Vossa Reverência. Vem mais jacobino, vinte vezes, que tôda a cambada dos Saldanhas e dos Palmelas! Já não há rei nem roque. Está tudo perdido, senhor padre Manoel!

FREI MANOEL

Mas tu viste o senhor Infante?

FREI JOSÉ

Fôste a bordo?

SEDOVÉM

Antes não o tivesse visto, que me doeu mais o coração do que se me morresse o meu pai! — Nem me abraçou.

FREI MANOEL

Falaste-lhe?

SEDOVÉM

A mim, o seu amigo, o seu companheiro, fiél como um cão, capaz de me atirar a um poço, de despejar um bacamarte nos miolos se êle mandasse! — Deu-me a mão a beijar, — e nem me abraçou.

FREI MANOEL

E o povo? Que faz o povo?

SEDOVÉM

Dão-lhe vivas. Levantam-no em triunfo! Mas quem está à volta dêle não são os nossos amigos, não é o José Veríssimo, nem o Paiva Raposo, nem o padre Braga, nem os Grilos de Salvaterra, — é a canalha dos liberais, são os inimigos da religião e do trôno, os ministros, os ingleses, o bêbado do Clinton, os malandros do Stubbs e do Vila Real, que ainda nos hão-de pendurar na fôrca, se não lhes

metermos uma choupa pelas guelas, como fizemos ao Marquês de Loulé! — A bêsta tem môrmo, senhor padre Manoel. É preciso abrir-lhe uma sangria na tábua do pescoço!

FREI MANOEL

Mas quais são as intenções do senhor Infante? Que ouviste tu dizer?

SEDOVÉM

Está virado! Está nas mãos dêles. Dizem que vai desterrar a mãe, prender os Silveiras, entregar o govêrno ao Palmela. *(Dando o pasquim a* FREI MANOEL*)* Leia Vossa Paternidade êste papel!

FREI JOSÉ, *tabaqueando o caso*

Eu digo que êle não vai assim. O senhor D. Miguel é muito manhoso.

SEDOVÉM, *emquanto* FREI MANOEL *lê*

Foram os jacobinos que o intrigaram com a senhora Raínha! Mandaram cartas para Viena d'Austria, a dizer que a senhora Raínha tinha envenenado El-Rei que Deus haja! *(Com a cabeça perdida)* Mas sai-lhes a porca mal capada! Raios me partam, se não lhes sai a porca mal capada!

FREI MANOEL, *desaparecendo pela E. baixa*

Sua Majestade não pode saír do Paço. É preciso que Sua Majestade leia isto!

FREI JOSÉ, *a* SEDOVÉM

Eu sempre conheci o senhor Infante com manhas de salôio, como o pai. Chega-se agora à pedreirada, mas depois enxota-a com uma caniça, como a um bando de perús!

SEDOVÉM

Qual história! Vossa Reverência ainda vai nisso? O senhor D. Miguel está vendido aos maçons! Se não estivesse, não tinha jurado a Carta! Se não estivesse, não deixava a canalha insultar-lhe a mãe! Se não estivesse, tinha-me abraçado, como se abraça um homem!

MARGARIDA, *que entra pelo F., ouve as últimas palavras do* SEDOVÉM *e o interrompe num grito*

Mentes! — Vilão!

SEDOVÉM

Margarida!

MARGARIDA

É assim que tu guardas fidelidade ao teu maior amigo! É assim que tu o defendes! É assim que lhe pagas todo o bem que êle te fez! Caluniando-o, apunhalando-o pelas costas! Já os criados do Paço se permitem insultar os reis!

SEDOVÉM

Margarida! Eu sei porque tu falas!

MARGARIDA

Que mal te fez o senhor Infante? Que sabes tu das suas intenções, para lhe chamar vendido? Já não te lembras de que lhe deves a vida, de que tinhas acabado às mãos do carrasco, se êle não fizesse de ti um homem? Já te esqueceste das lágrimas de despedida que êle te chorou nos braços? É o teu amigo, é o teu bemfeitor, é o teu Infante, é o teu irmão, — renegaste-o, agora assassina-o, vende-o pelos trinta dinheiros de Judas! — Ingrato! Vilão!

SEDOVÉM, *abraçando-se a* FREI JOSÉ, *sucumbido*

Margarida!

MARGARIDA, *caindo sôbre um tamborete, num soluço*

Miguel! Amor da minha alma! Como êles se esqueceram de ti!

SEDOVÉM

Padre, peça-lhe que me perdôe.

FREI JOSE

Isto, ainda não há como uma mulher, para gostar dum homem!

CARLOTA JOAQUINA, *figura ao mesmo tempo grandiosa e burlesca, vestida de luto, coberta de breves da marca, de cruzes de Caravaca, de bentinhos, de contas de Jerusalém, entrando pela E. baixa, o pasquim amarrotado na mão, seguida de* FREI MANOEL, *de* D. FRANCISCA VADRE, *das açafatas*

O côche! O côche, depressa! Eu não leio papéis!

FREI MANOEL

Mas, minha Senhora...

CARLOTA JOAQUINA

Eu não tenho mêdo do povo! Nunca tive mêdo do povo! Se me derem morras na rua, tenho o chicote dos meus cocheiros! Se pozerem pasquins nas paredes, vou lá eu mesma arrancá-los! — Margarida, anda comigo! — Sedovém, tu vais à estribeira! — Tinha que vêr, se a filha de Carlos IV tremia com mêdo da canalha!

FREI MANOEL

É preciso que Vossa Majestade tenha prudência!

VADRE, *que traz na mão uma tijela da India, fumegante de caldo*

Beba primeiro o seu caldo, minha Senhora.

CARLOTA JOAQUINA

Qual prudência! Estou farta de padres e de oratório! Tenho o meu filho no mar, quero ir vê-lo. — O chapéu! — Se o povo escabujar, atiro-lhe para cima as patas dos cavalos. — Antonita, o meu leque! *(A* LEONARDO, *que corre pelo F. ao encontro da* RAÍNHA*)* Leonardo, atrela as mulas malhadas, que são as que escoiceiam melhor! — Hijo de mi alma! Sou mãe, quero ir buscar o meu filho. Quero apertá-lo nos braços, tirá-lo das mãos dos pedreiros-livres! Há quatro anos que choro por êle, hijo de mi corazon! Quero-o aqui, comigo, para nunca mais o deixar, o meu arcanjo S. Miguel! *(Bebendo o caldo, recebendo a capa, o chapéu, o leque, a banda das três Ordens, falando a todos, numa exaltação)* Francisca, arma a cama do meu filho na Sala das Merendas, ao pé de mim! — Latanzi, dá jóias às minhas açafatas, que eu quero-as bonitas, para receberem Sua Alteza! *(A* SEDOVÉM*)* Ouves? Todos os cavalos bem fer-

rados, para o senhor Infante montar! *(Ao* GARROCHO) Gado, para êle correr quando chegar a Queluz! — Padre Manoel, o Santíssimo na capela! — Frei José, esmola do meu bôlso a todas as mães que estiverem separadas dos filhos! — Vou vêr o meu filho! Vou vêr o meu filho! *(Encarando, desconfiada, as pessôas que a cercam)* O que é? Porque se calam todos? Porque olham todos para mim, espantados? — Sedovém! Padre Manoel! Que foi que aconteceu ao senhor Infante?

PADRE MANOEL

Nada, minha Senhora.

SEDOVÉM

Sua Alteza está na Ajuda. Chegou lá, em triunfo, nos braços do povo.

CARLOTA JOAQUINA

Então, que foi? Que é que me escondem? Cuidam que o meu filho se virou para a canalha? Que o meu filho me atraiçoou? Que vai mandar-me para o Ramalhão, como fez o pai?

FREI MANOEL, *depois de um silêncio*

Parece-me melhor Vossa Majestade não saír do palácio.

CARLOTA JOAQUINA

Deixa falar! Isso era o que êles queriam! Isso é o que êles dizem nos pasquins! É tudo inventado, para me separarem do meu filho. Levaram-me os outros, mas êste não mo levam! Os outros são entiados, abandonaram a mãe, envergonharam-me a cara. Êste, não; é o meu Miguel, é o filho do meu coração. — Já está na Ajuda? Pois ainda bem! Ponham todos os côches, todas as berlindas do Paço! Vou, com a minha côrte, dar beija-mão à Ajuda! *(Ouve-se um toque de clarim)* Que é?

GARROCHO

Sua Excelência o Duque de Cadaval!

CARLOTA JOAQUINA

Que quér de mim o Duque?

CADAVAL, *entrando pela D., farda azul bordada de palmas de ouro, bota alta, armado*

Beijar as mãos de Vossa Majestade, como seu súbdito fiél, e suplicar-lhe que se conserve aqui.

CARLOTA JOAQUINA, *dando-lhe a mão a beijar*

Porquê? Querem matar-me?

CADAVAL

O povo está exaltado. É melhor Vossa Majestade não expôr a um desacato a sua augusta pessôa.

CARLOTA JOAQUINA, *olhando-o, desconfiada*

Quem foi que te mandou cá? Foi a infanta Isabel Maria?

CADAVAL

Foi a minha fidelidade a Vossa Majestade.

CARLOTA JOAQUINA

. Eu já disse que não tenho mêdo! O meu filho chegou, vou vêr o meu filho. Também queriam matar-me se eu não jurasse a Constituição, e eu não a jurei. Também na Abrilada quizeram coser-me de facadas, e eu fui de berlinda para a Bemposta. Até o meu marido mandou médicos ao Ramalhão para me envenenarem, — êle já morreu, e eu ainda cá estou! — Vamos embora.

CADAVAL

Permita-me então Vossa Majestade que a acompanhe à estribeira do seu côche. A minha vida e a minha espada não ambicionam maior honra do que a de defender a Raínha!

CARLOTA JOAQUINA

Anda cá. Tu também tens mêdo de que o meu filho esteja virado contra mim? *(Aproximando-se dêle e olhando-o, fixamente)* Dize a verdade. Eu estou a vêr-te nos olhos.—Tens mêdo, e foi por isso que vieste.

CADAVAL

Tenho, minha Senhora.

CARLOTA JOAQUINA

Porquê? Porque êle jurou a Carta? Mas jurou falso. Afirmo-te eu que jurou falso! Também eu tenho jurado falso muitas vezes na minha vida, e depois faço o que me convém. Há aí muitos padres para o absolverem. E se ainda fôrem poucos, lá está o Papa, em Roma!—Mas tu falaste ao meu filho?

CADAVAL

Sua Alteza mal se dignou sorrir-me. Falei ao Conde de Vila Real e ao inglês Lamb.

CARLOTA JOAQUINA

Tanto um como o outro são meus inimigos.

FREI MANOEL

São jacobinos ferozes!

CADAVAL

São agora os conselheiros de Sua Alteza. O senhor D. Miguel traz instruções expressas dos gabinetes de Viena e de Londres para se manter fiél ao irmão D. Pedro e às instituições outorgadas. São as ordens de Metternich, de Esterhazy, de Canning.

CARLOTA JOAQUINA

Mas quem manda agora em Portugal, são os portugueses ou são os estranjeiros?

CADAVAL

É toda a gente, menos os amigos de Vossa Majestade!

CARLOTA JOAQUINA

E se o povo, se os regimentos se revoltarem contra a Carta, como em Braga, em Vila Viçosa, em Trás-os-Montes, que faz o meu filho?

CADAVAL

Manda-os fuzilar pela tropa.

CARLOTA JOAQUINA

E a divisão de Espanha?

CADAVAL

Vai ser desarmada.

CARLOTA JOAQUINA

E se eu me revoltar também?

CADAVAL

Será metida numa prisão, ou degredada para o Algarve.

CARLOTA JOAQUINA, *num grito, fóra de si*

Eu? A Raínha?

CADAVAL

Quanto me é penoso dizê-lo! São as intenções de Sua Alteza.

CARLOTA JOAQUINA, *com a cabeça perdida, aos gritos pela sala*

O meu filho quer-me prender! O meu filho quer prender a mãe! Acudam! Acudam! O

meu filho quer-me prender como uma ladra! O meu filho quer mandar-me desterrada para Castro Marim! *(A* FRANCISCA VADRE, *que corre para ela)* Ama, levaram-me o meu filho! *(A* FREI MANOEL, *que a ampara)* Frei Manoel, levaram-me o meu último filho! *(Caíndo numa cadeira, rodeada das açafatas e dos frades)* Eu não tive filhos, tive uma ninhada de lobos!

FREI JOSÉ

Deus há de fazer tudo pelo melhor!

VADRE

Não acredite, minha Senhora. O nosso menino não mudou.

SEDOVÉM

Nós ainda aqui estamos para defender Vossa Majestade!

LEONARDO

Emquanto eu tivér vida e uma navalha, ninguém toca na senhora Raínha!

FREI JOSÉ, *mostrando um cacête por debaixo do hábito de saragoça*

E, em caso de necessidade, dorme a Maria com o frade!

GARROCHO

Senhor Duque! Vem correndo povo para aqui. Parece que querem assaltar o Paço!

CADAVAL, *subindo*

Está aí o comandante da guarda?

LATANZI

Che cosa c'é? Che cosa c'é?

UM OFICIAL, *com o uniforme de briche da Guarda Nacional, a quem o* DUQUE *se dirige*

Dizem que o senhor D. Miguel vem a caminho de Queluz.

CADAVAL

Veja o que há e venha dizer-me.

CARLOTA JOAQUINA

Por isso o meu filho há dois anos que não respondia às minhas cartas! Por isso êle não quiz receber o Martins e o José Crisóstomo, quando eu os mandei com recados a Viena d'Austria! Foi a canalha do govêrno que me

intrigou com o meu filho! Foram êles que mandaram cartas para Viena a dizer-lhe que eu tinha envenenado o pai numa merenda de laranjas, que tinha atirado a irmã para a perdição com o Loulé, que conspirava para fazer rei o meu neto de Espanha! E o meu filho acreditou, e quer prender-me como uma ladra, e as fôrcas não se levantam pelas ruas para pendurar os malvados que roubam um filho a uma pobre mãe! *(Numa excitação crescente, desgrenhada, agarrando-se ao* DUQUE, *ao* SEDOVÉM, *a* FREI MANOEL) Duque! Padre Manoel! Depressa! Metam-se nos côches! Sedovém, monta a cavalo! Vão gritar ao meu filho que é tudo mentira, que eu estou inocente, que fôram os liberais, o Rendufe, os cirurgiões do Paço que envenenaram o Rei, que eu tenho provas, provas, que tudo quanto lhe disseram foi para dividirem ainda mais a nossa família, que eu não conspirei, não comprei oficiais, não levantei regimentos senão para o fazer rei a êle, ao filho do meu coração! Padre Manoel, eu não me importo que me levem tudo, a minha corôa de Raínha, tôda a minha fortuna, — mas deixem-me o amor do meu filho! *(Caíndo a soluçar numa cadeira, como um farrapo doloroso)* Tenham compaixão de mim, que eu sou uma pobre mãe abandonada de todos!

Rumor de povo, toques de clarim, vozes cantando o «Rei Chegou».

O OFICIAL, *entrando*

Senhor Duque! Sua Alteza o senhor Infante D. Miguel, que chega ao palácio!

CARLOTA JOAQUINA, *num grito de júbilo, levantando-se*

O meu filho!

CADAVAL

Que ordena Vossa Majestade?

CARLOTA JOAQUINA, *dominando o seu impulso de mãe, numa expressão de grandeza e de dignidade*

Digam-lhe que a Raínha o recebe!

FREI MANOEL

Aonde, minha Senhora?

CARLOTA JOAQUINA, *grandiosa*

Ali, no trôno!

A RAÍNHA, *rodeada de açafatas, de campinos, de frades, de picadores, de eguariços, de tôda a sua côrte plebeia e pitoresca de Queluz, dirige-se para o estrado do sólio e espera, hirta, majestosa, de pé. O rumor do povo aumenta. Estalam foguetes. Os sinos repicam. Vivas a D. Miguel.*

FREI MANOEL, *ao* DUQUE

Nestas circunstâncias, que pensa fazer Vossa Excelência?

CADAVAL, *indo colocar-se junto do trôno*

O meu dever. Defender a Raínha!

DOM MIGUEL, *como o representa o retrato admirável de Giovanne Ender, aparece à E. alta, à frente duma onda de fardas e de povo.*

VOZES, *dos que acompanham* D. MIGUEL

Viva D. Miguel absoluto! — Viva o Rei!

D. MIGUEL, *apontando a figura negra e grandiosa da mãe, que se levanta no trôno, imóvel*

Viva a Raínha!

VOZES, *dos que rodeiam* CARLOTA JOAQUINA

Viva a Raínha!

D. MIGUEL, *caminhando para a* RAÍNHA *de braços abertos, os olhos marejados de lágrimas*

Mãe! Minha mãe! Minha querida mãe!

CARLOTA JOAQUINA, *caindo nos braços do filho*

Filho da minha alma!

LEONARDO, GARROCHO, CAMBAÇAS, *chorando de alegria e abraçando-se uns aos outros*

É o nosso Infante!

CADAVAL, *a* FREI MANOEL DA EPIFANIA

Está salvo o trôno! *(gritando)* Viva el-rei D. Miguel!

TODOS, *num alarido*

Viva el-rei D. Miguel!

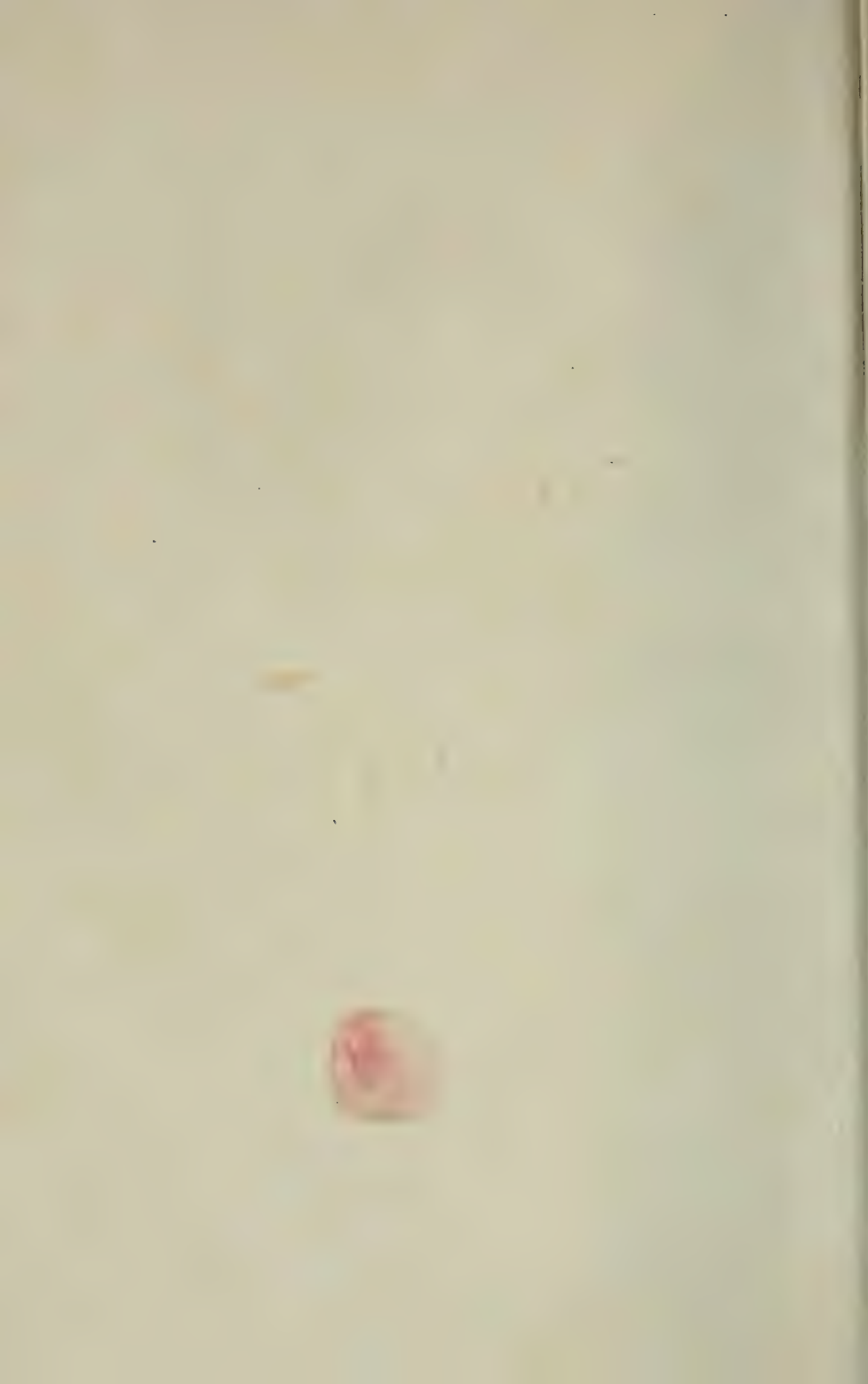
SEDOVÉM, FREI JOSÉ, *levantando* MARGARIDA, *que cai sem sentidos*

Margarida! — Margarida!

Pano, rápido

JULIO DANTAS

D. JOÃO TENÓRIO

SOCIEDADE EDITORA
PORTUGAL-BRASIL, L.da
R. GARRETT. LISBOA

D. João Tenório

Peça em 5 actos e 7 quadros, em verso, representada pela primeira vez no TEATRO NACIONAL ALMEIDA GARRETT, *em 14 de Abril de 1920.*

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 3.ª edição.
Sonetos (1916) — 5.ª edição.

PROSA

Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc. (1909) — 3.ª edição.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 3.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição, no prelo.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 5.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) – 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 5.ª edição.
Êles e Elas (1918) — 4.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 5.ª edição.
Como elas amam (1920) – 3.ª edição.
Abelhas doiradas (1920) – 2.ª edição.
Os galos de Apollo (1921)—2.ª edição.
Arte de amar (1922) – 2.ª edição, ampliada.
O heroísmo, a elegância, o amor (1923).
As Grandes Batalhas – No prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) – 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) – 2.ª edição.
A Severa (1901) – 4.ª edição.
Crucificados (1902) – 2.ª edição.
A Ceia dos Cardeais (1902) – 26.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) – 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) – 3.ª edição.
Um serão nas Larangeiras (1904) – 4.ª edição.
Rei Lear (1906) – 2.ª edição.
Rosas de todo o ano (1907) – 9.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) – 5.ª edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908) – 2.ª edição.
Santa Inquisição (1910) – 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) – 5.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) – 3.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) – 2.ª edição.
1023 (1914) – 3.ª edição.
Sóror Mariana (1915) – 3.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) – 3.ª edição.
D. João Tenório (1920).
A Castro (1920) – 2.ª edição, no prelo.

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição.

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

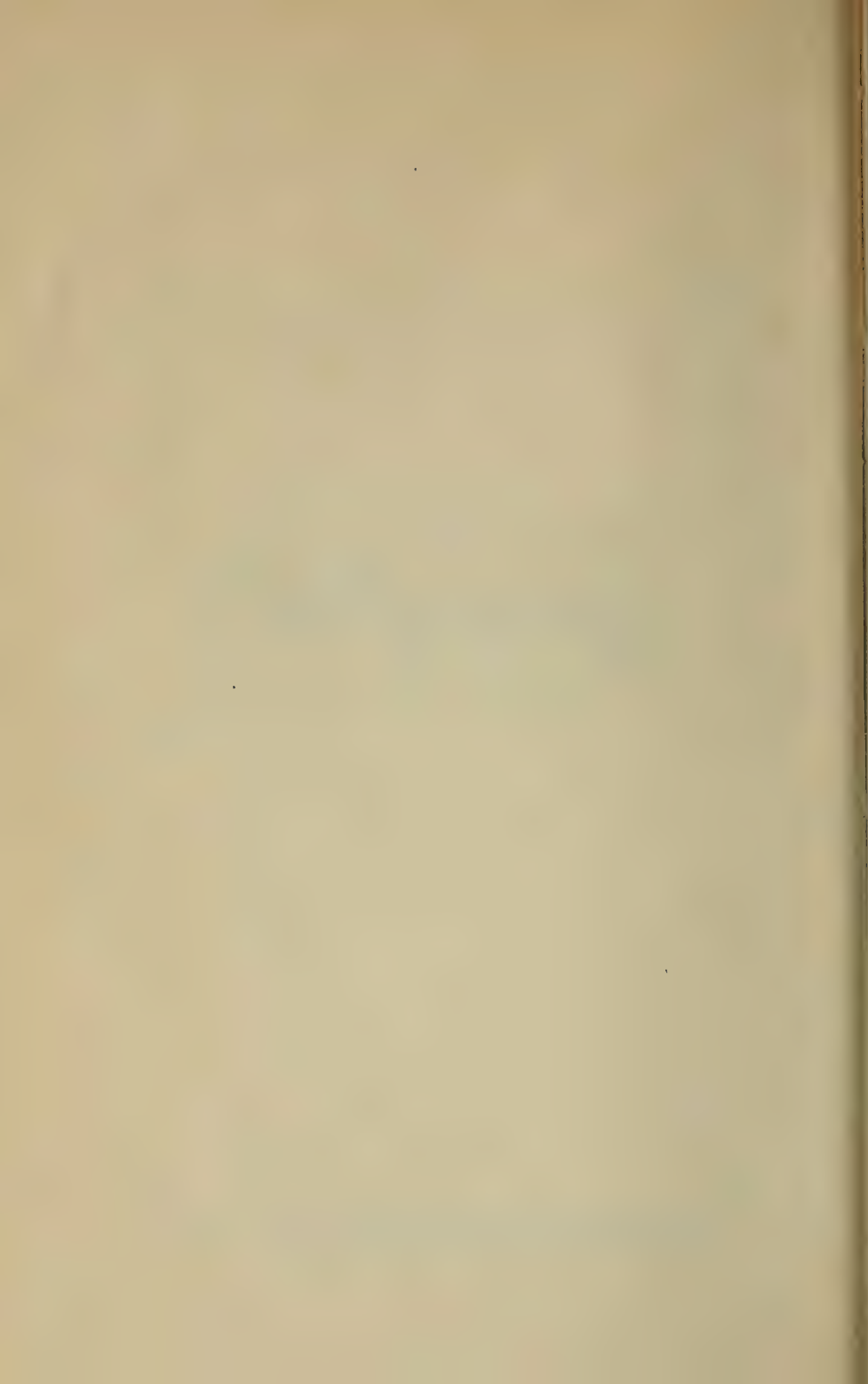
D. João Tenório

Versão libérrima da peça de ZORRILLA

2.ª EDIÇÃO

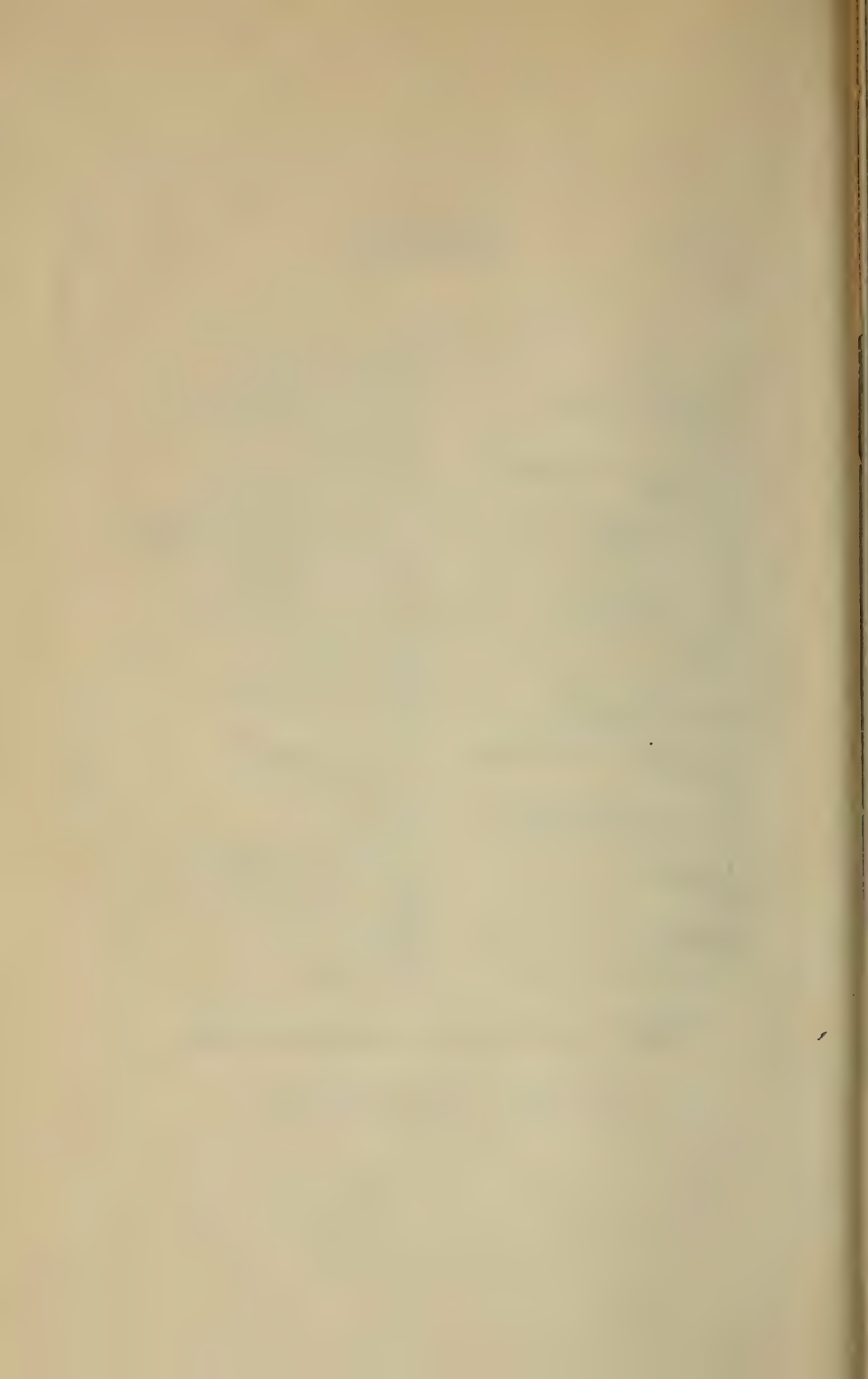
LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
COMPANHIA EDITORA
58 - RUA GARRETT - 60

«Bien parece
que es amor portugués...»

TIRSO DE MOLINA

FIGURAS

Dona Inês..................	Palmira Bastos
Brígida, «dueña»	Lucinda do Carmo
A Abadessa................	Maria Pia
Dona Ana de Pantoja ...	Ofélia Brochado
Dona Sol....................	Leonilde Pereira
A irmã rodeira............	Mariana de Figueiredo
D. João Tenório	Eduardo Brazão
D. Luís Padilha	Rafael Marques
O Comendador	Pato Moniz
Ciutti........................	Erico Braga
D. Diogo Tenório........	Augusto Conde
Capitão Zamora..........	Nazareth
D. Miguel de Avellaneda	João Calazans
Pascoal......................	Cardoso
Montañez, escultor.......	Mattos
Cristófano Butarelli......	Casimiro Tristão
O alcaide...................	Augusto de Mello
Lippo........................	Carlos Shore
Miguel	Amaral
Um aguazil................	Rodrigues

Fidalgos, frades, aguazís, mascarados, povo.

Em Sevilha. — Fim do século XVI.

ACTO I

A hostaria de Cristófano Buttarelli. Interior castelhano do fim do século XVI. *Porta ao F., dando para uma praça de Sevilha. Vê-se, doirada pelos últimos raios de sol, a tôrre da Giralda. Fim de tarde. Mesas, escanos holandeses, cadeiras castelhanas de sola. Oratório encastrado sôbre uma porta.*

SCENA I

D. JOÃO, CIUTTI, BUTTARELLI

D. JOÃO, *figura que parece arrancada a um quadro de Pantoja de la Cruz, escreve, assentado a uma das mesas.* CIUTTI *e* BUTTARELLI, *perto, conversam. Quando se levanta o pano, passam na rua mascarados, estudantes, músicas, povo.*

D. JOÃO

Como gritam, os malditos!
Por Deus! Que um raio me parta,
Se em acabando esta carta
Não pagam caro os gritos!

BUTTARELLI

Bom Carnaval!

CIUTTI

Com certeza
Recheias d'ouro a bolsilha!

BUTTARELLI

Para máscaras, Veneza;
Mas para vinho, Sevilha.

CIUTTI

Alegria, só bebendo.

BUTTARELLI

E graça, — só num borracho!

CIUTTI

Amigo, fala mais baixo,
Que está meu amo escrevendo.

BUTTARELLI

E' teu amo?

CIUTTI

E'.

BUTTARELLI

Na verdade,
Grande senhor! E que tal?
Estás contente?

CIUTTI

Como um frade
Sentado à mesa real.
Tenho tudo quanto quero:
Tempo livre, bolsa cheia,
Vinho, mulheres...

BUTTARELLI

Davvero?

CIUTTI

E tudo isto à custa alheia.

BUTTARELLI

Rico?

CIUTTI

Tem arcas de prata.

BUTTARELLI

Fidalgo?

CIUTTI

Como um infante.

BUTTARELLI

Liberal?

CIUTTI

Como um estudante.

BUTTARELLI

Valente?

CIUTTI

Como um pirata.

BUTTARELLI

Espanhol?

CIUTTI

Creio que sim.

BUTTARELLI

Como se chama?

CIUTTI

Não sei.

BUTTARELLI

Patife! Será o rei?

CIUTTI

Se fôsse, feliz de mim!

BUTTARELLI

Amo rico, mesa farta...
E a quem está êle a escrever?

CIUTTI

Ao pai.

BUTTARELLI

Ou a uma mulher?

D. JOÃO, *dobrando a carta e chamando*

Ciutti!

CIUTTI

Senhor.

D. JOÃO

Esta carta,
Vais metê-la, sem demoras,
Nas folhas do Livro-de-Horas
Que mandei a Dona Inês.
Fala à aia. Êsse animal,
Essa velha criada grave,
Há de entregar-te uma chave,
Dar-te uma hora e um sinal.
Vai e vem, num pensamento.

CIUTTI

Tudo, senhor, se fará.

Sái.

SCENA II

D. JOÃO E BUTTARELLI

D. JOÃO

Cristófano, vieni quà.

BUTTARELLI

Eccelenza!

D. JOÃO

Senti.

BUTTARELLI

Sento.
Ma hó imparatto il castigliano,
Se è piu facile al signor
La sua lingua...

D. JOÃO

É melhor.
Lascia dunque il tuo toscano,
E dize. Luís de Padilha
Veio hoje aqui?

BUTTARELLI

Excelência,
D. Luís não está em Sevilha.

D. JOÃO

Dura há muito a sua ausência?

BUTTARELLI

Há muito.

D. JOÃO

Um ano?

BUTTARELLI

Talvez.

Recordando-se:

Espera! Se não me engano,
Esta noite cumpre-se o ano
Duma aposta que êle fez.
Foi nessa mesma cadeira
Em que a Excelência se encosta,
Dez de março, quinta-feira...

D. JOÃO

E' tão célebre essa aposta,
Que a sabe Sevilha inteira!
Apostaram dois fidalgos,
Na frente dêste oratório,
Qual faria, em um só ano,
Com mais fortuna, mais dano, —
Luís Padilha ou João Tenório.
Esta noite expira o praso.

BUTTARELLI

E' certo!

D. JOÃO

E aí, que se diz?
Saberás tu, por acaso,
Se vem ou não D. Luís?

BUTTARELLI

Aposta feita há um ano,
Quem é que se lembra dela!

D. JOÃO, *dando-lhe uma moeda de ouro*

Toma.

BUTTARELLI

Um dobrão castelhano!

D. JOÃO

Que viva Deus e Castela!

BUTTARELLI, *olhando-o, desconfiado*

Acaso sabeis dalgum
Dos fidalgos?

D. JOÃO

Sim. Sei dum.

BUTTARELLI

Virão?

D. JOÃO

Um, vem com certeza.
O outro, vêr-se há depois.
E, se vierem os dois,
Duas garrafas na mesa!

BUTTARELLI

Mas...

D. JOÃO

Lachryma-Christi. Adeus.

SCENA III

BUTTARELLI, *só*

BUTTARELLI

Quem diabo será êste homem?
Um dobrão d'ouro, — é alguém!
Se o que êle diz é verdade
E os fidalgos aí vêm,
Cái-me aqui tôda a cidade!

Ruído, vozes, tinir de espadas, fóra:

Santa Madona! Que é isto?
Temos agora arruaça?
O fidalgo — Jesus Cristo! —
De espada em punho, na praça!

Corre, ensangùenta, atropela!
Por Deus! Tenório e Padilha,
Que chegaram a Sevilha
E que alvoroçam Castela!

Chamando :

Miguel!

SCENA IV

BUTTARELLI E MIGUEL

MIGUEL

Padron!

BUTTARELLI

Presto, qui!
Servi una tabola, amico,
E del Lacryma piu antico
Porte due butteglie!

MIGUEL

Si,
Signor padrone!

Sáem ambos.

SCENA V

BUTTARELLI E D. GONÇALO

D. GONÇALO *embuçado, lendo a taboleta*

«*Cristófano*
Buttarelli». E' aqui.

Chama:

Ó da locanda!

BUTTARELLI, *de dentro*

Presto!

D. GONÇALO

Onde?

BUTTARELLI, *aparecendo*

Estou com pressa. Dizei.

D. GONÇALO

Vê lá se é ouro de lei
Êsse dobrão,— e responde.

BUTTARELLI

Ó Excelência!

D. GONÇALO

Conheces
D. João Tenório?

BUTTARELLI

Melhor
Do que a mim próprio, senhor.

D. GONÇALO

Se é verdade o que se diz,
Tem hoje, não tarda nada,
Uma entrevista aprazada...

BUTTARELLI

Sereis, acaso, D. Luís?

D. GONÇALO, *desembuçando-se*

Não sou.

BUTTARELLI

Vejo que não sois.

D. GONÇALO

Mas — p'la Virgem do Pilar! —
Tenho interêsse em escutar
O que disserem os dois.

BUTTARELLI

Hão-de trazer que se conte!
Veem cear nesta mesa.
Portanto, Vossa Nobreza
Pode sentar-se defronte.

A MIGUEL, *que aparece :*

Xerez! Sorrento! Depressa!

D. GONÇALO

Quero assistir à entrevista;
Mas é preciso que assista
Sem que ninguém me conheça.

BUTTARELLI

Nada mais fácil.

D. GONÇALO

Contudo...

BUTTARELLI

Carnaval. Ninguém repara.
Uma máscara na cara
E está resolvido tudo.

D. GONÇALO

Não há nenhum aposento
Contíguo?

BUTTARELLI

Senhor, não.

D. GONÇALO

Traze-me a máscara, então.

BUTTARELLI

Excelência, — é um momento.

Sái.

SCENA VI

D. GONÇALO

D. GONÇALO

Pode haver tanta roìndade
Em corações bem nascidos!
Não. Vou saber a verdade
Pelos meus próprios ouvidos.
Se é certo, toda Sevilha
Deve sentir-se ultrajada!
Antes morta, minha filha,
Que ver-te tão mal casada!

SCENA VII

D. GONÇALO, BUTTARELLI

BUTTARELLI

Uma máscara italiana.
Quer pô-la, Excelência?

D. GONÇALO

Sim.
Maldade, maldade humana,
O que fizeste de mim!
Tardarão?

BUTTARELLI

Não têm demora,
Se vierem, como eu agouro.
Oito horas na Tôrre do Ouro.
Vão bater.

D. GONÇALO

E é essa a hora?

BUTTARELLI

É essa a hora aprazada.
Perderá (ouço dizer)
Aquele que não estiver
Á última badalada.

D. GONÇALO

Veremos. Esperarei.
A solidão dá conselho.

BUTTARELLI

Excelência!

Á parte:

O bom do velho
Parece alcaide d'el-rei!

D. GONÇALO, *àparte*

Minha filha, Deus te valha!
Não me sái do pensamento
Que o veu do teu casamento
Vai ser a tua mortalha!

SCENA VIII

D. GONÇALO, BUTTARELLI, D. DIOGO

D. DIOGO *pára à porta, embuçado, e lê:*

«*Hostaria de Florença*».

Chama:

Ó da casa!

BUTTARELLI

Outro embuçado?

D. DIOGO

Buttarelli?

BUTTARELLI

Seu criado.

D. DIOGO

És tu?

BUTTARELLI

Na sua presença.

D. DIOGO

Tenório tem hoje aqui
Um desafio, ou reùnião?
Responde.

BUTTARELLI

Creio que sim.

D. DIOGO

Já veio?

BUTTARELLI

Creio que não.

D. DIOGO

Mas virá?

BUTTARELLI

Não sei se vem.

D. DIOGO

Esperas por êle?

BUTTARELLI

Espero.
E vós, que pretendeis?

D. DIOGO *sentando-se à mesa, do outro lado*

Quero
Esperar Tenório também.

BUTTARELLI

Então, desejais talvez
Viandas, Málaga, Xerês,
O fino licor dos brunos,
Pão-de-ló de frei Ascenço...

D. DIOGO, *dando-lhe uma moeda de ouro*

Toma.

BUTTARELLI

Oh! Excelência!

D. DIOGO

Dispenso
Cumprimentos importunos.

BUTTARELLI

Perdoai.

D. DIOGO

Estás perdoado.
Vai com Deus.

BUTTARELLI, *àparte*

Por Jesus Cristo!
Não me lembro de ter visto
Um homem tão malcriado!

D. DIOGO, *quando* BUTTARELLI *se afasta*

Se não me enganou D. Frei,
Se o que dizem é verdade,
Que monstro de iniquidade
Com o meu sangue gerei!
O orgulho dos velhos páis!
O filho a quem dei o ser!
Pode um milhafre nascer
Num ninho de águias reais!

BUTTARELLI, *a* MIGUEL, *apontando-lhe as figuras silenciosas de* D. GONÇALO *e* D. DIOGO

Duas figuras de pedra
Com a aparência dum homem:
Escutam mais do que falam,
E pagam mais do que comem.

———

SCENA IX

D. GONÇALO, D. DIOGO, BUTTARELLI,
CAPITÃO ZAMORA,
AVELLANEDA, DOIS CAVALEIROS

AVELLANEDA, *à porta, num gesto de cortezia*

Primeiro, vossa mercê.

ZAMORA

Não. Vossa mercê primeiro.

BUTTARELLI

Senhor capitão Zamora!
D. Miguel Avellaneda!
Bemvindos a esta casa.

ZAMORA, *a* BUTTARELLI

Então, sempre é hoje a aposta?

AVELLANEDA

D. Luís Padilha já veio?

ZAMORA

Já veio D. João Tenório?

BUTTARELLI

Per Bacco! Nem um, nem outro,
E é quási a hora aprazada.

AVELLANEDA

Mas não faltam, com certeza.

ZAMORA

Tenório nunca faltou
A um desafio. Sei-o eu.

AVELLANEDA

Desafiasse-o o próprio Deus, —
Padilha não faltaria.

BUTTARELLI

Eu, por mim, nem me lembrava
Da aposta que êles fizeram.
Esteve aí um fidalgo
Que parecia pintado
Por Pantoja de la Cruz,
Sentou-se, escreveu, mandou
A carta por um escudeiro,
Sabia do encontro de hoje,
Perguntou por D. Luís,
E disse-me que um dos dois,
Ao menos, não faltaria.

«— Se ambos vierem, Cristófano,
Duas garrafas na mesa!» —
Gritou êle, já da porta.
Saíu daqui, espada em punho, —
E eu pus a mesa p'ra os dois.

AVELLANEDA

Era D. Luís, com certeza.

ZAMORA

Era, por certo, Tenório.

BUTTARELLI

Não sei...

ZAMORA

Não lhe viste a cara?

BUTTARELLI

Trazia máscara.

ZAMORA

Diabo!

AVELLANEDA, *a* ZAMORA

Mas, afinal, o que foi
Que êles apostaram?

Começam a ouvir-se, lentamente, as oito horas.

BUTTARELLI

Chut!
Estão batendo as oito horas
No sino da catedral.

SCENA X

OS MESMOS, D. JOÃO, D. LUÍS, CURIOSOS, MASCARADOS

Silêncio de espectativa. Entram mais fidalgos e distribúem-se pela scena, uns sentados às mesas, outros de pé. Os criados trazem luzes. D. JOÃO TENÓRIO, *de máscara, entra, acerca-se da mesa que* BUTTARELLI *preparou, ao meio da scena, e dispõe-se a ocupar uma das cadeiras.* D. LUÍS *entra em seguida, vestido menos sombriamente, também de máscara, e dirige-se para a outra cadeira vaga. A última badalada sôa.*

AVELLANEDA, *apontando* D. JOÃO

Aquele, se êles vierem,
Tem de tirar-se dali.

ZAMORA, *a* AVELLANEDA, *apontando* D. LUÍS

Que comédia! Lá vai outro
Sentar-se na mesa dêles.

D. JOÃO, *a* D. LUÍS

A cadeira está tomada,
Fidalgo.

D. LUÍS, *a* D. JOÃO

O mesmo vos digo,
Fidalgo. Para um amigo
Tenho eu ess'outra guardada.

D. JOÃO

Que esta é a minha, é notório!

D. LUÍS

Que é a minha, sabe-o Sevilha!

D. JOÃO

Sois, portanto, Luís Padilha.

D. LUÍS

Sois, portanto, João Tenório.

D. JOÃO

É possível.

D. LUÍS

Sois, ou não?

D. JOÃO

Não percamos tempo, agora!

D. LUÍS

Pois, então, máscaras fóra!

Tira a máscara:

Eu sou D. Luís.

D. JOÃO, *tirando a máscara, também*

E eu, D. João.

BUTTARELLI

São êles!

D. JOÃO TENÓRIO *e* LUÍS PADILHA *assentam-se à mesa. O capitão* ZAMORA, AVELLANEDA, *e outro fidalgo que os acompanha, vão cumprimentá-los. Outras figuras descobrem-se.* TENÓRIO *corresponde às saúdações com frieza orgulhosa;* D. LUÍS *com risonha cordialidade.*

ZAMORA

D. João!

AVELLANEDA

D. Luís!

D. JOÃO

Senhores!

D. LUÍS

Honra tamanha!

BUTTARELLI, *a* MIGUEL

Os fidalgos mais gentís
Que teem nascido em Espanha!

ZAMORA

Soubemos da aposta, e os três
Vimos saudar-vos, senhores.

D. JOÃO

Graças!

D. LUÍS

São tudo primores
Dignos de Vossas Mercês.

D. JOÃO

A vossa intenção, suponho,
É assistir à entrevista.
Pois bem. Por mim, não me oponho
A que tôda a gente assista.

D. LUÍS

Nem eu, decerto, me opunha:
De tudo o que pratiquei,
Dou a Deus por testemunha
Que nunca me envergonhei.

D. JOÃO

Sabe o mundo, que é bem grande,
Porque a todo o mundo o digo,
Que, por onde quer que eu ande,
Vai o escândalo comigo!

D. LUÍS, *aos fidalgos que os rodeiam*

Sentai-vos, pois, e ouví.

Dirigindo-se a D. GONÇALO:

Vós, senhor, vinde também.

D. GONÇALO

Mercês. Daqui ouço bem.

D. LUÍS *a* D. DIOGO

E vós?

D. DIOGO

Ouço bem, daqui.

D. JOÃO

Estamos prontos?

D. LUÍS

Estamos.

D. JOÃO

Cumprimos o que dissemos.

D. LUÍS

Vejamos o que fizemos.

D. JOÃO

Bebamos, antes.

D. LUÍS

Bebamos.

Bebem.

D. JOÃO

Veio a aposta...

D. LUÍS

De eu dizer
Que não havia, em Sevilha,
Ninguém capaz de fazer
O que faz D. Luís Padilha.

D. JOÃO

E eu, perante êste oratório,
Jurei: ninguém, nas Espanhas,
Igualará as façanhas
De que é capaz João Tenório.
Foi isto?

D. LUÍS

E então, com profundo
Desdém da vida e do amor,
Apostámos, num segundo,
Quem, com fortuna maior,
Faria peor mal no mundo.
Passado o prazo de um ano,
Ficámos de estar aqui.

D. JOÃO

Cumpri como um castelhano!

D. LUÍS

Como um fidalgo, cumpri.

ZAMORA, *para os assistentes*

Senhores, estranha aposta!

D. JOÃO

Falai primeiro, D. Luís.

D. LUÍS

Essa honra é vossa, D. João.
Começai.

D. JOÃO

Começarei.

Pausa. Silêncio profundo da assistência.

Cingida a mais fina espada,
Amigos, para melhor
Jogar a minha cartada,
Busquei a Itália doirada,
País do duelo e do amor.
Que terra p'ra viver mais,
Matar melhor — justos céus! —
Atear paixões mais fatais,
Que a Roma dos cardeais,
Das cortezãs e de Deus?
Chegado a Roma, bem cedo
Preguei na tábua da porta
O meu cartel de Toledo:
«Mora aqui D. João Tenório,
Que não sabe o que é o mêdo».
Logo veio um Lorenzaccio:
Dois golpes,— *requiem* eterno.
D'Orsini tolheu-me o passo:
Matei-o. Cançou-me o braço
De meter almas no inferno!
Assassinei, por prazer;
Violei,— para descançar.
Belos corpos de mulher!
Quanto sangue fiz correr,

Quantos olhos fiz chorar!
Duelos, que deram brado;
Loucuras, que ninguém pensa!
Até um convento assaltado...
— Tinha morrido enforcado
Se não fujo p'ra Florença.
Aí, outro cartel à porta:
De novo feri, matei,
Vendi mulheres — que importa! —
E então, quanta garça morta
Digna dos beijos d'el-rei!
No caminho da demência,
Fiz o maior mal que pude,
O sacrilégio, a violência,
Atropelei a inocência,
Escarneci a virtude.
Nem as freiras respeitei,
Nem o próprio Deus, emfim:
Ensanguentei, ultrajei,
Por tôda a parte deixei
Memória amarga de mim!
Não. Não me esqueci de nada.
Tudo o que fez de cruel
A minha sombra execrada,
Está escrito neste papel,
Mantenho-o com esta espada!

D. LUÍS

Lêde, pois.

AVELLANEDA

Silêncio!

D. JOÃO

Agora,
É a vossa vez de falar.
Os papéis, a tôda a hora
Os podemos cotejar.

D. LUÍS

Aceito.

Ligeira pausa.

Como D. João,
Sonhando aventuras grandes,
Jôgo, amor, dissipação,
Embarquei num galeão
Que me conduziu a Flandres.
Fui com o duque de Ossuna;
Instalei-me com esplendor.
Mas joguei — sorte importuna! —
Perdi a minha fortuna
E fiz-me salteador.
Roubei, d'arcabuz na mão!
Riquezas, sangue, matança.
Ladrão que rouba a ladrão,
Estrangulei o capitão
E fugi, rico, p'ra França.
A França das flôres-de-lis!
Mal cheguei, logo depois,

Puz um cartel em París:
«Aqui vive um D. Luís
Que tem bravura por dois.
Não sabe o que são revezes;
E não traz outras emprezas
Senão, durante alguns meses,
Bater-se com os franceses
E namorar as francesas».
Um nobre Guise correu:
Ficou-me duma estocada.
E então, por S. Bart'lomeu,
París inteira tremeu
Na ponta da minha espada!
Não respeitei, corrompidos,
Na febre dos meus prazeres,
Na fúria dos meus sentidos,
Nem a vida dos maridos,
Nem a honra das mulheres.
Como vós, com insolência,
Atropelei a razão,
Escarneci a inocência,
Vivi sem fé nem consciência,
Matei sem dó nem perdão.
Fui rico, volto arruinado.
Na vida tudo se joga.
Mas salva-me (está tratado)
O meu próximo noivado
Com D. Ana de Pantoja.
Bem rica mulher me dão:

Caso àmanhã, opulento.
Quer ganhe a aposta, quer não,
Convido-vos D. João,
A assistir ao casamento.
Provei que não me esqueci
Da espada no talabarte.
O que fiz, está aqui.
Pelo meu punho o escrevi
E mantenho-o em tôda a parte.

D. JOÃO

Sim. A história é semelhante
E os relatos são completos.
Mas falta o mais importante.
Vamos a factos concretos.
Vamos a números. Adiante.

D. LUÍS

D'acôrdo. Provas à vista.
Aqui está tudo, a rigor:
Puz os nomes numa lista
P'ra se contarem melhor.

D. JOÃO

O mesmo disse, — e cumpri-o.
Trago, em listas separadas,

Os mortos em desafio
E as mulheres enganadas.

Trocam os papéis.

Contai.

D. LUÍS

Contai.

D. JOÃO

Vinte e três.

D. LUÍS

Os mortos. Agora, vós.
Pela cruz de Santo André!
Aqui somo trinta e dois!

D. JOÃO

São os mortos.

D. LUÍS

É matar!

D. JOÃO

Tenho mais nove.

D. LUÍS

Venceis.
Vamos agora às conquistas.

D. JOÃO

Eu conto cinqüenta e seis.

D. LUÍS

E eu somo, nas vossas listas,
Setenta e duas!

D. JOÃO

Perdeis.

D. LUÍS

É extraordinário, D. João!

D. JOÃO

Mas se duvidais, em suma,
Apontadas, uma a uma,
As testemunhas aí estão.
Podeis ouví-las.

D. LUÍS

Oh! Não.
A vossa lista é cabal.

D. JOÃO

Desde uma Infanta real
Á filha dum pescador,

Possuiu tôdas, por igual,
O meu tenebroso amor.
Tendes faltas a notar?

D. LUÍS

Falta-vos uma noviça
Em vésperas de professar.

D. JOÃO

Falais com tôda a justiça,
Irei buscá-la ao altar!
E desde já vo-lo digo:
— Não é uma cartada vã! —
Á freira, doida comigo,
Junto a noiva dum amigo
Que vai casar-se àmanhã.

D. LUÍS

Sant'Iago! Sois atrevido!

D. JOÃO

Aposto já, se quereis.

D. LUÍS

Aceito o vosso partido.
Para dá-lo por perdido,
Quereis vinte dias?

D. JOÃO

Seis.

D. LUÍS

P'ra possuir uma mulher?
Mas quantos dias gastais
Com cada mulher que amais?

D. JOÃO

É facil de vos dizer:
Um dia p'ra namorá-las,
Outro para possuí-las,
Outro para abandoná-las,
E uma hora p'ra as esquecer.
A minha vontade é lei;
Nem mesmo Deus a revoga.
Portanto, D. Luís, sabei:
Amanhã, roubar-vos-hei...

D. LUÍS

Quê?

D. JOÃO

D. Ana de Pantoja.

D. LUÍS

Vêde o que dizeis, D. João!

D. JOÃO

Digo o que faço, D. Luís!
Eu sempre fiz o que quis.

D. LUÍS

Por Deus vos juro que não!

Chamando o escudeiro:

Lippo!

LIPPO, *aproximando-se*

Senhor!

D. LUÍS

Um recado.

Fala-lhe em segrêdo. LIPPO *sái, apressado.*

D. JOÃO

Ciutti!

CIUTTI, *aproximando-se*

Excelência.

D. JOÃO

Ao ouvido.

Segreda-lhe qualquer coisa. CIUTTI *desaparece.*

D. LUÍS

O dito, dito?

D. JOÃO

Entendido.

D. LUÍS

Aposto a vida!

D. JOÃO

Apostado.

D. GONÇALO, *erguendo-se, com dignidade*

Ó raça de Iscariote!
Não me tremessem as mãos,
Que vos corria a chicote!

D. LUÍS, *arrancando a espada*

Olá!

D. GONÇALO

E dizem-se cristãos,
E fidalgos espanhoes,
E homens honrados, talvez!

D. JOÃO, *espada em punho*

Em guarda, quem quer que tu és!
Os mortos são trinta e dois?
Vou fazer os trinta e três!

BUTTARELLI, *interpondo-se*

Senhor!

D. GONÇALO

Inúteis arrancos!
Não vêem êstes covardes,
Que eu tenho os cabelos brancos!

ZAMORA, *a* D. JOÃO, *detendo-o*

É velho. Cabeças tontas!

AVELLANEDA, *afastando* D. LUÍS

Deixai-o. A velhice é estulta.

D. LUÍS

Quem é velho não insulta;
Cala-se e reza nas contas!

D. JOÃO

Fóra d'aqui!

D. GONÇALO

Monstro odiento,
Sei afinal, quem tu és!
D. João, desde êste momento,
Está nulo o teu casamento:
Não penses em D. Inês!

D. JOÃO

Por Satanaz! Quem és tu?

Arrancando-lhe a máscara:

D. Gonçalo!

D. GONÇALO

Sim. Sou eu.

D. JOÃO

D. Gonçalo!

D. GONÇALO

A minha filha
Não cái na tua garra impura!
Junto aos anjos, seus irmãos,
Num cláustro, por minhas mãos,
Vou abrir-lhe a sepultura.

D. JOÃO

Num cláustro? É a ocasião!
D. Luís, a lista era omissa:
Aqui temos a noviça!
Apostada!

D. DIOGO *erguendo-se, formidável*

Maldição!
E um raio não te fulmina,
Ó filho degenerado!

E tu não cáis, esmagado
Pela justiça divina!
Já que Deus quer que um leão
Possa gerar um abutre,
Vai! Volta à devassidão,
Volta ao sangue que te nutre,
Aos prazeres em que te esvais,
Á desonra, à perdição...
Mas não me apareças mais,
Não te conheço, D. João!

D. JOÃO

Quem ousa falar-me assim?
Que diabo me importa a mim
Que me conheças ou não?
Donde vens tu?

D. DIOGO

Fica em paz!
Mas há um Deus justiceiro;
Tarde ou cedo, pagá-lo hás!

D. JOÃO *tomando-lhe o passo*

Não sáis d'aqui!

D. DIOGO

Para trás!

D. JOÃO

Tira a máscara primeiro!

D. DIOGO

Arranca-ma, se és capaz!

(D. JOÃO *arranca-lhe a máscara*)

Vilão! Puzeste-me as mãos
Na cara!

D. JOÃO

Inferno, — meu pai!

D. DIOGO

Não! Eu nunca fui teu pai!
Renego de honra tamanha!

D. JOÃO

Estaremos confundidos?

D. DIOGO

Mentiste! Os grandes de Espanha
Nunca geraram bandidos!

A D. GONÇALO:

Vamos, D. Comendador.
Morreu-me um filho!

D. GONÇALO, *abraçando-o*

Senhor,
Deus dê fôrça a um coração
Que é profundo como o mar!

D. DIOGO, *saindo, pouco a pouco, com* D. GONÇALO

Deus te perdôe, D. João,
Que eu não te posso perdoar!

D. JOÃO

Quem fala aí em perdão?
Quando foi que eu to pedi?
O meu orgulho — p'los céus! —
Não pede perdão a Deus,
Nem o aceitava de ti!

SCENA XI

OS MESMOS, MENOS D. DIOGO
E D. GONÇALO

BUTTARELLI

Senhores, a mesa está posta.

D. JOÃO

Nào estranheis, D. Luís, a homília;
São negócios de família.
Falemos da nossa aposta.

D. LUÍS

Está assente que se joga,
D. João, nesta partida...

D. JOÃO

D. Inês e Ana Pantoja.

D. LUÍS

E o preço é a vida?

D. JOÃO

A vida.

D. LUÍS

Bebamos, pois!

SCENA XII

OS MESMOS, o ALCAIDE, AGUAZIS, POVO

UM AGUAZIL, *de chuço e saltimbarca, avançando*

D. João Tenório!

D. JOÃO

Que é lá?

UM AGUAZIL

Estais prêso, em nome d'el-rei.

D. JOÃO

Prêso, porquê? Sonharei?

AGUAZIL

O alcaide vo-lo dirá.

D. LUÍS

Principiamos a jogar,
D. João. Jôgo certeiro.
P'ra não poderdes ganhar,
Mandei-vos denunciar
Há pouco, p'lo meu escudeiro.

D. JOÃO

Bravo! A cartada é perfeita!
P'lo menos, é atrevida!

D. LUÍS

Ide, pois, que desta feita
Sou eu que ganho a partida!

D. JOÃO

Veremos!

ALCAIDE, *avançando, a vara de prata na mão*

D. Luís Padilha!
Estais prêso à ordem d'el-rei.

D. LUÍS

Prêso por quem? Sonharei?

ALCAIDE

Pelo alcaide de Sevilha.

D. JOÃO

Continuamos a jogar,
D. Luís. Trôco por trôco.
Para ninguém me estorvar,
Mandei-vos denunciar
Pelo meu pagem, há pouco!

D. LUÍS

Mas não vencereis, repito.
Àmanhã, sois enforcado!

D. JOÃO, *no meio da escolta, sorrindo*

D. Luís, o dito, dito!

D. LUÍS, *entre os aguazis*

O apostado, apostado.

ALCAIDE

Vamos, senhores.

Sáem, cada um no meio da sua escolta diferente. Alguns fidalgos acompanham-nos.

SCENA XIII

BUTTARELLI, AVELLANEDA, ZAMORA.

ZAMORA

Por Judas!
Não sei qual deles mais brilha
Neste desafio inglório!

AVELLANEDA

Eu aposto por Padilha.

ZAMORA

Eu aposto por Tenório.

PANO

ACTO II

Exterior da casa de D. Ana de Pantoja, no cruzamento de duas ruas do velho burgo de Sevilha. Portão senhorial; uma janela baixa, de rótulas, praticável, protegida por uma forte grade de ferro forjado. Num dos cunhais, as armas dos Pantojas; no cunhal fronteiro, uma imagem da Virgem. A rua do F., lageada, termina num arco.

SCENA I

D. DUÍS, LIPPO

LIPPO

Que mais ordenais, senhor?

D. LUÍS

Os meus agradecimentos
A D. Antão de Barrientos,
Que me serviu de fiador.
É uma nobre alma espanhola.
Não te demores. Vai já.

LIPPO *retira-se;* D. LUÍS *chama-o :*

Lippo!

LIPPO

Senhor.

D. LUÍS

A pistola.

LIPPO

Está carregada.

D. LUÍS

Dá cá.
D. João deve inda estar prêso;
Naturalmente, não vem.
Mas não me encontra indefeso.

LIPPO

Quereis que fique, também?

D. LUÍS

Não. A esgrima que tu jogas
É de Itália e não de Espanha.
Bate em casa dos Pantojas
E dize a Pascoal que venha.
Quero falar-lhe.

Lippo vai bater ao portão da E.

Ai, D. Ana,
Por ti, apostei a vida!
Ou o coração me engana,
Ou D. João perde a partida...

SCENA II

D. LUÍS, PASCOAL

PASCOAL, *entrando, quando* LIPPO *sái*

Pela Virgem d'Aragão!
Já saístes da prisão?
Estais livre, senhor!

D. LUÍS, *abraçando-o*

Pascoal,
O tesoureiro real
Afiançou-me.

PASCOAL

E D. João?

D. LUÍS

Não sei se está prêso ainda.

PASCOAL

Fugiu. Corre aí essa voz.

D. LUÍS

Eu receio a sua vinda:
Há um desafio entre nós.

PASCOAL

Um desafio?

D. LUÍS

E de sorte,
Que jogo nêle honra e fama!
Servir-me hás?

PASCOAL

Até à morte.
De que se trata?

D. LUÍS

Da tua ama.

PASCOAL

De D. Ana de Pantoja?
Sou seu mordomo, e valente.
Quem contra ela se arroga
Encontra-me pela frente!
Que há, senhor D. Luís?

D. LUÍS

Escuta.
Por orgulho castelhano,
Pascoal, há cêrca dum ano,
Empenhei-me numa luta
Com João Tenório.

PASCOAL

E depois?

D. LUÍS

O que apostámos um dia,
Com bravura e galhardia
Cumprímo-lo à risca os dois.
Mas D. João ganhou. E, louco,
Disse-me: — «Se inda achais pouco,
(P'la cruz desta toledana,
Não é uma palavra vã!)
Hoje vos roubo D. Ana
E não casais àmanhã.»

PASCOAL

Êle disse isso? É ousado!

D. LUÍS

Disse-o, — e tu vais ver que o faz.

PASCOAL

Tendes mêdo?

D. LUÍS

Êsse malvado
Tem pacto com Satanaz!

PASCOAL

Ide. Deixai-o comigo.
Estando eu aqui, não há p'rigo.

D. LUÍS

Sabes lá do que é capaz!
É homem para enganar-te
Sem tu sequer o supôres.

PASCOAL

Tenho estendido outros peores
A tiro de bacamarte.
Pela Virgem do Pilar!
Nem dois Tenórios, nem três,
Chegam para fazer suar
A barba a um aragonês!

D. LUÍS

Sim, em combate leal
Está bem; mas na astúcia, não.

Se eu te conheço, Pascoal,
Também conheço D. João.
E' perigosa criatura...

PASCOAL

Preocupa-vos em extremo!

D. LUÍS

Não temo a sua bravura;
São os seus ardís que eu temo.

PASCOAL

Mas que receais?

D. LUÍS

Que êle venha
Por D. Ana, p'rá roubar.

PASCOAL

Inda há pistolas em Espanha,
E mãos — para as desfechar!
Ide. Deixai-o comigo.

D. LUÍS

Só há uma fórma, amigo,
De eu ficar tranqùilo.

PASCOAL

Qual?
Levar D. Ana? Prendê-la?

D. LUÍS

Deixares-me ficar, Pascoal,
Esta noite em casa dela.

PASCOAL

Não!

D. LUÍS

Guardá-la-hemos os dois.

PASCOAL

Tirai daí o sentido.

D. LUÍS

Amanhã sou seu marido!

PASCOAL

Mas, hoje, ainda o não sois.
Só se D. Gil fôr ouvido:
Homens, de portas a dentro,
Não vêm sem licença sua.

D. LUÍS

Tu escolhes: ou eu lá entro,
Ou ponho em armas a rua!

PASCOAL

Tendes ciumes dela, não?

D. LUÍS

Tu dirás o que quizeres.
Eu fio-me nas mulheres
Inda menos que em D. João!
Quero entrar aquela porta
Para zelar o que é meu:
A vida pouco me importa;
A honra — defendo-a eu!

PASCOAL

E a de D. Ana é preciosa.
Mas pensai, nobre Padilha,
E' p'ra mim quási uma filha...

D. LUÍS

E é p'ra mim quási uma espôsa!
Ouve, Pascoal...

PASCOAL

Seja, pois.
Se achais êsse passo honesto,
O meu quarto é bem modesto,
Mas chega para nós dois.

Com a condição jurada
De que D. Ana é sagrada:
Não sairemos de lá.

D. LUÍS

Pela cruz da minha espada!

PASCOAL

Está prometido?

D. LUÍS

Está.

Encaminhando-se para o portão dos Pantojas:

Vamos.

PASCOAL, *detendo-o*

Que quereis?

D. LUÍS

Entrar.

PASCOAL

Devagar. Depois vos chamo.
Temos primeiro de esperar
Que se recolha meu amo.

D. LUÍS

Inferno! — E êsse bom senhor
A que horas se deita?

PASCOAL

A's dez.

D. LUÍS

Chego já tarde, talvez!

PASCOAL

Mais cedo, seria peor.
A's dez horas dais sinal
Nesta janela de grade,
E eu venho abrir-vos.

D. LUÍS

Pascoal,
Eu vou morrer d'anciedade!

PASCOAL

Confiai em mim — e em Deus.

D. LUÍS

Obrigado, meu amigo!

PASCOAL

Quereis armas?

D. LUÍS

Não. Adeus.
Trago pistolas comigo.

PASCOAL *entra em casa.*

SCENA III

D. LUÍS, POR MOMENTOS UM FRADE

D. LUÍS, *experimentando a pistola*

Frio metal, ferro inerte!
D. Ana, meu doce encanto,
Foi o mêdo de perder-te
Que me fez amar-te tanto!
Ouço passos. Alguém vem.
Talvez já seja D. João!

Surge um frade franciscano, mendicante.

Um frade. Não é ninguém.
Ségue o teu caminho, irmão.

O frade, que estacara diante da pistola, desaparece na sombra da viela próxima.

Que mistério, que segrêdo
Guarda esta noite fatal?
E se eu entrasse mais cedo?
E se eu chamasse Pascoal?

Bate na janela de rótulas.

SCENA IV

D. ANA, D. LUÍS

D. ANA, *assomando por detrás das grades*

Quem bate?

D. LUÍS

E' Pascoal?

D. ANA

D. Luís!

D. LUÍS

D. Ana!

D. ANA

Bateis agora
A' gelosia?

D. LUÍS

Ai, Senhora,
Em boa hora surgís!

D. ANA

Que foi?

D. LUÍS

Um homem, D. Ana,
Jurou, p'lo inferno ou p'lo ceu,
Roubar-te à minha ternura.

D. ANA

Vai dizer-lhe que se engana.
O meu coração é teu
E estou aqui bem segura.

D. LUÍS

Uma grade,— sombra vã!
Sabes lá quem é êsse homem!

D. ANA

Embora bravo e galan,
Que receios te consomem,
Casando nós àmanhã?

D. LUÍS

Não o temo, certo não,
Aqui ou em qualquer parte,
Se êle vier disputar-te
De frente, espada na mão!

Mas se, como um leão audaz,
E cauteloso, e prudente,
Como uma astuta serpente...

D. ANA

Ah, não, D. Luís! Dorme em paz.
Nem astúcia nem violência
Podem tirar-me daqui,
Porque eu concentrei em ti
Toda a glória da existência.

D. LUÍS

Pois tens agora um ensejo
De provar-me o teu amor.

D. ANA

Bem sei. Vens pedir-me um beijo.

D. LUÍS

Venho pedir-te um favor.
Se fôres graciosa e humana,
Já não temerei êsse homem...

D. ANA

Chut! Receio que assomem.
Fala baixo.

D. LUÍS

Ouve, D. Ana...

Continuam falando, baixo.

SCENA V

D. ANA, D. LUÍS, D. JOÃO, CIUTTI

CIUTTI

Fugirdes do cativeiro
Hoje mesmo, é maravilha!

D. JOÃO

Comprei o meu carcereiro.
Com audácia e com dinheiro
Ninguém está prêso em Sevilha.
Fizeste o que te ordenei?

CIUTTI

Tudo, Excelência. Falei
A' donata, à criada grave,
Que me atendeu num momento.
Aqui vos manda esta chave:
E' a chave do convento.

D. JOÃO

Da portaria?

CIUTTI

Da porta
Do cláustro velho. E' preciso
Saltar o muro da horta...

D. JOÃO

E depois — o paraizo.
Deu-te alguma carta?

CIUTTI

Não,
Excelência. Como há lua,
Diz que vem esperar-vos na rua
E fala convosco então.

D. JOÃO

Tudo a postos? Os cavalos?

CIUTTI

Ficaram aparelhados.

D. JOÃO

E os homens?

CIUTTI

Estive a armá-los.

D. JOÃO

Bem armados?

CIUTTI

Bem armados.
Ali os tendes à vista.

D. JOÃO

Mal Sevilha adormecer,
Juntarei à minha lista
Mais dois nomes de mulher!
Tão nobres, ninguém se arroga!
Esta chave, que aqui vês,
Entrega-me Dona Inês;
Quanto a Ana de Pantoja...

Apontando o cunhal d'armas da E.:

E' ali?

CIUTTI

A'quele cunhal
Brazonado, que ela mora.

D. JOÃO

Está bem. E' preciso agora,
Ciutti, que tu dês sinal
A criada que te namora.

CIUTTI

A' camareira, senhor!
É camareira-menor
Dos Pantojas, e tem fama
De bela.

D. JOÃO

Como se chama?

CIUTTI

Dona Sol. De noite, fica
Junto a D. Ana...

D. JOÃO

E' o que importa.
Vai dizer-lhe que está rica
Se me abrir aquela porta!

CIUTTI, *saindo do recanto que o tem abrigado, junto ao cunhal da D., e recuando logo*

Chut, senhor!

D. JOÃO

Há novidade?

CIUTTI

Silêncio!

D. JOÃO

Viste alguém?

CIUTTI

Vi.
Está um homem ali,
Junto à janela de grade.

D. JOÃO, *espreitando*

Quem êle é!

CIUTTI

Já se embuçou.

D. JOÃO

D. Luís Padilha, em pessoa!

CIUTTI

D. Luís foi prêso.

D. JOÃO

Essa é boa!
Também eu fui, e aqui estou.
Detrás da reixa — não vês? —
Já assomou uma dama.

CIUTTI

Será D. Ana, talvez.

D. JOÃO

Depressa, bom genovês,
Que perdemos lance e fama!
Os nossos homens? No escuro,
Escôa-te junto ao muro,
Dá a volta às casas, surge
No arco, pistola aperrada,

(Depressa, que o tempo urge!)
E corta-lhe a retirada.
Logo que feche D. Ana,
Eu provoco-o, tu tens mão...

CIUTTI

Compreendo, à italiana!

D. JOÃO

Joelho nas costas, — chão.
Êle prêso, ela ignorante,
Está tudo feito. Adiante!

CIUTTI *e dois sicários sáem pela D., na sombra;* D. JOÃO, *espreitando do cunhal, escuta a conversa de* D. ANA *e* D. LUÍS.

SCENA VI

D. JOÃO, D. LUÍS, D. ANA

D. LUÍS

Consentes, pois, meu amor?
Tu verás que não te minto...

D. ANA

Consinto.

D. LUÍS

Minha glória, eu não me iludo?

D. ANA

Em tudo.

D. LUÍS

Tu fazes-me tão feliz?

D. ANA

Sim, Luís.

D. LUÍS

Consentes que eu fique, diz,
Entre os teus braços, Senhora,
Até ao romper da aurora?

D. ANA

Consinto em tudo, D. Luís.

D. LUÍS

Eu volto, logo, outra vez.

D. ANA

A's dez.
Serás pontual, como el-rei?

D. LUÍS

Serei.
E onde me esperas? Aí?

D. ANA

Aqui.
Dar-te hei as chaves a ti,
Abrirás, manso, o portão...

D. LUÍS

E depois, venha D. João!

D. ANA

Vem gente...

D. LUÍS

Meu coração,
A's dez estarei aquí.

D. ANA *fecha as rótulas e desaparece;* D. LUÍS *volta-se para o vulto de* D. JOÃO, *que avança.*

SCENA VII

D. JOÃO, D. LUÍS

D. LUÍS

Quem vem lá? Alto! Quem vem?

D. JOÃO

Alguém.

D. LUÍS

Que se faça conhecer!

D. JOÃO

Não quer.

D. LUÍS

Que pretende, errando ao luar?

D. JOÃO

Passar.

D. LUÍS

Nem o alcaide de Sevilha
Passa sem eu o ordenar!

D. JOÃO

Sois el-rei?

D. LUÍS

Sou Luís Padilha.
Vós?

D. JOÃO

Alguém, que quer passar.

D. LUÍS

Quê? Tendo ouvido o meu nome
Não recuastes, pelo céu!

D. JOÃO

E' que não vos disse o meu!

D. LUÍS

Nós cohecemo-nos, pois?

D. JOÃO

Os dois.

D. LUÍS

Que vos traz, posso saber?

D. JOÃO

Uma mulher.

D. LUÍS

Sois João Tenório!

D. JOÃO

E' de crêr,
Visto que nenhum recúa!

D. LUÍS

Estamos, pois, nesta rua...

D. JOÃO

Os dois por uma mulher.

D. LUÍS

Mas não fostes prêso, vós?

D. JOÃO, *avançando*

Ambos nós.

D. LUÍS

De largo, ou bater-nos hemos!

D. JOÃO

Veremos!

D. LUÍS

O quê, p'los santos de Espanha?

D. JOÃO

Quem ganha.

D. LUÍS

Sempre há de perder, quem joga
Com imprudência tamanha!

D. JOÃO

E' minha Ana de Pantoja!

D. LUÍS, *tirando a espada*

Pois nós veremos quem ganha!

D. JOÃO

A's ordens!

D. LUÍS, *avançando*

E há de ser já!

D. JOÃO, *parando o primeiro golpe*

Será!

CIUTTI, *que tem descido e se coloca atrás de* D. LUÍS, *com os sicários que o acompanham, agarra-o pelas costas e domina-o.*

Senhor D. Luís, vêde então!

D. LUÍS

Traição!

D. JOÃO

Amordaçai-o!

D. LUÍS, *debatendo-se, amordaçado*

Oh!

D. JOÃO

Joguei, —
Ganhei!
Prendei-o em ferros d'el-rei:
E' um jogador infeliz!

D. LUÍS, *arrastado por* CIUTTI *e pelos outros*

Oh!

D. JOÃO.

Boa noite, D. Luís.
Será traição, mas ganhei!

Levam D. LUÍS *pela E. baixa.*

SCENA VIII

D. JOÃO, DEPOIS BRÍGIDA

D JOÃO

Isto vai à maravilha!
Quando ela se imaginar
Nos braços de Luís Padilha,
Encontra-me em seu logar!

BRÍGIDA, *que entra pelo arco do F.*

Dom cavaleiro!

D. JOÃO

Que é lá?

BRÍGIDA

E' uma pobre donata...
Sois D. João Tenório?

D. JOÃO

A Beata,
Que não me lembrava já!
Aproximai-vos, p'lo ceu!

BRÍGIDA, *descendo*

Estais sòzinho?

D. JOÃO

Com o diabo.

BRÍGIDA

Credo, Jesus Cristo!

D. JOÃO, *apontando para ela*

Acabo
De o ver. Só lhe falta o rabo.

BRÍGIDA

Então, o diabo sou eu?
Tendes coisas, cavaleiro!
Vós é que sois um diabinho...

D. JOÃO

Que te encherá de dinheiro
Se chega a entrar no mosteiro!

BRÍGIDA

Já vos abri o caminho.
Deram-vos a chave?

D. JOÃO

Agora.
E a carta p'ra Dona Inês?

BRÍGIDA

Dentro do livro. Talvez
A esteja lendo a esta hora.
Lindo Horário iluminado!

D. JOÃO

Tu já lhe tens preparado
O espírito?

BRÍGIDA

Mãe Santíssima!
Tão bem, com tanto carinho,
Que irá, como um cordeirinho,
Atrás de Vossa Ilustríssima.

D. JOÃO

Tão fácil foi, Dona honrada?

BRÍGIDA

Pobre garça encarcerada,
Dentro de grades nascida,
Sabe ela lá se há mais vida
Nem mais ceu para voar!
Disseram-lhe: — «Aqui está Deus.»
E ela disse: — «Aqui o adoro».
— «Aqui é o cláustro e o côro.»
E ela só pensa em rezar.
Branca pombinha inocente,
Deus lhe dê melhor destino!
Abriu-se ao amor divino,
Por ignorar outro amor.
Na virginal primavera
Dos seus sonhos infantís,
Fez ontem dezoito abris, —
E não sabe o que é dar flôr.

D. JOÃO

É bela!

BRÍGIDA

Um anjo doirado.

D. JOÃO

Falaste-lhe em mim?

BRÍGIDA

Jesus!
O que eu disse, o que eu compuz
P'ra tocar-lhe o coração!
Falei-lhe do amor, do mundo,
Dos saráus e dos prazeres,
De quanto com as mulheres
Éreis galante, D. João.
Pintei-vos como seu noivo
Já na infância prometido,
Morto d'amor, decidido
A falar com ela a sós.
Numa palavra, senhor,
Ateei-lhe n'alma tal chama,
Que não suspira, não ama,
Não pensa senão em vós.

D. JOÃO

Formosa flôr que no cláustro
Esperas um voto eterno,
Eu iria ao próprio inferno
Buscar-te p'la minha mão!
Comecei por uma aposta,
Continuei por devaneio,
E hoje, Brígida, receio
Que ame devéras, D. João!
Ninguém foge ao seu destino...

BRÍGIDA

Pois não sois um libertino?
Tendes também coração?

D. JOÃO

Ouve. A que horas se recolhem
As madres?

BRÍGIDA

A esta hora
Vão deitar-se, cavaleiro.

D. JOÃO

E' boa ocasião, agora?

BRÍGIDA

Eu vou já para o mosteiro.
Em dando as almas no sino,
Saltai o muro da horta;
Tendes a chave da porta;
Dais num cláustro pequenino
De azulejo, — e à mão direita
(Não façais bulha com os pés!)
Está uma portinha estreita:
E' a cela de Dona Inês.

D. JOÃO

Vai, depressa. Combinado.

BRÍGIDA

Até já, meu namorado.
Nem sabe quanto me deve!

D. JOÃO

Se eu roubo aquele tesoiro,
Brígida, péso-te a oiro!

BRÍGIDA, *saíndo pelo F., quando aparece* CIUTTI

Ai, que pena eu ser tão leve!

SCENA IX

D. JOÃO, CIUTTI

D. JOÃO

Ciutti! — E D. Luís?

CIUTTI

Na verdade,
Estais livre dêle por hoje.

D. JOÃO

Chama Dona Sol à grade.
Depressa, que o tempo foge!

CIUTTI

Tenho um signal especial;
Em ela o ouvindo, vem pronta.

Bate à reixa da janela de grades.

D. JOÃO

Que ela venha, — é o essencial:
O resto é por minha conta.

SCENA X

OS MESMOS, DONA SOL, NA JANELA

DONA SOL, *depois de um momento de hesitação*

Que pretendeis, cavaleiro?

D. JOÃO

Quero...

DONA SOL

Que maneira de bater!

D. JOÃO

Quero ver.

DONA SOL

Ver o quê, a esta hora?

D. JOÃO

Tua senhora.

DONA SOL

Ide-vos, fidalgo, embora.
Quem cuidais que mora aqui?

D. JOÃO

Dona Ana de Pantoja, — e
Quero ver a tua senhora.

DONA SOL

Ela vai casar, galan.

D. JOÃO

Amanhã.

DONA SOL

E há de ser tão infiel já?

D. JOÃO

Será!

DONA SOL

A um noivo dos mais gentis?

D. JOÃO

A D. Luís.

DONA SOL

Sabeis que é êle, — e insistís?

D. JOÃO

Nada há perdido, p'lo céu:
Esta noite serei eu;
Amanhã será D. Luís.

DONA SOL

Jesus! Calai-vos, senhor!

D. JOÃO

É melhor.
Tenho uma chave tão suave...

DONA SOL

Uma chave?

D. JOÃO

Que abre a porta ao mundo inteiro!

Faz retinir uma bôlsa d'oiro.

DONA SOL

Dinheiro!

D. JOÃO

Aceitas?

DONA SOL

Contai, primeiro.

D. JOÃO *abre a bôlsa.*

D. JOÃO

Cem ducados!

DONA SOL

Como brilha!

D. JOÃO

Para as aias de Sevilha,
A melhor chave é o dinheiro!

DONA SOL

Se quem fala é rico, fico.

D. JOÃO

É rico.

DONA SOL

Como vos chamais, então?

D. JOÃO

D. João.

DONA SOL

Sem apelido notório?

D. JOÃO

Tenório.

DONA SOL

P'las almas do purgatório!
Sois D. João?

D. JOÃO

Chut! E' segrêdo.
Para que hás de tu ter mêdo,
Se é rico D. João Tenório?

DONA SOL

Mas dai-me tempo. Talvez...

D. JOÃO

A's dez.

DONA SOL

Estareis às dez? Não sei...

D. JOÃO

Estarei.

DONA SOL

Aqui mesmo, onde vos vi?

D. JOÃO

Aqui.

DONA SOL

Dar-vos hei a chave: abrí.

D. JOÃO

E eu dou-te mais cem ducados!

DONA SOL

Gosto de homens delicados!

D. JOÃO

A's dez estarei aqui.

DONA SOL

Obrigais-me a uma traição...

D. JOÃO

Pago-a em bom oiro espanhol!
Até logo, Dona Sol...

DONA SOL, *fechando as rótulas*

A's dez em ponto, D. João.

SCENA XI

D. JOÃO, CIUTTI

D. JOÃO, *a* CIUTTI, *que se aproxima, a um sinal*

Perante o oiro, ninguém recúa.
Sabes, Ciutti, o meu intento:
A's nove horas — no convento;
A's dez horas — nesta rua.

PANO

ACTO III

A cela de D. Inês.—Portas ao fundo e à esquerda.

SCENA I

D. INÊS, A ABADESSA

ABADESSA

Portanto, está combinado,
Filha.

D. INÊS

Sim, madre Abadessa.

ABADESSA

Assim o quer vosso pai.
Tomareis neste mosteiro
O hábito de profêssa.
Sois jóvem, cândida e boa;
Tendes vivído no cláustro
Quási desde que nascestes;

Para ficardes aqui
Como espôsa do Senhor,
Não tendes que sujeitar-vos
Nem a duras penitências,
Nem a provas rigorosas.
Deus já vos conhece, filha.
Ah! Vós sois tão venturosa
Como bela, Dona Inês!
Nunca vivestes no mundo,
Não tereis saudades dêle.
O bulício tentador
Das recordações mundanas
Nunca virá perturbar
A paz da vossa oração.
Fóra dêste santo cláustro,
Nada haverá para vós,
Alvo cordeiro inocente,
Senão a nêsga de ceu
Que das rótulas se vê.
Não há ventura maior
Que a ventura de ignorar:
Só quem ignora é feliz.
Mas porque estais cabisbaixa?
Porque não me respondeis
Alegremente, como ontem,
Quando pratiquei comvosco
Sôbre a vossa profissão?
Suspirais? Porque motivo?
Ah! Já sei. É a vossa aia

Que tarda. Tendes razão.
Foi esta noitinha a casa
Do nobre Comendador
Vosso pai; já deve estar
De volta, na portaria.
As aias, quando são santas,
São como segundas mães.
Já vo-la mando p'ra cima,
Filha. Deus vos abençoe.
As noviças vão deitar-se;
Recolhei-vos também.

D. INÊS

Sim,
Senhora madre Abadessa.

A ABADESSA *sai.*

SCENA II

D. INÊS, só

D. INÊS, *caíndo no genuflexório*

Mãe de Deus, tem dó de mim!
Porque foi que tão depressa
Mudou o meu coração?

Dantes sorria-me tanto,
Achava um tão doce encanto
Na idéa da profissão,
E agora — a Virgem me valha! —
Agora, porque tremo eu,
Porque choro, mãe do ceu,
Ao pensar nesta mortalha?

SCENA III

D. INÊS, BRÍGIDA

BRÍGIDA

Boas noites, Dona Inês!

D. INÊS

Brígida, porque tardaste?

BRÍGIDA

Eu vou fechar esta porta.

D. INÊS

Há ordem p'ra a não fechar.

BRÍGIDA, *fechando a porta*

Pois que a abram outra vez.
Tantas regras, tantas missas,

São para as outras noviças
E não para Dona Inês.

D. INÊS

Tu bem sabes. Meu pai quer
Que eu complete o noviciado.

BRÍGIDA

Na vida duma mulher,
Só Deus poderá dizer
O que lhe está reservado.
E o livro, minha Condessa?
Não é verdade que é belo?

D. INÊS

Ah! esqueci-me.

BRÍGIDA

Que cabeça!

D. INÊS

Chegou a madre Abadessa,
Não tive tempo de vê-lo.

BRÍGIDA

E' porque não vos interessa.
Um livro de Horas tão santo!

D. INÊS

Vêmo-lo logo, ao deitar.

BRÍGIDA

E o pobre a esmerar-se tanto,
Menina, p'ra lhe agradar!

D. INÊS

Quem?

BRÍGIDA

Quem há de ser? D. João.

D. INÊS

Valha-me a Virgem Maria!
Pois é D. João que mo envia?

BRÍGIDA

Não quereis aceitá-lo?

D. INÊS

Não.

BRÍGIDA

Quê? Recusais-lhe a fineza?

D. INÊS

Sim.

BRÍGIDA

Quem o consolará!
Vendo que a menina o despreza,
Vai adoecer com certeza...

D. INÊS

Então, não quero. Dá cá.

Recebe o livro.

Umas Horas! Que bonito!

BRÍGIDA

Com iluminuras d'ouro.

D. INÊS

E terá tudo aqui escrito?
Todas as rezas do côro?

Abre-o; cai uma carta dentre as folhas:

Ah! Que é isto?

BRÍGIDA

Um papelito.

D. INÊS

Uma carta! — E é para mim!

BRÍGIDA

Minha pombinha sem fel!

D. INÊS

Será de D. João?

BRÍGIDA

Sim;
P'ra vos perturbar assim,
Não pode ser senão dêle.

D. INÊS

Oh! Mãe de Deus!

BRÍGIDA

D. Inês!
O que tendes?

D. INÊS

Não é nada.

BRÍGIDA

Tão fria, tão desmaiada!

D. INÊS

Não sei...

BRÍGIDA

Um flato, talvez..
Põem aqui flôres à farta...
Estas coisas passam logo.

D. INÊS

Não sei que tem essa carta,
Que me abrazou como fogo.

BRÍGIDA

Mistérios dum vago instinto...
Estais melhor? Já mais calma?

D. INÊS

Ai, Brígida da minha alma,
Que eu não sei bem o que sinto!
Não compreendo êste anceio
Nem esta perturbação...
Não vês o meu coração,
Como me bate no seio?
Que mal será que eu receio?
Quem me endoidece?

BRÍGIDA

D. João.

D. INÊS

Será D. João? Pois um homem
Pode perturbar-nos tanto?
Falaste-me nele um dia,
Vi-o aqui na portaria,
E não sei, meu Deus, que encanto,
Que estranha fascinação
Êle exerce sôbre mim,
Brígida, que desde então,
A tôda a hora, indistinto,
Vive no meu pensamento,
E a todo o momento o sinto,
E vejo-o a todo o momento,
Nas flôres — se desço ao jardim,
Na luz — quando fito os céus,
Na igreja — se rezo a Deus,
E até, ai, triste de mim!
Na imágem do Redentor
A minh'alma aflita o vê...

BRÍGIDA

Isso, se não é amor,
Então não sei o que é.

D. INÊS

Amor, dizes tu? Ah, não!

BRÍGIDA

Pois como é que isso se chama?

D. INÊS

O que eu sinto por D. João...?

BRÍGIDA

E' o que sente quem ama.
E a carta? Não quereis lê-la?
Como sois pouco mulher!

D. INÊS

Quanto mais olho para ela,
Mais mêdo tenho de a ler!

Lendo:

«Inês do meu coração...»
Que princípio, Virgem santa!

BRÍGIDA

Isso é fôrça de expressão.
Mas a gentileza é tanta!
Lêde.

D. INÊS, *lendo*

«Peço-vos de joelhos:
Perdoai a quem vos escreve,
Ó alva pomba de neve
Fechada numa clausura.

Se vos envio esta carta,
Lembrai-vos, anjo do ceu,
O culpado não sou eu,
E' a vossa formosura.»

BRÍGIDA

Que graça, que encanto estranho,
Que humildade delicada!

D. INÊS

Brígida, não sei que tenho!

BRÍGIDA

Vamos lendo. Não é nada.

D. INÊS

«Desde o dia em que pensaram
Em casar-nos, nossos pais,
E falaram em esponsais
P'ra muito perto, talvez,
Desde êsse dia, ó minh'alma!
Não tive outro pensamento,
Outro sorriso, outro alento,
Que não fôsse D. Inês».

BRÍGIDA

Vêdes? Êle tem razão.
Isto não é de justiça:
Darem-vos noiva a D. João,

E depois, pronto, — noviça,
Metida numa prisão.
Tem lá geito, nem propósito!

D. INÊS, *continuando a ler*

«Inês, alma da minha alma,
Ó vida da minha vida,
Minha pérola escondida
Entre as areias do mar,
Pomba que nunca do ninho,
Que a má ventura te deu,
Ergueste as azas ao ceu
Para aprender a voar:
Se dentro dêsse mosteiro,
Através da escura grade,
Suspira por liberdade
O teu pobre coração,
Recorda-te, ó vida minha,
Que ao pé dêstes mesmos muros,
Te esperam, firmes e puros,
Os braços de D. João».
Mãe do ceu, que eu desfaleço!

BRÍGIDA

Estamos quási no fim...

D. INÊS

«Ó minha garça real,
Ó minha jóia sem preço,

Porque não chamas por mim,
Que eu vou prostrar-me aos teus pés?»
Se eu o chamasse, viria?

BRÍGIDA

Decerto.

D. INÊS

Virgem Maria!

BRÍGIDA

Lêde o resto, Dona Inês.

D. INÊS

«Adeus, ó luz dos meus olhos,
Adeus, alma da minha alma,
Medita, por Deus, com calma,
As palavras que aqui vão;
E se aborreces o cláustro
Que te dão por sepultura,
Chama por mim, virgem pura,
Irá buscar-te D. João!»

BRÍGIDA

E vem — por esta vos digo —
Tanto êle está namorado!

D. INÊS

Ah, que filtro envenenado
Trouxe esta carta comsigo!

Eu vivia em tanta calma
No meu quartosinho estreito...
Que fogo ateou no meu peito,
Que turbação na minh'alma,
Que deliciosos tormentos,
Que voluptuosa agonia, —
Que mundo de sentimentos
Que eu inda não conhecia!
Antes o hábito, bem cedo,
A mortalha, a profissão...
Ai, Brígida, eu tenho mêdo,
Tenho mêdo de D. João!

BRÍGIDA

Silêncio, por Deus!

D. INÊS

O que é?

Ouve-se tanger às almas, no sino conventual.

BRÍGIDA

Silêncio! — Escutai. Ouvis?

D. INÊS

O que ouço nas outras noites:
E' o sino tocando às almas.

BRÍGIDA

Não faleis dêle!

D. INÊS

Deus santo!
De quem?

BRÍGIDA

De quem há de ser?
Dêsse D. João, que amais tanto,
Porque êle pode aparecer.

D. INÊS

Assustais-me! Então êsse homem
Pode entrar aqui?

BRÍGIDA

Entrar?
Sabe Deus se êle entrou já!
Talvez, do sítio onde está,
Nos ouça agora falar.

D. INÊS

Eu tremo!

BRÍGIDA

Vê-nos, talvez...

D. INÊS

E' um espírito?

BRÍGIDA

Não digo;
Traz uma chave comsigo...

D. INÊS

Céus!

BRÍGIDA

Silêncio, Dona Inês!
Não ouvis passos, agora?
Nas lajes do cláustro?

D. INÊS

Não.

BRÍGIDA

Vem, acerca-se... Senhora,
Êle aí está!

D. INÊS

Quem?

BRÍGIDA

D. João!

D. JOÃO *entra, envolto no seu manto negro*

SCENA IV

D. INÊS, BRÍGIDA, D. JOÃO

D. INÊS

Que é isto? Sonho? Deliro?

D. JOÃO

Inês do meu coração!

D. INÊS

E' o homem por quem suspiro,
Ou é uma fascinação?
Amparai-me... Mal respiro...
Ó sombra, por compaixão,
Foge de mim!

INÊS *desmaia nos braços de* D. JOÃO. *A carta cai-lhe das mãos.*

BRÍGIDA

Desmaiada!
Como está linda, senhor!

D. JOÃO

Desmaiou? Tanto melhor:
Encurtou-nos a jornada!
Depressa, que sinto passos!

BRÍGIDA

Levais-ma, dom cavaleiro?

D. JOÃO

Não assaltei um mosteiro
Para deixar-ta nos braços!
Vamos! O meu bando espera.
Deus d'amor e de justiça,
Tens menos uma noviça!

BRÍGIDA, *saíndo, atrás de* D. JOÃO, *que leva* INÊS *desmaiada*

Êste homem é uma fera!

SCENA V

ABADESSA, IRMÃ RODEIRA

ABADESSA

D. Inês! Não está na cela?
Inês!

RODEIRA, *entrando*

Senhora Abadessa!

ABADESSA

Que há de novo, irmã rodeira?
Encontrastes Dona Inês
No cláustro?

RODEIRA

Não encontrei.

ABADESSA

Não gosto dêstes passeios.
Dão mau exemplo às noviças
E são contrários à regra.
Valha-nos Deus! — Que quereis?

RODEIRA

Está na portaria um velho
Fidalgo, que quer falar-vos.

ABADESSA

E' impossível. De noite
Não vou à grade.

RODEIRA

Diz êle
Que é freire de Calatrava,
E que os seus foros e honras
Lhe dão direito de entrar
No nosso santo mosteiro.

ABADESSA

O seu nome?

RODEIRA

E' o senhor
D. Gonçalo Ullôa.

ABADESSA

Quê?
O pai de Inês, a esta hora?
Abrí. E' comendador
Da Ordem de Calatrava.
Prestai-lhe todas as honras!
O meu báculo!

SCENA VI

OS MESMOS, D. GONÇALO

ABADESSA, *vendo entrar* D. GONÇALO

Senhor!

D. GONÇALO

Madre Abadessa, perdoai
Se a hora é mal escolhida:

Mas defendo a minha vida,
Que é a minha honra de pai!

ABADESSA

Jesus, o que aconteceu?

D. GONÇALO

Nesta piedosa clausura
Onde o meu zêlo a escondeu,
Dona Inês não está segura.

ABADESSA

Quem o diz?

D. GONÇALO

Digo-vo-lo eu!
Tenho razões p'rá julgar
Em perigo neste convento.
Acabam de me informar
De que inda agora, há um momento,
Houve quem visse em Sevilha,
Conversando mão a mão,
A aia de minha filha
E um criado de D. João.
Já devem estar entendidos
E combinada a façanha!

ABADESSA

D. João? Mas D. João quem é?

D. GONÇALO

Pela cruz de Santo André!
E' o maior dos bandidos
Que teem nascido em Espanha!
Porque hoje lhe foi negada
Dona Inês em casamento,
Jurou que à ponta de espada
Vinha roubá-la ao convento.
A aia já está comprada,
E o resto — é um pensamento.
Um dia, um golpe de mão,
A rodeira que não vê, —
E eu tenho a honra à mercê
Do primeiro rufião!
Não, Dona Abadessa, não!
Por isso aqui vim agora.
A aia da minha filha
Há de pagar os seus erros.
Entregai-ma sem demora:
O alcaide de Sevilha
A mandará pôr a ferros!
Quanto a D. Inês, senhora,
Mal vigiada como está,
Considero-a aqui em perigo:

Ou ela professa já,
Ou então levo-a comigo.

ABADESSA

Sois pai, Dom Comendador;
E não há nenhum amor
Mais santo que o amor dos pais:
Mas lembro-vos que ultrajais
A honra dêste mosteiro,
E que o fazeis sem razão.

D. GONÇALO

Vós não conheceis D. João!

ABADESSA

Será um aventureiro
Sem Deus nem religião;
Mas já vo-lo repeti,
Não profana esta clausura:
Dona Inês está segura
Emquanto estiver aqui.

D. GONÇALO

Pois veremos. Vigiai-a,
Metei-a freira profêssa,
E por agora, Abadessa,
Mandai-me entregar a aia.

ABADESSA

Se ordenais... — Irmã rodeira,
Ide chamar Dona Inês
E a donata camareira.
Andam no cláustro, talvez.

D. GONÇALO

Quê? O que dizeis, senhora?

RODEIRA

As ordens serão cumpridas.

SCENA VII

ABADESSA E D. GONÇALO

D. GONÇALO

Pois então, a esta hora,
Inda não estão recolhidas?

ABADESSA

Não sei. Sairam há pouco.
Devem vir já de caminho.

D. GONÇALO

Deus do ceu! Ou eu estou louco,
Ou não sei o que adivinho!
Que é isto? Um papel no chão?
Pobre coração paterno,
Que sentes tu, coração?

Lendo:

«Inês da minha alma...» — Inferno!
E é a firma de D. João!

ABADESSA

O que tendes, justos céus?

D. GONÇALO

Freira tonta, para trás!
Emquanto rezais a Deus,
Vem roubar-ma Satanaz!

SCENA VIII

OS MESMOS, A RODEIRA

RODEIRA

Senhora!

ABADESSA

Que é?

RODEIRA

Venho morta!

D. GONÇALO

Que é delas? Onde se somem?

RODEIRA

Acabo de ver um homem
Saltar os muros da horta!

ABADESSA, *vendo o* COMENDADOR *arrancar a espada*

Comendador, que fazeis?
Senhor do ceu, acudí!

D. GONÇALO

Corro atrás da minha honra,
Que ma roubaram daqui!

PANO

ACTO IV

A quinta de D. João Tenório, perto de Sevilha, sôbre o Guadalquivir. Influência mudejar; azulejos; tecto doirado. Ao F., balcão. Portas à D. e E., alta e baixa. Noite de luar.

SCENA I

BRÍGIDA E CIUTTI

BRÍGIDA

Ai, santo breve da marca!
Que noite de bruxas, credo!

CIUTTI

Dona Brígida, que tendes?

BRÍGIDA

Ora, o que tenho! Estou moída.
Doi-me tudo, o corpo e a alma.

CIUTTI

A alma? Não acredito.

BRÍGIDA

Olha que foi uma légua!
Uma légua em correrias,
Á garupa duma égua!
Isto p'ra uma dona honrada,
Que não está acostumada
A estas cavalarias,
É obra!

CIUTTI

Inda há outras peores,
Dona Brígida.

BRÍGIDA

Haverá;
Mas não são p'rá minha idade.
Que horas deram?

CIUTTI

Meia noite,
Na Catedral.—Já acordou,
Dona Inês?

BRÍGIDA

Ainda não.
Dês que caíu desmaiada,

Há três horas, no mosteiro,
Inda não abriu os olhos.

CIUTTI

Ela os abrirá depois
Nos braços de D. João.
O peor é que êle tarda.

BRÍGIDA

Mas virá?

CIUTTI

Se o não mataram.

BRÍGIDA

Credo, Jesus, Abrenúncio!

CIUTTI

Isto, uma freira roubada
Dum mosteiro de Sevilha, —
Se o alcaide lá o pilha
Tem a cabeça cortada.

BRÍGIDA

E então nós? — Santas relíquias!
Que fará lá aquele homem?
São capazes de matá-lo!

CIUTTI

Ficou tratando da viagem.

BRÍGIDA

Vamos fazer outra viagem?
Pai do ceu! E é a cavalo?

CIUTTI

Vêdes aquela galera
Que acendeu o lanternim
No meio do rio?

BRÍGIDA

Sim.

CIUTTI

Está ali à nossa espera.
Logo que rompa a manhã,
Embarcamos para a Itália.

BRÍGIDA

Para a Itália?

CIUTTI

Ide depressa,
Que já oiço Dona Inês.

BRÍGIDA

Jesus, a minha cabeça!

CIUTTI

Isto inda agora começa...

BRÍGIDA

Mas acaba mal, talvez!

CIUTTI *sai.*

SCENA II

D. INÊS, BRÍGIDA

D. INÊS

Brígida! Eu sonhei?

BRÍGIDA

Menina!

D. INÊS

Eu estou louca, mãe do ceu?
Que horas são? Onde estou eu?
Dize-me, por compaixão!
Onde foi que me meteram?

Aquelas sombras, quem eram?
Quem me trouxe aqui?

BRÍGIDA

D. João.

D. INÊS

Sempre D. João, ai de mim!

BRÍGIDA

Que passarinho assustado!
Não gosto de a ver assim.
Pois não vê que eu também vim
E estou aqui ao seu lado?

D. INÊS

Mas não sei! Deus verdadeiro!
Esta sala é do mosteiro?
Dize-me...

BRÍGIDA

Esta maravilha?
O convento é um pardieiro,
Só lá há miséria, filha.

D. INÊS

Então, onde estou?

BRÍGIDA

Olhai.
Assomai a êste balcão:
A diferença que vai
Dum mosteiro de Cistér
A uma quinta de D. João!

D. INÊS

São de D. João, êstes paços?
Porque foi que eu p'ra aqui vim?

BRÍGIDA

Porque êle a trouxe nos braços
E a salvou da morte.

D. INÊS

A mim?
Não me recordo.

BRÍGIDA

Anjo bento!
É que estava desmaiada.
Foi quando ardeu o convento. .

D. INÊS

Não me recordo de nada.
Houve fogo no mosteiro?

BRÍGIDA

E que fogo!

D. INÊS

Deus do ceu!

BRÍGIDA

Acabávamos de lêr
A carta de D. João,
Quando se viu um clarão,
O fumo logo a romper,
Gritos, rezas, confusão,
— Senhor Jesus d'aflição! —
Estava o mosteiro a arder.
Pois não vos lembrais? As chamas
Já entravam pelas portas,
Lambiam as nossas camas,
Estávamos quási mortas,
Menina, — quando D. João
(Foi a nossa salvação!)
D. João, que vos adora
E que rondava o convento,
Vendo atear-se com o vento
A fogueira aterradora,
Correu, subiu aos terraços,
Entrou na cela abrazada,
E levou-vos desmaiada,
Como uma pomba, nos braços.
Eu, a gritar de pavor,

Por entre as chamas, fugi...
Louvado seja o senhor!
—E aqui tem o meu amor
Porque é que estamos aqui.

D. INÊS

E êle está aqui também?

BRÍGIDA

Não. Mas não tarda.

D. INÊS

Então, vem!
Não me devo demorar.

BRÍGIDA

Êle salvou-nos; esperai.

D. INÊS

Não é aqui o meu logar;
É na casa de meu pai.
Depressa, fujamos!

RBÍGIDA

Filha,
Mas como havemos nós de ir?
Separa-nos de Sevilha...

D. INÊS

O quê?

BRÍGIDA

O Guadalquivir.

D. INÊS

Fica distante, a cidade?

BRÍGIDA

Uma légua, bem medida.

D. INÊS

Oh, meu Deus, que estou perdida!

BRÍGIDA

Mas porquê, minha beldade?
Ninguém vos faz mal, aqui.
Nada deveis recear...

D. INÊS

Não sei que há no teu olhar,
Que eu desconfio de ti.

BRÍGIDA

De mim?

D. INÊS

Desde a minha infância,
Vivi num cláustro profundo;
Fui criada na ignorância;
Nada conheço do mundo.
Mas sou nobre; quero-o ser;
Tenho inda sangue real,
E sei, por Deus, o que vale
A honra duma mulher.
Deus aqui não me abençôa!
Não está bem, e com razão,
A honra de Inês de Ulloa
Na casa de D. João.
Vamos, — senão estou perdida!

BRÍGIDA

Recordai-vos, tende calma:
D. João salvou-vos a vida...

D. INÊS

Mas envenenou-me a alma!

BRÍGIDA

Então, é certo que o amais?

D. INÊS

Eu sei lá! Sei lá se o amo!
Sei que me perco e me infamo
Se fico um momento mais!
Fujamos!

BRÍGIDA

Escutai, filha...
Não ouvís bulha de remos?

D. INÊS

Sim, dizes bem, voltaremos
Numa barca p'ra Sevilha.

BRÍGIDA

É impossível. Sonhais.

D. INÊS

Não nos impede ninguém!

BRÍGIDA

Chegou uma galeota ao cáis:
É D. João que aí vem.

D. INÊS

Dai-me coragem, Senhor!

BRÍGIDA

Devemos-lhe agradecer;
Não podemos ir assim...

D. INÊS

Meu Deus, que se o torno a ver,
Não tenho mais fôrça em mim!

SCENA III

AS MESMAS E D. JOÃO

D. JOÃO

Aonde ides, Dona Inês?

D. INÊS

Deixai-me saír, D. João!

BRÍGIDA

Senhor, é boa ocasião:
Podem levar-nos, talvez,
Os barqueiros que aí estão...

D. INÊS

Céus!

D. JOÃO

Calmai-vos. Socegai.
Eu acabo de mandar
Uma carta a vosso pai
Que o deve tranquilizar.

D. INÊS

Dissestes a meu pai...?

D. JOÃO

Sim;
Que estáveis aqui segura,
E que a vossa formosura
Era sagrada p'ra mim.

BRÍGIDA *sai, a um gesto de* D. JOÃO

Socega, pois, minha vida;
Repousa aqui, — e um momento
Esquece do teu convento
A triste prisão florida.
Não é certo, anjo d'amor,
Que neste refúgio santo
O luar tem mais encanto
E se respira melhor?
Esta aragem perfumada
Que em tôrno de nós palpita;
Esta doçura infinita
Da grande noite estrelada;

A água serena e prateada
Que além corre sem rumor
E onde canta o pescador
Á manhã que se adivinha, —
Não é certo, ó pomba minha,
Que estão respirando amor?
Êste murmúrio do vento
Nas folhas dos laranjais;
Todo êste enternecimento
De dois corações iguais
Unidos no mesmo alento;
Êste dulcíssimo acento
Do rouxinol trinador,
Que canta de flôr em flôr
A sua mágua dorida, —
Não é certo, ó minha vida,
Que estão respirando amor?
Estas palavras, que vão,
Como um dôce filtro ardente,
Penetrando suavemente
O teu terno coração;
As palavras de D. João,
Que ateiam. no seu ardor,
Um fogo perturbador
Que não sentiras ainda, —
Não é certo, pomba linda,
Que estão respirando amor?
As duas líquidas pérolas
Que se desprendem tranqùilas

Á flôr das tuas pupilas,
Desafiando-me a bebê-las,
Essas lágrimas tão belas
Choradas p'lo teu pudor,
Essa febre, êsse rubôr
Que o teu semblante não tinha, —
Não é certo, amada minha,
Que estão respirando amor?
Não sentes, formosa Inês,
Que o todo o meu coração
Palpita de comoção
Ajoelhado aos teus pés?
Eu, que escarneci do amor,
Que o ultrajei como um demente,
Que sou uma alma perdida, —
Ó meu anjo redentor,
Amo apaixonadamente
P'la primeira vez na vida!

D. INÊS

Meu Deus! Calai-vos, D. João,
Porque me sinto morrer...
Que poder tendes, que encanto,
Não sei se infernal, se santo,
Que prende e perturba tanto
A alma duma mulher?
Se me roubastes assim
O coração aos pedaços,
Se me perdestes, emfim,

Que hei de eu fazer — ai de mim! —
Senão caír-vos nos braços?
A minha honra condena-me;
Deus não me pode perdoar...
Mas eu sinto-me abrazar,
O teu hálito envenena-me,
Fascina-me o teu olhar...

Lançando-se-lhe nos braços:

Ai, mata-me, D. João,
Mata-me, por compaixão,
Se não me podes amar!

D. JOÃO, *que a enlaça e logo a repele, deslumbrado de inocência, como se tivesse mêdo de a macular*

Ah, não, anjo do ceu! Não!
Meu amor de redenção,
Tu vieste-me salvar!
É tão sobrenatural
A paixão que me domina,
Está tão perto dos céus,
Que é mais do que amor mortal,
É uma chama divina
Que eleva a minha alma a Deus!
Fui torpe, fui mau, fui rude;
Mas vi-te — Deus de clemência! —
E já respeito a inocência,
E já conheço a virtude!
Repousa, minha alma, vai;

Não te queime o meu alento...
Roubei-te pura a um convento,
Pura te entrego a teu pai!

D. INÊS

Falarás a meu pai?

D. JOÃO

Sim.
Aos pés do Comendador,
Hei de implorar, meu amor,
A morte ou a tua mão.

D. INÊS

Mas porque foges de mim?

D. JOÃO, *entregando-a a* BRÍGIDA, *que volta*

Vai. Repousa, minha glória...
É esta a maior vitória
Que tem na vida D. João!

SCENA IV

D. JOÀO, CIUTTI, POR MOMENTOS BRÍGIDA

CIUTTI

Senhor!

D. JOÃO, *quando as duas desaparecem*

Que há de novo, Ciutti?

CIUTTI

Está aí um embuçado
Que quer falar-vos.

D. JOÃO

Quem é?

CIUTTI

Não disse.

D. JOÃO

Que se descubra,
E nós veremos depois.

CIUTTI

Só o fará na vossa frente.
Diz que é um negócio urgente
Que importa à vida dos dois.

BRÍGIDA

O que ordenais, meu senhor?

D. JOÃO

Que Inês não saia do quarto,
Suceda o que suceder.

A CIUTTI, *quando* BRÍGIDA *novamente sái:*

E não traz brazão algum,
Algum sinal conhecido
Que nos oriente?

CIUTTI

Nenhum.
Mas é homem decidido.

D. JOÃO

Traz gente com êle?

CIUTTI

Os homens
Da galeota. Mais ninguém.

D. JOÃO

Vem sòzinho? É singular!

CIUTTI

Não será algum traidor?

D. JOÃO

A espada.

CIUTTI

Pronto, senhor.

D. JOÃO

As pistolas. — Manda entrar.

CIUTTI *sai.*

SCENA V

D. JOÃO, D. LUÍS

CIUTTI *conduz* D. LUÍS *embuçado num manto negro; a um sinal de* D. JOÃO, *retira-se, deixando-os sós.*

D. JOÃO

Sois audaz, por minha fé!

D. LUÍS

Buscava um homem. Achei-o.

D. JOÃO

Podeis falar sem receio.

D. LUÍS

Receio? Não sei o que é!

D. JOÃO

Quem quer que sois, nobre ou não,
Dizei-me porque razão
Tão de perto me seguis?

D. LUÍS

Venho matar-vos, D. João.

D. JOÃO

Sois, nesse caso, D. Luís.

D. LUÍS, *desembuçando-se*

O meu ódio é tão profundo
Que se trai na minha voz.
Ou nós dois, ou um de nós,
Somos de mais neste mundo.

D. JOÃO

Um duelo? É a vossa proposta?
P'la Virgem, que é atrevida!

D. LUÍS

Nós apostámos a vida;
Devemos pagar a aposta.

D. JOÃO

Sou da mesma opinião.
Mas sempre vos lembrarei
Que fostes vós que a perdestes
E que fui eu que a ganhei.

D. LUÍS

E porque a perdi, talvez
Julgásseis que Luís Padilha
Morria como uma rez
No matadouro, em Sevilha!
Quem traz consigo uma espada
E o ódio no coração,
Morre — fronte levantada!
Morre matando, D. João!

D. JOÃO

Nem eu sou — Virgem sagrada! —
Cortador de profissão.
A nobreza é um pergaminho;
Sejamos dignos de nós.

D. LUÍS

Por isso aqui vim sòzinho:
Ainda confiei em vós.

D. JOÃO

E confiastes com razão.
Ganhei uma aposta leal;
Mas nem vos exijo a vida,
Nem vos recuso, afinal,
A justa reparação
Da vossa honra ofendida.

Dizei que posso fazer,
Ou com que vos contentais.

D. LUÍS

Podeis matar ou morrer.
E nada mais.

D. JOÃO

Nada mais?

D. LUÍS

Serão processos leais
De se ganharem apostas,
Mandar-me agarrar p'las costas,
Amordaçar-me à traição,
E, como sendo D. Luís,
Chegar por torpes ardis
Junto de Ana de Pantoja?
Isto é jôgo leal? Ah, não!
Quando por outro se joga,
Nunca se ganha, D. João!

D. JOÃO

Vamos bater-nos, então,
P'la honra duma mulher?
Mas, D. Luis, porque a jogastes
Se a não querieis perder?

D. LUÍS

Não sabia, alma danada,
Do que tu eras capaz!
Eu joguei com Satanaz;
Acabo o meu jôgo à espada!
Vamos.

D. JOÃO

Lá baixo, na estrada!
Aqui não.

D. LUÍS

Seja onde fôr!

D. JOÃO

Escutai. Ouço rumor
De armas.

D. LUÍS

Vem gente? Melhor.
Matar-vos hei mais depressa!

SCENA VI

OS MESMOS, CIUTTI

CIUTTI

Pela Madona, senhor,
Salvai a vossa cabeça!

D. JOÃO

O que há?

CIUTTI

É o Comendador
Que aí vem, com gente armada!

D. JOÃO

Pois deixai-lhe livre a entrada!
A êle só.

CIUTTI

Mas, senhor...

D. JOÃO

Obedece-me.

CIUTTI *sái. Rumor de armas e de vozes.*

SCENA VII

D. JOÃO, D. LUÍS

D. JOÃO

D. Luís,
Um grave acontecimento
Obriga-me a passos tais,

Que eu peço-vos se me esperais
Naquela sala um momento.

D. LUÍS

Já tenho esperado de mais!

D. JOÃO

Além de Ana de Pantoja
Apostei — não o ignorais —
Que traria dum convento
Uma noviça nos braços...

D. LUÍS

Possuístes ambas?

D. JOÃO

Possuí.
Deixei D. Ana em seus paços,
E a noviça está aqui.
Supunha-a livre e segura;
Vem reclamá-la o mosteiro.
Podeis matar-me; primeiro
Recebo quem me procura.
Bater-nos hemos depois.

D. LUÍS

Mas, D. João...

D. JOÃO

Entre nós dois
Há uma mulher em perigo.
É um dever de honra!

D. LUÍS

Concedo.
Mas pode também ser mêdo
De vos baterdes comigo!

D. JOÃO

Miserável! Por Santiago,
Eu te provarei que não!
Nem que se abram os infernos, —
Nós havemos de bater-nos!
P'ra aquela sala! Senão...

D. LUÍS

Vou, com uma condição
Que à minha vingança importa:
Ficará aberta a porta.

D. JOÃO

Pois seja, — de par em par.
É p'ra escutardes, D. Luís?

D. LUÍS

É p'ra vos assassinar,
Se perceber que fugís!

D. LUÍS *entra no aposento indicado por* D. JOÃO TENÓRIO.

SCENA VIII

D. JOÃO, DEPOIS D. GONÇALO

D. JOÃO

Deus, dai-me serenidade!

D. GONÇALO, *fóra*

D. João!

D. JOÃO

Dai-me placidez!

D. GONÇALO, *entrando, armado*

Onde está êsse traidor?

D. JOÃO, *caíndo de joelhos*

Está aqui, Comendador.

D. GONÇALO

De joelhos?

D. JOÃO

Aos vossos pés.

D. GONÇALO

Julguei-te altivo, e és covarde,
És vil até no teu crime!

D. JOÃO

Velho, calai-vos!

D. GONÇALO

É tarde!

D. JOÃO

Calai-vos, por Deus, e ouvi-me!

D. GONÇALO

Que me hás de dizer, vilão,
Que apague o que a tua mão
Escreveu neste papel?
És lá digno de clemência!
Tu, que assaltas um mosteiro
P'ra surpreender a inocência;
Que vertes num coração

O teu veneno e o teu fel;
Que, sem lei nem Evangelho,
Ultrajando os próprios ceus,
Arrastas na lama um velho
E roubas um anjo a Deus, —
Que perdão queres tu de mim?
Responde, viião ruim!
Que é dela a tua altivez,
O teu valor tão temido?
Desonraste-me, bandido,
E ainda vens lamber-me os pés!

D. JOÃO

Comendador!

D. GONÇALO

Perdição!
Onde é que está a minh'alma?
Dize onde está Dona Inês,
Ou mato-te como um cão!

D. JOÃO, *àparte*

Ó meu coração, acalma!

A D. GONÇALO:

Gonçalo Ulloa, escutai!
Eu, que nunca me curvei
Nem diante de meu pai
Nem diante do meu rei,

Se arrasto agora no chão
A minha fronte humilhada,
É porque há uma razão,
E essa razão é sagrada!

D. GONÇALO

O que tu tens é pavor
Da minha justiça; sim!

D. JOÃO

Ouvi-me, Comendador,
Ou não respondo por mim!
Eu adoro Dona Inês.
O ceu mandou-ma, talvez
Para guiar os meus passos
Pelo caminho do bem...
Se pura a trouxe nos braços,
Pura a conservo também.
Nem quási fitá-la pude:
Tendo-a Deus feito tão bela,
Antes de a adorar a ela
Adorei nela a virtude.
O que da minha insolência,
Nunca puderam fazer
Leis, bispos, prisões, emfim,
Fê-lo hoje a sua inocência,
Regenerando o meu ser,
Criando outro homem em mim.

Escuta, pois, D. Gonçalo,
Quem aos teus joelhos se humilha:
Serei mais que teu vassalo,
Serei escravo da tua filha;
Para merecer perdão
De Deus clemente e de ti,
Expiarei numa prisão
Os crimes que cometi;
Servir-te hei como um criado;
Farei dura penitência;
E quando, em tua consciência,
Me julgues purificado
E digno de Dona Inês,
Quando eu já não fôr quem sou,
Então, p'la primeira vez,
Suplicar-te hei que me dês
A espôsa que me salvou!

D. GONÇALO

Eu podia lá confiar
A filha a um aventureiro!
Se tivesse de ta dar,
Apunhalava-a primeiro.

D. JOÃO

Comendador, que me tiras
A esperança de salvação!

D. GONÇALO

Entrega-me Dona Inês,
Ou estrangulo-te, poltrão!

D. JOÃO

Comendador, que me perdes!
Repara que me humilhei,
Que me deixei insultar,
Que implorei o teu perdão,
Que me rojei aos teus pés,
E que estou armado...

SCENA IX

OS MESMOS E D. LUÍS

D. LUÍS, *numa gargalhada*

Bravo!
Bravo, muito bem, D. João!

D. JOÃO, *erguendo-se*

Por Judas!

D. GONÇALO

D. Luís Padilha!

D. LUÍS

Comendador, — um amigo!
Já vistes, na hora do perigo,
Mostrar bravura tamanha?
Por minha honra vos digo
Que inda há covardes em Espanha!

D. JOÃO

D. Luís!

D. LUÍS

Quem fere p'las costas,
E em chegando a ocasião
Pede perdão de mãos postas,
É mais vil do que um ladrão
Que rouba e foge!

D. JOÃO

Mais nada?

D. LUÍS

Já que a justiça soberana
Junta ao pai de Dona Inês
O vingador de Dona Ana, —
Comendador, não devemos
Dar-lhe a honra de o matar:
Entrega-se aos aguazís.

D. GONÇALO

Terá o destino honrado
Dos bandidos da sua casta:
Àmanhã será enforcado!

D. JOÃO

Basta, miseráveis! Basta!
Dou o ceu por testemunha!
Supliquei, — não me perdoaram;
Humilhei-me, — escarneceram-me;
Quis-me salvar, — e perderam-me;
Quis ser bom, — não me deixaram!
Pois bem! Já que, um só momento,
Tivestes a vilania
De tomar por covardia
O meu arrependimento;
Já que a minha alma é ruim
E o meu sacrifício inglório, —
Sicários, tremei de mim,
Sou outra vez João Tenório!

D. LUÍS

Vá! Cai-nos de novo aos pés!
Sê digno ao menos da fama
Que por tão bravo te aclama...

D. JOÃO

Pois seja, por uma vez!
Comendador, já que assim
Me arrojas ao fogo eterno,
Logo que eu caia no inferno
Tu responderás por mim!

Tira uma das pistolas do cinto e desfecha-a.

D. GONÇALO, *ferido no peito, vacila, agarra-se a uma tapeçaria, e cai, meio coberto por ela*

Assassino!

D. JOÃO, *a* D. LUÍS, *que arranca a espada*

E tu, insensato,
Que me chamaste poltrão,
Tanto não tinhas razão
Que cara a cara te mato!

Batem-se; D. JOÃO *fere-o.*

D. LUÍS, *caindo de bruços sôbre uma arca mudejar, os braços pendentes, golfando sangue*

Jesus, recebe a minh'alma!

SCENA X

OS MESMOS, CIUTTI

CIUTTI

Senhor, lançai-vos ao rio,
Que vêm as justiças já!

D. JOÃO

Chamei o ceu, não me ouviu;
O inferno me salvará!

Precipita-se do balcão.

SCENA XI

D. INÊS, BRÍGIDA, o ALCAIDE

D. INÊS, *entrando, seguida de* BRÍGIDA

Que gente é essa, que aí vai?
Que foi, meu Deus, êste tiro?
Que sangue é êste...?

Vendo o cadáver do COMENDADOR:

Meu pai!
Prostrado, morto talvez,

Meu pai do meu coração!
Já não me ouves? Não me vês?

O ALCAIDE, *aparecendo, seguido do povo e de homens de armas, a vara de prata erguida na mão*

Justiça por Dona Inês!

D. INÊS

Mas não contra D. João!

PANO RÁPIDO

ACTO V

Um cemitério, Ciprestes. Noite de luar. Arcas tumulares de pedra, armoriadas, sôbre cachorros. No primeiro plano, em vulto, as sepulturas do Comendador e de D. Luís Padilha, nas quais se vêem as suas estátuas ajoelhadas, e a de D. Inês, meio oculta entre chorões, ostentando a sua figura monacal, de pé. No segundo plano, outros dois túmulos. No terceiro, o do fundador, D. Diogo Tenório. Muro em volta. Crucifixo enorme, ao fundo, dominando a entrada do cemitério.

SCENA I

O ESCULTOR, só

ESCULTOR, *que acaba de dar os últimos toques de cinzel numa das estátuas, põe o chapéu, tira umas chaves de sôbre os cachorros da arca tumular do Comendador, e dispõe-se a saír*

Quando chegar o meu fim,
De todo não morrerei:
Deixo as pedras que animei
Para falarem por mim.

Estátuas que um sôpro ergueu,
Padrões de eterna memória,
Velai pela minha glória,
Pois vivereis mais do que eu!

SCENA II

D. JOÃO, ESCULTOR

ESCULTOR, *vendo acercar-se* D. JOÃO

Cavaleiro...

D. JOÃO

Deus vos guarde.

ESCULTOR

Perdoai, mas é já tarde
E eu vou fechar...

D. JOÃO

Coisa estranha!
Que obra é esta?

ESCULTOR

Cavaleiro,
Sois por acaso estrangeiro?

D. JOÃO

Saí há anos de Espanha;
Só ontem aqui voltei.
Mas — por Deus! — venho encontrar
Bem diferente êste logar
Do que era quando o deixei.

ESCULTOR

«*Est hic locus*...» — disse Horácio.
Não há no caso mistério:
Deitou-se abaixo um palácio
P'ra fazer um cemitério.

D. JOÃO

Já os mortos herdam dos vivos
As casas ao abandôno?

ESCULTOR

Assim o quis o seu dono,
E, à fé, que teve motivos.

D. JOÃO

É um caso singular!

ESCULTOR

É uma horrorosa história,
A que devo a minha glória...

D. JOÃO

Gostava de a ouvir contar.

ESCULTOR

É tarde. A lua já brilha.
Mas, deveras, não sabeis?

D. JOÀO.

Cinco anos de ausência, ou seis,
Sou quási um estranho em Sevilha.

ESCULTOR

Pois viveu nesta cidade
E neste Paço arrasado
Um fidalgo muito honrado...

D. JOÃO

Diogo Tenório.

ESCULTOR

É verdade.
Teve um filho, êsse D. Diogo,
Indigno do amor paterno
(Dizem que arde já no fogo
Das profundezas do inferno!)
Um homem de tão máu fundo,
Tão sanguinário e cruel,

Que coisa alguma no mundo
Foi respeitada por êle,
Nem vida, nem Evangelho,
Nem honra, nem religião...
Se o filho era assim, o velho
Andou como um bom cristão.

D. JOÃO

Que foi que êle fez?

ESCULTOR

Deixou
Os seus bens — era opulento! —
P'ra erguer êste monumento
No lugar onde habitou.
Com a condição, que eu li
Exarada em codicilho,
De se enterrarem aqui
As vítimas de seu filho.
Vêde os túmulos, senhor:
Já estão feitos os primeiros.

D. JOÃO

Sois, talvez, um dos coveiros?

ESCULTOR

Sou Montañez, escultor!

D. JOÃO

Muito bem! — Parecem belas,
As estátuas ajoelhadas!

ESCULTOR

Representam, tôdas elas,
As pessoas sepultadas
Nestas arcas tumulares.

D. JOÃO

Sim, são obras singulares.
Esta é deveras parecida...
Por Deus, e est'outra também!

ESCULTOR

Conheceste-los em vida?

D. JOÃO

Se os conheci? Muito bem.

ESCULTOR

Como hoje a noite está clara,
Distinguem-se à maravilha.
É mármore de Carrara...

D. JOÃO

A estátua de Luís Padilha!
Além, — o Comendador.
A barba, o rosto aquilino...

ESCULTOR

Aqui, pensámos em pôr
A figura do assassino;
Mas o retrato encontrado
Dentro dum velho oratório
Já o povo o tinha queimado.
Foi um malvado, Tenório.
Não vos parece?

D. JOÃO

Um malvado.

ESCULTOR

Conheceste-lo, também?

D. JOÃO

Muito.

ESCULTOR

Dizem que morreu.

D. JOÃO

Vive ainda.

ESCULTOR

Hein?

D. JOÃO

Sei-o eu;
E aqui, em Sevilha.

ESCULTOR

Quem?
D. João Tenório?

D. JOÃO

Achais cedo
Para D. João regressar?

ESCULTOR

São capazes de o matar!

D. JOÃO

Êle nunca teve mêdo.

ESCULTOR

Virá aqui?

D. JOÃO

Se está perto,
E êste palácio foi seu,

Terá pensado, decerto,
Em morrer onde nasceu.
Depois, a sua opulência
Sepultou estranhos tão bem,
Que é muito justo também
Que o enterrem com decência.

ESCULTOR

Não. Nesta cidade morta
Não lhe é permitida a entrada.

D. JOÃO

Inútil fechar-lhe a porta;
Êle abre-a à ponta de espada!
E se isto não lhe agradar,
É homem — afirmo-o a sério —
P'ra erguer de novo o solar
E arrasar o cemitério!

ESCULTOR

Um ateu dos mais perdidos!

D. JOÃO

Não é ateu, justos ceus,
Quem chama um dia por Deus
E Deus não lhe dá ouvidos!

ESCULTOR

Defendei-lo?

D. JOÃO

Assim me apraz.

ESCULTOR

Tenho de fechar a porta,
Cavaleiro.

D. JOÃO

Não importa.
Deixai-a aberta — e ide em paz!

ESCULTOR

Quereis ficar às escuras
Entre túmulos fechados?

D. JOÃO

Direi os versos doirados
De Platão, às sepulturas.

Dirigindo-se às estátuas:

Brancas, geladas figuras,
Espectros ajoelhados, —
Na terra, mais uma vez,
Impassível vos avisto!

ESCULTOR, *àparte*

O homem é louco, talvez.

D. JOÃO, *descobrindo o túmulo de Inês, entre os chorões*

Ministros de Deus! Que é isto?
A estátua de Dona Inês!
Dona Inês também morreu?

ESCULTOR

Dizem que de sentimento,
Quando de novo ao convento
Abandonada volveu.

D. JOÃO

E ela é que aqui dorme?

ESCULTOR

É ela.

D. JOÃO

Viste-la morta?

ESCULTOR

Estendida
No catre.

D. JOÃO

Podesse eu vê-la!
E como estava?

ESCULTOR

Tão bela,
Que a julguei adormecida.
A morte foi caridosa
Com a sua formosura:
Deixou-a com a frescura
E o encanto duma rosa.

D. JOÃO

Ah, não! A morte glacial
Não corrompia, juro eu,
Esta fórma angelical
Que Deus criou para o ceu!
Que bela, que parecida
A mão dum homem te fez!
Quem pudera, ó minha Inês,
Chamar-te de novo à vida!
É obra vossa, escultor?

ESCULTOR

Esta e as outras, emfim.

D. JOÃO

Tomai.

ESCULTOR

Dinheiro, senhor?

D. JOÃO

P'ra vos lembrardes de mim.

ESCULTOR

Então, mercês.

D. JOÃO

Ide, amigo.

ESCULTOR

Queria fechar agora.
Perdoai...

D. JOÃO

Ide-vos embora.
As chaves ficam comigo.

ESCULTOR

Mas quem é que assim me empraza?
Quem sois vós?

D. JOÃO

Era irrisório
Impedir D. João Tenório
De descançar em sua casa!

ESCULTOR

Sois Tenório, senhoria?

D. JOÃO

Amigo, as chaves! Senão,
Virás fazer companhia
Ás estátuas que aqui estão!

ESCULTOR, *dando-lhe as chaves*

Pronto, senhor, por quem somos!
Primeiro, defendo a pele!

Saíndo:

O alcaide e os mordomos
Que lá se avenham com êle!

SCENA III

D. JOÃO

D. JOÃO, *só*

Formosa noite! Eis-me aqui.
Quantas como esta, tão puras,
Em infames aventuras
Desatinado perdi!
Quantas noites, ao clarão
Dêste luar transparente,

Uma vítima inocente
Sucumbiu à minha mão!
Não vos queixeis da ventura,
Vós outros a quem matei,
Que, se a vida vos tirei,
Dei-vos rica sepultura!
Perante êste monumento
Da paterna maldição,
Sinto que na solidão
Se eleva o meu pensamento.
Tão alto, que acaso o inspira,
Da eternidade onde mora,
Esta sombra protectora
Que por meu mal não respira!

Dirigindo-se, respeitoso, à estátua de INÊS:

Mármore em que Dona Inês,
Imagem sem alma existe!
Deixa que a alma dum triste
Venha chorar aos teus pés.
Se tu acaso me vês,
Se é mais do que pedra dura
A tua imagem tão pura,
Contempla com que paixão
Vem ajoelhar-se D. João
Sôbre a tua sepultura!
Foi quando um dia te vi,
Que na virtude pensei;
Por te adorar, te matei;

P'ra me salvar, te perdi.
Se Deus te criou a ti
P'ra me guiar na noite escura,
Ó anjo de formosura!
Guarda um lugar a D. João,
Perto do teu coração,
Nesta mesma sepultura.

Ajoelha-se nos degraus do túmulo, ocultando o rosto:

Fria pedra sepulcral,
Porque estremeces assim?
Palpita, em redor de mim,
Um ser sobrenatural!

A estátua de INÊS *anima-se; um clarão inunda-a;* D. JOÃO *levanta-se, assombrado:*

Inferno! Estátua mortal,
Tu moves-te? Mal segura,
Vacila a tua figura?
Respiras, ou é ilusão?

———

SCENA IV

D. JOÃO, D. INÊS

D. INÊS, *de sôbre o túmulo*

O meu espírito, D. João,
Ouviu-te da sepultura...

D. JOÃO

Dona Inês, sombra querida,
Alma do meu coração,
Não me tires a razão
Se me hás de deixar a vida!
Se és uma imagem fingida,
Fruto da minha loucura,
Dissipa-te, ilusão pura,
Desfaz-te por uma vez!

D. INÊS

D. João, a tua Inês
Vem abrir-te a sepultura.

D. JOÃO

Pois tu vives?

D. INÊS

Para ti.
Só vivo p'ra João Tenório;
Mas tenho o meu purgatório
No sepulcro onde desci.
A Deus minh'alma ofereci
P'ra salvar a tua alma impura;
E Deus, sentindo a ternura
Com que te amei, meu irmão,
Disse-me: «Espera D. João
Sôbre a tua sepultura;
E pois queres ser tão fiel
A um amor de Satanaz,
Com D. João te salvarás,
Ou te perderás com êle.»
Amor, porque foste cruel,
Expiei a tua loucura;
Por ti errei, sem ventura,
No fogo da redenção:
Dormirás hoje, D. João,
Nesta mesma sepultura.

D. JOÃO

Minha Inês, és minha emfim!
Mas que poder terei eu,
Que até os mortos, Deus meu,
Deixam as campas por mim!
Se está tão perto o meu fim,

Desce aos meus braços, da altura,
Vem, ó anjo de candura,
Que o nosso último transporte
Seja um noivado de morte
Sôbre a tua sepultura!

Sobe os degraus do túmulo para estreitá-la nos braços; mas o clarão de vida que inundava a estátua desaparece; a figura de INÊS *volta à impassibilidade fria do mármore.*

SCENA V

D. JOÃO, só

Delírio, que me envenenas!
Febre, loucura fatal!
Fria imagem sepulcral,
Tu és uma estátua, apenas!
Eu escutei o teu perdão,
Eu ouvi a tua voz,
Mas foi sòmente — ai de nós! —
Dentro do meu coração!
As fôrças se me aniquilam,
O cérebro me entontece!
Ou eu estou louco, — ou parece
Que êstes sepulcros vacilam!
Mortos, cinzas que meu pai
Ao morrer juntou aqui!

Sombras sinistras, passai!
Vagos fantasmas, fugi!
Se a esta sombria exedra
Vos trouxe p'las minhas mãos,
Regressai, fantasmas vãos,
Aos vossos leitos de pedra!
Descobri-vos, luar mortuório!
Passai, vultos fugitivos!
Não teme mortos nem vivos
A espada de João Tenório!

A lua, que um momento se ocultara por detrás duma nuvem, descobre-se; o luar ilumina de novo a scena.

SCENA VI

D. JOÃO, AVELANEDA, ZAMORA

VOZ DE ZAMORA

João Tenório!

D. JOÃO

Perdição!
Que voz à minha responde?

ZAMORA, *que aparece e aponta a* AVELANEDA *a figura de* D. JOÃO

Está ali um homem.

AVELANEDA

Onde?

D. JOÃO

Quem vem?

ZAMORA

É êle.

Chamando:

D. João!

AVELANEDA

Senhor João Tenório, vós!

D. JOÃO, *arrancando a espada*

Sombras funestas, de largo!

ZAMORA

Surgí do vosso letargo!
Não são sombras, somos nós,
Avelaneda e Zamora,
Dois bons amigos d'outrora
Que vos veem abraçar!
Que tendes?

D. JOÃO

Nada. Mercês.

AVELANEDA

Tremeis?

ZAMORA, *olhando-o*

E que palidez!

D. JOÃO, *recobrando a serenidade*

Talvez efeitos do luar.

ZAMORA

Que fazeis aqui?

D. JOÃO

Mistério.

AVELANEDA

Sabeis onde estais, p'lo ceu?

D. JOÃO

Sei que estou num cemitério.

ZAMORA

E sabeis em qual?

D. JOÃO

No meu.

Senhores, como ides vendo,

Só há aqui, neste espaço,
Ou vítimas do meu braço,
Ou heróis de quem descendo.

AVELANEDA

Com quem vos ouvi falar?

D. JOÃO

Com êles.

ZAMORA

Por São Fernando!
É aos mortos que estais falando?

D. JOÃO

Tinha-os vindo visitar.
E tomou-me tal vertigem,
Confesso-vos, capitão,
Tão forte alucinação
Das que por vezes me afligem,
Que se não vindes, à fé
(As sombras hostís combato-as)
Nenhuma destas estátuas
Tinha ficado de pé.

ZAMORA

Então, fidalgos altivos
Teem mêdo de defuntos?

D. JOÃO

Nem que viessem todos juntos,
Por Deus,— e estivessem vivos!

AVELANEDA

Como voltastes, dizei,
Para Sevilha, senhor?

D. JOÃO

Vamos daqui; é melhor.
Lá fóra vos contarei.

ZAMORA

Davam p'la vossa cabeça
Cem ducados de oiro, amigo!

D. JOÃO

Se a aventura vos interessa,
Ela conta-se depressa;
Vinde ambos cear comigo.

AVELANEDA

É grande honra para nós.

ZAMORA

Hoje?

D. JOÃO

Em minha casa.

ZAMORA

A sós,
Ou espera-nos mais alguém?

D. JOÃO

Talvez, se tiver maneira,
Algum dêstes mortos queira
Cear comnosco também.

ZAMORA

Por alma de Barrabás!

D. JOÃO

Olá, capitão Zamora!
Sois vós que tremeis agora?

ZAMORA

Deixai os mortos em paz.

D. JOÃO

Riram-se os dois de D. João.
Pois bem: tenho a minha idéa.
Vou convidar para a ceia
As estátuas que aqui estão.

AVELANEDA

Vêde que é insensatez
Brincar com o despôjo humano!

D. JOÃO

Dou-lhes vinho de Xerez
E cosinheiro italiano!

Dirigindo-se à estátua do COMENDADOR:

Tu és em estirpe o maior
E foste o mais ofendido:
Pois nesta hora te convido
Para cear, Comendador.
Se o teu espírito lograr,
Ou o corpo, saír daí,
Lá tens guardado um logar
Á minha mesa p'ra ti.
E, por Deus ou por el-rei,
Dir-me hás na despedida
Se há, depois desta, outra vida,
Porque eu nunca acreditei.

ZAMORA

Enlouquecestes, senhor?

D. JOÃO, *a* ZAMORA, *apontando a própria face*

E como vêdes, amigo,
Nem palidez, nem pavor.
Capitão, vinde comigo.
Até já, Comendador!

PANO RÁPIDO

ACTO VI

Aposento suntuoso em casa de D. João Tenório. Porta ao F., preparada para as exigências scénicas do acto. Dum lado, janela de rótulas, praticável. Do outro, porta de acesso para o interior da residência. Ao centro, ricamente servida e iluminada por candelabros de prata, a mesa da ceia. Quatro logares: os três primeiros ocupados por D. João, Avelaneda e Capitão Zamora; o último, deserto. Hora adiantada da noite. Ciutti e um pagem, servem.

SCENA I

D. JOÃO, ZAMORA, AVELANEDA, CIUTTI E UM PAGEM

AVELANEDA

E depois?

ZAMORA

Depois, senhor?

D. JOÃO

Depois, digo-o sem vaidade,
Fui, mercê do meu valor,
Honrado com a amisade
Do próprio imperador.
Na fortuna nada falta:
Honras, mercês, protecção.
Dentro em pouco, a cruz de Malta
Estrelava o meu gibão;
Chega a Veneza o meu nome;
E com fortuna tamanha
A minha espada rebrilha,
Que o Cardeal perdoou-me,
Pude voltar para Espanha, —
E eis-me de novo em Sevilha.

ZAMORA

E com que luxo e riqueza!

AVELANEDA

Num verdadeiro solar!

D. JOÃO

Quem se habituou à grandeza,
Não a pode dispensar.

ZAMORA

Mas — perdoai a impertinência —
Como é que, inda ontem chegado,
Já vos achais instalado
Com tanta magnificência?

D. JOÃO

Comprei ontem esta casa.

AVELANEDA

Com pratas e alfaias?

D. JOÃO

Tudo.
Obra de mestres da Holanda.
E à fé que comprei barato:
Por mil ducados, senhores.
Vendia-se ao desbarato
Para pagar aos credores.

ZAMORA

E quem foi que aqui morou?

AVELANEDA

Não devia ser qualquer...

D. JOÃO

Um louco, que se arruinou
Por causa duma mulher.

AVELANEDA

Perdeu tudo?

D. JOÃO

Até a vida.
Matou-se na última festa
Que deu, para despedida.

ZAMORA

Por Deus, a casa é funesta!

D. JOÃO

Mas a história é divertida.

AVELANEDA

E a mulher?

D. JOÃO

Não a vi bem.
Per bacco, una bionda pazza!

AVELANEDA

Não a comprastes, também,
Com o recheio da casa?

D. JOÃO

Nem que fôsse mais bem feita
Que Vénus,— digo-vos eu.
João Tenório não aceita
A moeda que já correu.
Uma amante é o peor dos servos;
Mas a casa é acolhedora,
E permitiu-me, já agora,
A honra de receber-vos.

ZAMORA

Não; sois vós que nos honrais.

D. JOÃO

Bebamos.

Chamando :

Ciutti!

CIUTTI

Senhor.

D. JOÃO, *indicando a cadeira vaga*

Põe vinho ao Comendador.

ZAMORA

Pois ainda vos lembrais
Dessa loucura, D. João?

D. JOÃO

Não virá; decerto não.
Mas não direis, em consciência,
Que não o tratei na ausência
Com tôda a consideração.
— Viandas, Ciutti!

ZAMORA

Delirais,
D. João Tenório! É um cúmulo
Querer que a estátua dum túmulo
Venha cear com mortais!

D. JOÃO

Se êle encontrasse maneira,
Com certeza que viria.

AVELANEDA

É p'ra êle esta cadeira?

D. JOÃO

Nunca falto à cortezia.
Quando tenho um convidado
Guardo-lhe sempre o logar;
Porque mesmo sem ser esp'rado,
Mesmo morto e sepultado,
Ás vezes — pode chegar.

O que vos digo, senhor,
É que se o Comendador
(Eu conheço-lhe a firmeza)
Fôr em morto tão tenaz
Como em vivo,— inda é capaz
De vir sentar-se a esta mesa!

ZAMORA

Bebamos à sua memória
E não pensemos mais nêle.

D. JOÃO

Bebamos pois, D. Miguel.

AVELANEDA

E que Deus o tenha em glória!

D. JOÃO, *erguendo a taça*

Se para além dêste inferno
Não há outro inferno peor,
Deus dê o repouso eterno
Á tua alma, Comendador!

Ouve-se bater uma argolada, na porta da rua.

Bateram à porta.

ZAMORA

Aonde?

D. JOÃO

Na rua.

A CIUTTI:

Vê se é alguém.

CIUTTI, *abrindo a janela e debruçando-se*

Senhor, não vejo ninguém.
Quem está lá? — Ninguém responde.

AVELANEDA

Algum vàdio, talvez,
Que se entretém, a horas mortas,
Batendo à aldraba das portas.

D. JOÃO, *a* CIUTTI

Fecha, e serve-nos Xerez.

Nova argolada mais forte.

Mas bateram outra vez!

CIUTTI

Lá em baixo, no portão.

D. JOÃO

Torna a vêr.— Vem gente?

CIUTTI, *à janela*

Não,
Senhor. Não se vê viv'alma.

D. JOÃO

Alguém que está a brincar
E que se esconde na viela.
Se tornarem a chamar,
Faze fogo da janela.

Batem de novo.

Outra vez?

CIUTTI

Por Jesus Cristo!

ZAMORA, *levantando-se assombrado*

O que se passa?

AVELANEDA

Que é isto?

CIUTTI

Esta última argolada
Soou já dentro da escada...

D. JOÃO

Sim, foi na escada que soou.

ZAMORA, *a* CIUTTI

O que dizes tu, amigo?

CIUTTI

Por Judas, senhores, digo
Que quem quer que é já entrou.

D. JOÃO

Tremem com mêdo dum morto
Duas almas espanholas?
Ciutti, aqui tens as pistolas:
Estão carregadas com bala.
Empunha-as — e vê quem é.

Nova argolada, mais perto ainda.

AVELANEDA

Ouvistes?

CIUTTI

Por Santo André,
Que isto foi já na ante-sala!

D. JOÃO

Basta! Compreendo, emfim!
Não é preciso mais nada.
Foi uma farça inventada
Para vos rirdes de mim!

ZAMORA

Não. Não foi nenhum de nós!

D. JOÃO

Pois quem, a não serdes vós,
Sabia que eu convidara
Um morto p'rá minha ceia?
Acho divertida a idéa,
Mas pode saír-vos cara!

ZAMORA

Por Deus, falamos a sério!
Se há aqui algum mistério,
Que se esclareça, D. João.
Nada sei.

AVELANEDA

Eu também não.

Batem de novo.

ZAMORA

Chut! Bateram outra vez.

CIUTTI, *que escuta, de pistolas aperradas, junto à porta do F.*

Ouço ruido de pés
Caminhando no salão...

D. JOÃO

Alguém conseguiu roubar
As chaves da minha casa:

Marcá-lo hei a ferro em braza,
Como um bandido vulgar!
Mas, quem quer que é, p'la Madona,
Não me privará de cear!

Levanta-se, corre os ferrolhos da porta do F. e volta a assentar-se.

Pronto. Está fechada a porta.
Se é alma viva, senhores,
Não entra sem a arrombar;
E, Deus louvado, se é morta,
Os espectros não precisam
Da porta aberta p'ra entrar!

ZAMORA

Dizeis bem.

AVELANEDA

Tendes razão.

D. JOÃO

Voltemos, senhores, à mesa.
Estais pálido, capitão!

ZAMORA

A princípio, com franqueza,
Tive uma certa apreensão...

D. JOÃO

Não explicais o que se passa?
Bem. Continuemos a cear.
Capitão, a vossa taça.
Ciutti, serve-nos faizão!
Vinho doirado de Samos.
Vós, Comendador, Xerez.
A vêr se, emquanto ceamos,
Batem à porta outra vez!

Argolada forte à porta do F.

CIUTTI

Foi nesta porta, senhor!

D. JOÃO

Quem quer que sois, criatura
De Deus ou de Satanaz,
Entrai,— se fordes capaz
De caber p'la fechadura!

A estátua de D. GONÇALO *entra pela porta do F., sem a abrir e sem fazer ruído.*

SCENA II

OS MESMOS, A ESTÁTUA DO COMENDADOR

ZAMORA, *como fulminado*

Deus!

D. JOÃO

Que é isto?

AVELANEDA, *caíndo de bruços sôbre a mesa*

Virgem pura!
Desfaleço!

ZAMORA, *adormecendo*

Mal respiro...

D. JOÃO

É realidade, ou deliro?
O seu gesto, a sua figura...

D. GONÇALO

Quem é por ti convidado,
Porque te causa pavor?

D. JOÃO

É a voz do Comendador,
Ou eu estou alucinado!

D. GONÇALO

Vejo, p'la tua surpreza,
Que não me esperavas aqui.

D. JOÃO

Mentes! Mandei pôr na mesa
Mais um logar para ti.
Aproxima-te, entretanto:
Se és quem a minh'alma pensa,
Nem temo a tua presença,
Nem me empalidece o espanto.

D. GONÇALO

Duvídas ainda? Vê.
Põe se quer's, homem ímpio,
A mão no mármore frio
Da minha estátua.

D. JOÃO

P'ra quê?
Prometi esperar-te: cumpri.

Ceemos, pois. Mas eu te exorto:
Se tu não fores o morto, —
Saìrás morto daqui!

À ZAMORA *e a* AVELANEDA:

Erguei-vos! Tendes que ver!

D. GONÇALO

Não. É inútil, D. João;
Êles não acordarão
Emquanto eu aqui estiver.
Porque a divina clemência,
Maior do que tu supunhas,
Não quer outras testemunhas
Senão a tua consciência.
Convidaste-me a cear,
Homem sacrílego: vim.
E vim para te anunciar
Que está próximo o teu fim.
A tua alma pervertida
Vai conhecer a verdade:
Para além da nossa vida
Existe uma eternidade.
Busca a tua salvação;
Pede a Deus p'ra te acolher:
Porque tu deves morrer
Inda esta noite, D. João.

Já que a justiça infinita
Me trouxe aqui, pecador,
Espero do teu valor
Que irás pagar-me a visita.
Até breve, João Tenório!

D. JOÃO

Está dito, Comendador:
Ir-te hei visitar a ti.
Mas sem eu me convencer
Do que há de vago, e incorpóreo,
E impalpável no teu ser, —
Tu não saìrás daqui!

Agarra numa pistola.

D. GONÇALO

O orgulho humano, — o que êle é!
As grades mais resistentes,
As paredes mais potentes,
Abrem-se aos meus passos: vê!

A estátua de D. GONÇALO *desaparece, filtrando-se pela parede.*

SCENA III

D. JOÃO, ZAMORA, AVELANEDA

D. JOÃO

Desapareceu? — Endoideço!
Pois a sua sombra passa
Através dum muro espesso,
Como a luz numa vidraça?
Terei a razão perdida?
Enlouqueci ou sonhei?
Será certo? Eu contarei
Apenas horas de vida?
Não! Mentira! Estátua augusta,
Tu não me ouves nem me vês!
Vieram rir-se à minha custa:
Foram êstes dois, talvez!

Sacudindo ZAMORA *e* AVELANEDA, *profundamente adormecidos:*

Eh! Levantai-vos daí!
Basta de comédia, vamos!

AVELANEDA

Olá! Sois vós? Onde estamos?

ZAMORA

Inferno, — eu adormeci?

D. JOÃO

Explicai-me o torvo enrêdo,
A odiosa maquinação
Que urdistes.

AVELANEDA

Nós, D. João?

D. JOÃO

Era p'ra meter-me mêdo,
A mim, senhor capitão?
Que foi que aqui se passou?
Quem era êsse homem?

ZAMORA

Qual homem?
Não vos entendo.

AVELANEDA

Nem eu.

D. JOÃO

Basta já de fingimento!
Estão ambos desmascarados.

Fingiram-se desmaiados
P'ra lograr melhor o intento.

ZAMORA

Não sei de nada. Ouvís bem?
E não permito a ninguém
Que duvide do que eu digo!

AVELANEDA

Nem eu que brinquem comigo!

D. JOÃO

Será realidade, emfim?
Farão estas mãos impuras
Que as pedras das sepulturas
Se levantem contra mim?

A ambos:

Nada sabeis a respeito
Do que se passou? Jurais?

ZAMORA

O que se passou? Suspeito.
Ou melhor, — sei-o de mais!

AVELANEDA

Também eu já o entendi.

ZAMORA

Há uma hora — não é pouco! —
Que estamos servindo aqui
De zombaria a um louco!

D. JOÃO

Zamora!

ZAMORA

A graça é pesada.
Convidais um morto a cear,
Por simples fanfarronada;
E como quereis jurar
Por Deus ou pelos infernos
Que êle aqui esteve — adivinho! —
Deitastes, p'ra adormecer-nos,
Um narcótico no vinho!

AVELANEDA

É a minha opinião.

D. JOÃO

Mentís, senhor capitão!

ZAMORA

Por Deus, sois vós que mentís
Como um salteador de estrada!

D. JOÃO

Seja! Deus assim o quiz!
Quando encontro línguas vis,
Corto-as, à ponta de espada!

AVELANEDA, *levando a mão aos copos da espada*

Pois seja!

D. JOÃO

Noutro logar.
Não quero que ninguém creia
Que vos convidei p'rá ceia
Para vos assassinar!

AVELANEDA

Na rua. Há um bom terreiro.

D. JOÃO

Depressa! Ver-se há depois!

ZAMORA

Com qual vos bateis primeiro?

D. JOÃO

Ao mesmo tempo — com os dois!

CÁI O PANO

ACTO VII

A mesma scena do V acto : o cemitério dos Tenórios. Noite. Junto da arca tumular de Inês, um coveiro, escondido na terra, abre uma cova.

SCENA ÚNICA

D. JOÃO, AS ESTÁTUAS DE INÊS E DE D. GONÇALO

D. JOÃO, *entrando*

Eis a cidade deserta
Que o pavor da morte habita
E que todo o homem tem certa!

Dirigindo-se à estátua de D. GONÇALO:

Dom Comendador, desperta;
Venho pagar-te a visita!

D. GONÇALO, *cuja estátua se anima*

Já te esperava, D. João.
Vai soar a hora fatal
Da tua condenação...

D. JOÃO

É a morte? Eu sou mortal.

D. GONÇALO

Ajoelha-te e reza.

D. JOÃO

Não!

D. GONÇALO

Na hora suprema que passa,
Invoca a divina graça,
De joelhos, homem sem fé!

D. JOÃO

Os nobres da minha raça
Esperam a morte — de pé!

D. GONÇALO

Deus, do etéreo firmamento,
P'ra o teu arrependimento
Dá-te inda tempo, D. João!

D. JOÃO

Não se expiam num momento
Trinta anos de perdição.

Ouve-se um dobre de finados, nos sinos.

Dizei, mármores gelados,
Por quantos dias contados
Terei eu vida, afinal?

D. GONÇALO

Já estão dobrando a finados
Os sinos da catedral.

D. JOÃO

Por mim?

D. GONÇALO

Por ti.

D. JOÃO

Entendi.
E a cova que abrem aqui?

Dirigindo-se ao COVEIRO:

Velho, pára de cavar!

D. GONÇALO

Estão abrindo — ai de ti! —
A cova p'ra te enterrar.

D. JOÃO, *quando começa a ouvir-se um cantochão lúgubre.*

Deus! E os cantos funerais,
Os salmos penitenciais
Que eu oiço na escuridão?

D. GONÇALO

Ai, não me perguntes mais:
São por tua alma, D. João.

Vem entrando, lentamente, um entêrro; frades, diáconos de dalmática, o esquife.

D. JOÃO

Anjos, ministros do ceu!
E aquele entêrro, à luz baça?
Aquele entêrro que passa?

D. GONÇALO

Aquele entêrro é o teu.

D. JOÃO

Dize-me: eu estou morto, então?
É a minh'alma que te exorta!

D. GONÇALO

Sim. Matou-te o capitão,
Em duelo à tua porta.

D. JOÃO

Misericórdia, Senhor!
Mas que divino esplendor
Céga os meus olhos mortais?
Ah, pecador, pecador,
Não terás perdão jàmais!
É a expiação que começa!
Espectros, não tenhais pressa!
Mais um instante, p'los ceus!

D. GONÇALO

Já sôbre a tua cabeça
Pressinto a ira de Deus!

D. JOÃO

Não há p'ra mim salvação!
Assassinei sem perdão,
Atropelei a razão,
Escarneci a virtude...

D. GONÇALO

É o teu corpo, D. João,
Que vem naquele ataúde.

D. JOÃO

Que queres de mim então,
Estátua impassível e calma,
Se é a morte que vem aí?

D. GONÇALO

Quero levar a tua alma,
Que é o que resta de ti.

D. JOÃO

A minh'alma? E onde m'a levas,
Mármore odiento e pressago?

D. GONÇALO

Para além do estígio lago,
Onde tudo é fogo e trevas.

D. JOÃO

Inês, ó alma d'amor,
Ó dôce imagem divina!
Já que o Senhor te destina
A remir um pecador,
Ah, vale-me neste horror,
Vem salvar-me, estrela d'alva,
Dá-me a eterna redenção!

INÊS, *cuja estátua se anima, logo que a cingem os braços de Tenório.*

É o meu amor que te salva:
Deus perdoou-te, D. João!

D. JOÃO

Minha Inês!

D. INÊS

Pedi-lhe tanto,
Com tanta fé, tanto encanto,
Que o Senhor, em núpcias calmas,
Nunca mais interrompidas,
Vai unir as nossas almas
Como uniu as nossas vidas...

D. GONÇALO

Mistério d'amor profundo!

OS FRADES, *em volta do esquife*

In pulverem reverteris...

D. INÊS

Deus ouve sempre as mulheres
Que muito amaram no mundo.

O grupo de INÊS *e de* D. JOÃO *é tocado duma luz sobrenatural. Continuam a ouvir-se os salmos penitenciais.*

CAI O PANO

JULIO DANTAS

A Castro

PORTUGAL-BRASIL L.DA
SOCIEDADE EDITORA
LISBOA

A CASTRO

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 2.ª edição.
Sonetos (1916) — 3.ª edição.

PROSA

Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc. (1909) — 2.ª edição augmentada.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 2.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição, no prelo.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 4.ª edição, no prelo.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 4.ª edição.
Eles e Elas (1918) — 2.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 3.ª edição.
Como elas amam (1920) — 2.ª edição.
Abelhas doiradas (1920).
As Grandes Batalhas — no prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) — 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 2.ª edição.
A Severa (1901) — 4.ª edição, no prelo.
Crucificados (1902) — 3.ª edição, no prelo.
A Ceia dos Cardeais (1902) — 23.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 3.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) — 3.ª edição.
Rei Lear (1906).
Rosas de todo o ano (1907) — 7.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 4.ª edição.
Santa Inquisição (1910) — 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 3.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 2.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 2.ª edição.
1023 (1914) — 2.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 2.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) — 2.ª edição.
D. João Tenório (1920).
A Castro (1920).

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

A CASTRO

Adaptação, em 4 actos, da CASTRO, de António Ferreira

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

A Castro, *primeira tragédia regular da literatura portuguesa, escrita em 1557 pelo doutor António Ferreira, impressa em 1587, e representada antes desta data em Coimbra, é a dramatização de um assunto medieval — os amores de D. Pedro e Dona Inês — feita segundo o* cânon *da tragédia grega, em cinco curtos episódios separados por* stásima *corais, e adoptando, pela primeira vez em Portugal, o dècasilabo branco italiano usado por Giangiorgio Trissino na* Sophonisba. *Durante mais de três séculos, êste monumento do nosso teatro arcáico não se representou, servindo apenas, como* «tous ces longs cadavres vénérables qui encombrent les litteratures» — *na frase de Romain Rolland — para o estudo paciente dos filólogos. Coube-me agora a honra de reani-*

mar a obra-prima de António Ferreira, restitùindo-a, palpitante de vida, ao teatro português, e fazendo-a aplaudir, ao fim de trezentos e trinta e três anos de esquecimento, não apenas com o frio respeito protocolar com que é de uso acolher estas gloriosas múmias clássicas, mas com aquela comoção profunda e aquele entusiasmo vibrante que na alma das multidões só dispertam as grandes obras de teatro, dominadoras e eternas. Com efeito, a Castro *subiu à scena na noite de 5 de agosto de 1920, no Teatro Nacional Almeida Garrett, constitùindo, na interpretação admirável de Amélia Rey Colaço, um verdadeiro acontecimento. Tratava-se duma obra reconhecidamente insusceptível de se representar no texto integral, a não ser a título de diver-*

timento erudito, como se usa nas universidades inglesas: foi necessário, portanto, afim de tornar possível a sua realização scénica e de assegurar a sua viabilidade perante as exigências do público moderno, introduzir modificações profundas quer na sua estrutura, quer na sua dinâmica, quer na sua expressão, à semelhança do que Echegaray, Benavente e outros praticaram na vizinha Espanha, em recentes tentativas de rejuvenescimento do teatro de Lope de Vega, de Calderon de la Barca, de Tirso de Molina, de Guevara, e de Moreto. Esta adaptação da Castro, *que agora se dá à estampa depois de aceita, sancionada e legitimada pelo aplauso público, difere, pois, sensívelmente, do texto original de António Ferreira: criaram-se nela personagens no-*

vas; reùniram-se, num acto único, o 3.º e 4.º episódios; atenuou-se a parte do côro, fazendo-se cantar apenas a paródos, *e distribùindo-se os* stásima *por coriféus integrados na acção; procurou-se obter o máximo de movimento compatível com a dignidade hierática da tragédia, e o máximo de lógica e de clareza na dedução dos seus elementos dramáticos; modificaram-se, eliminaram-se, substitùiram-se e acrescentaram-se versos, sempre que isso foi conveniente para maior limpidez da expressão e melhor compreensão das situações; retocou-se, emfim, a tragédia, como se fôsse a velha pintura em tábua dum primitivo do século* XVI, *de fórma a fazê-la sentir e admirar pela multidão; numa palavra, — duma tragédia morta fez-se uma tragédia viva. Que a*

sombra patriarcal do Mestre me perdôe, se puz na sua obra mãos irreverentes. Mas eu entendo, em minha consciência, que prestei à memória de António Ferreira a maior homenagem que podia prestar-lhe, arrancando a Castro *à poeira das bibliotecas, onde só a conheciam os ratos e os filólogos, para, ao fim de três longos séculos, a atirar, em pleno esplendor e em plena glória, para a luz ofuscante do teatro.*

JÚLIO DANTAS.

FIGURAS

Inês de Castro..................	AMÉLIA REY COLAÇO
A Ama	LUCINDA DO CARMO
Uma donzela de Inês	OFÉLIA BROCHADO
Uma mulher	ADELAIDE SOARES
Afonso IV	ROBLES MONTEIRO
Infante D. Pedro	CLEMENTE PINTO
O aio	AUGUSTO DE MELO
Um velho	EDUARDO RAPOSO
O mensageiro....................	EDUARDO FREITAS
Diogo Lopes Pacheco	SEIXAS PEREIRA
Pero Coelho	JOSÉ CARDOSO
Alvaro Gonçalves...............	BOTELHO DO AMARAL

Côro de donzelas de Inês. Bispos, ricos-homens, abades-bentos, monteiros, falcoeiros, homens de armas, escudeiros, trombeteiros, carrascos, povo, os três filhos de Inês (Infantes D. Beatrís, D. João e D. Dinís).

Primeiro acto: em Coimbra, na quinta das Lágrimas. *Segundo acto:* no paço real de Montemór. *Terceiro acto:* no paço de Santa-Clara, em Coimbra. *Quarto acto:* numa estalagem da Beira.

SÉCULO XIV

PRIMEIRO ACTO

ACTO I

A scena passa-se na Quinta-do-Pombal, perto dos paços de Santa-Clara, em Coimbra. Na névoa doirada da manhã adivinham-se os gigantes do convento de claristas que Santa Isabel fundou. Junto da fonte-dos-Amores, que sussurra no silêncio e na sombra, uma grande cadeira gótica repousa sôbre um tapete mourisco. E' nessa cadeira que está INÊS, *ao levantar do pano, tendo, assentado aos pés numa almofada de brocado, um escudeiro moço, quási uma criança, que toca alaúde. As donzelas e cuvilheiras da «Colo de Garça» colhem flôres e riem, ao F., entre o arvoredo. São elas que constitúem o côro da tragédia. — Música de scena. — Manhã.*

SCENA I

INÊS, A AMA, DONZELAS DO CÔRO

INÊS

Colhei, colhei alegres,
Donzelas minhas, mil cheirosas flôres!
Tecei frescas capelas
De lírios e de rosas. Coroai tôdas
As doiradas cabeças!

Respirem suaves cheiros
De que se encha o ar todo.
Sôem doces tangeres, doces cantos.
Honrai o claro dia,
Meu dia tão ditoso!

AMA, *aproximando-se de* INÊS, *com ternura*

Que novas festas, novos cantos pedes?

INÊS, *com as lágrimas nos olhos*

Ama! Na criação, ama; no amor, mãi!
Como eu me sinto alegre!

AMA

Novos extremos vejo:
Nas palavras, prazer; água nos olhos!
Quem te fez, a um tempo, leda e triste?

INÊS

Triste não pode estar quem vês contente.

AMA

Mistura às vezes a fortuna, tudo.

INÊS

Riso, prazer, brandura na alma tenho!

AMA, *enxugando-lhe os olhos*

Lágrimas são sinais de má fortuna.

INÊS

São da boa fortuna companheiras.

AMA

Que fôrça de prazer tas traz aos olhos?

INÊS

Vejo o meu bem seguro, que receava.

AMA

Porque me tens suspensa?
Abre-me já, senhora, essa alma tua.
O mal, abranda; o bem, contando-o, cresce.

INÊS, *erguendo-se*

O' ama! Amanheceu-me um claro dia!

Emquanto INÊS *desce, com a* AMA, *o escudeiro do alaúde, que lhe tem beijado a mão, sobe para junto das donzelas, assenta-se ao F., num banco de pedra, e continúa tocando. A música acompanha a fala de* INÊS:

Falei ao meu senhor. Infante Pedro!
Meu doce amor, minha esperança e honra!
Sabes como em saíndo dos teus braços,
Ama, na viva flôr da minha idade,
(Ou fôsse fado meu, ou estrela minha!)
Com os olhos lhe acendí no peito o fogo,
Fogo que sempre ardeu, e inda arde agora
Na primeira viveza, inteiro e puro.

Mas o espírito inquieto com os clamores
Do povo, e os rogos graves, que trabalham
Apartar êste amor, quebrar-lhe a fôrça,
Me traziam mudada, receando
A volta da fortuna, porque sempre
Um grande bem, um maior mal promete.
Lograva como a mêdo os meus amores;
Criava o grande amor, desconfiança;
E agora, já confío, nada temo.
Falei a meu senhor.

AMA

Que lhe disseste?
E êle, que te falou?

INÊS

Tomei os filhos
Com lágrimas nos olhos, rosto branco,
E em chôro solto, comecei: «Senhor!
Soam-me as cruéis vozes dêste povo,
Vejo d'el-Rei a fôrça e império grave
Armados contra mim, contra a constância
Que em meu amor, té agora, tens mostrado!

Não receio, senhor, que a fé tão firme
Queiras quebrar a quem tua alma déste;
Mas receio a fortuna, que mais possa
Com seu furor, que tu com teu carinho!
Por estas minhas lágrimas; por esta
Tua mão que em sinal de fé me déste;
Pelos doces amores, doce fruito
Que dêle tens diante, te suplico
Me segures, me guardes, me conserves
Contra os duros mandados de teu pai,
Contra importunas vozes dos que podem
Mudar acaso o teu constante peito!
Ou quando a minha estrela e cruel génio
Te puder arrancar desta alma minha,
Com teu amado braço envolto em sangue
Ma arranques dêste corpo, ó meu Infante,
E eu tomarei por doce a minha morte!»

AMA, *chorando*

Moveste-me a alma e os olhos...

INÊS

Assim disse,
Ama.

AMA

E êle?

INÊS

E êle, então, lançando os braços
Estreitamente em mim, em vão trabalha,
Mudado todo, de encobrir a mágua
De meu temor e lágrimas: «E pode,
O' Dona Inês — me diz — pode teu peito
Conceber tal receio? Aquele dia
Primeiro que te vi, não mostrou logo
Que esta minha alma é tua até à morte?
Por ti me é doce a vida; por ti espero
Acrescentar impérios; sem ti, o mundo
Era um duro deserto para mim!
Na tua mão te ponho, firme e fixa,
Minha alma. Por Infanta te nomeio,
Do meu amor senhora. E no alto estado
Que me espera, só tu serás raínha!»
— Assim falou o meu senhor.

AMA, *com júbilo*

Raínha!

INÊS, *em êxtase*

Raínha!

AMA

Entendo agora as tuas lágrimas,
Filha. Tambêm eu choro. Tão contrária
Nos é sempre a alegria, que inda toma
Lágrimas emprestadas à tristeza!

INÊS

Rege tu, ó minha ama, êste meu peito.
O súbito prazer engana e erra!
Que farei eu?

AMA

Encobre o teu segrêdo.

INÊS

Guardo-o em minha alma...

SCENA II

OS MESMOS, INFANTE, AIO

INFANTE, *aparecendo ao F., com o* AIO

Inês!

INÊS, *apaixonadamente, indo caír-lhe nos braços*

Ó meu Infante!

CÔRO, *cantando, ao F., quási num murmúrio, emquanto* D. PEDRO *aperta* INÊS *de encontro ao peito*

Já quando Amor nasceu,
Nasceu ao mundo vida,
Claros raios ao sol, luz às estrelas.
O ceu resplandeceu,
E, de sua luz vencida,
A escuridão mostrou as coisas belas.

Por amor se orna a terra
D'águas e de verdura!

Às árvores dá folhas; côr às flôres.
Em doce paz a guerra,
A dureza em brandura
E mil ódios converte em mil amores.

Amor em doces cantos,
Em doces liras sôe,
Torne seu brando nome mais sereno:
Fujam máguas e prantos,
O ledo prazer vôe,
E claro o rio faça e o vale ameno!

INFANTE, *desprendendo-a dos braços*

Vai, Inês!

INÊS, *olhando-o, encantada*

Meu Infante!

INFANTE

Vive leda!
Vive segura! Que me importa a morte?
Antes morrer do que viver sem ti!

INÊS, *subindo, e atirando-lhe beijos, num enlêvo*

Meu senhor, meu Infante, minha vida!

Sái pelo F., com as donzelas, que repetem o côro e desaparecem nas sombras do arvoredo.

SCENA III

O INFANTE, o AIO

INFANTE

Deus, Senhor poderoso, pai do mundo,
A cujo acêno treme a redondeza,
A cujo querer, nada é impossível!
Fortalece o meu peito; arma-me todo
De paciência igual à dura afronta!
Socega os alvoroços dêste povo,
A fúria de meu pai, que em vão trabalha
Arrancar-me minha alma donde vive!
Sou humano, Senhor. Tentações grandes
Vencem ânimos fortes. Minha Inês!

Ferve o sangue, arde o peito, cresce-me a ira
Contra quem me perségue. Tu me amansa!
Tu me aclara e me guia!

Ao velho AIO, *que o escuta:*

Dize, amigo.
Arrancam-me as entranhas. Que me querem?
Essa gente que quer, que assim me mata?

AIO

Querem-te só. Procuram tua honra.

INFANTE

Procuram apartar-me donde vivo!

AIO

Se te visses, senhor, vêr-te-ías morto,
Vêr-te-ías cego.

INFANTE

Porque assim me falas,
Tu?

AIO

Meu senhor, porque vos amo e sirvo.

INFANTE

Também tu me persegues?

AIO, *com doçura*

Aconselho-te;
Guio a tua alma, meu senhor Infante.
Que coisa mais destroi o rei e o reino?
Que coisa cria mór desprêzo e ódio
Que vê-lo sujeitar-se a coisas baixas?
Que vê-lo ser mandado de seus vícios?
Com que rosto, senhor, darás castigo
Aos que cometam o que tu cometes?
Como conservarás a obediência
Santa devida aos pais, pois tu a negas
Aos teus, no que te pedem justamente?
Memória deixarás de mau exemplo
A teus filhos; darás licença larga
A reis que isto souberem,—e ao mundo, causa
De escurecer teu nome para sempre.

Todos sôbre ti cáem. Senhor, vê-te!
Conhece-te melhor. Entra em ti mesmo.
Verás então porque é que te importunam,
O que o teu rei te pede, e o teu povo!

INFANTE

Não. Eu não sou o que me julgam todos;
Nem é tamanho o mal, como o tu vês.
Que entendes tu dum coração de príncipe?
Julgas que amar é um crime? Tu, vós todos,
Olhai essa mulher. Vêde o que há nela!
Dum sangue nos formou a natureza:
Real é; vem de reis; de reis é digna.
Fôsse eu monarca de mil mundos, rei
Da terra inteira, iria pôr-lha aos pés.
Parece-me pequena essa corôa
Para a sua cabeça! — Não, amigo.
Deixe o rei, deixe o povo de cançar-me.
A ninguêm obedeço; a ninguêm ouço.
Arranquem-me a vontade dêste peito;
Arranquem-me do peito esta minh'alma!
Melhor o acabarão, do que apartarem-me
Donde estou, donde vivo: que primeiro
A terra subirá onde os céus andam,

O mar abrazará os céus e a terra,
O fogo será frio, o sol escuro,—
Que eu te deixe na vida, ó minha Inês!

AIO

Amor em ti só reina, amor só manda,
Peçonha doce d'alma, de honra e vida!
Mas porque não te movem tantos choros
Da Raínha, tua mãi? E tantos rogos
D'el-Rei teu pai? E os meus, que te suplico:
Aparta-te de Inês!

INFANTE, *violento*

Basta!

AIO, *numa súplica*

Deus!

INFANTE

Basta!
Não te pedi conselho! Vai!

AIO, *exortando-o*

Infante!

INFANTE, *crescendo, numa ameaça*

Vai-te diante de mim! Vai, que me cegas!

O AIO *sai, tristemente. — O* INFANTE, *abatido, cai sôbre a cadeira gótica, junto à fonte:*

Ó perseguição grande! Ó ódio estranho!
Homens de entranhas feras e danadas!
Que me quereis? Que sem razão vos faço
Em ter igual amor a quem mo tem?
A quem tudo merece, e inda é pequeno!
Homens, que procurais a minha morte
E o meu sangue, — ah, quanto vós daríeis
Por saberdes odiar e amar como eu!

SCENA IV

INFANTE, INÊS, CÔRO

INÊS, *entrando pelo F., aproximando-se do* INFANTE *que medita, olhando-o num vago receio tímido, e tomando-lhe a mão*

Em que pensavas, meu senhor?

INFANTE, *mudando a sua expressão bárbara num sorriso de ternura*

Em ti.

Beijam-se. Ouvem-se os sinos do convento de Santa Clara. O sol inunda a scena. As donzelas de INÊS, *invisíveis, cantam ao longe. — O pano cài.*

SEGUNDO ACTO

ACTO II

Nos Paços de Montemór. Uma larga sala abobadada. Arcada ogival praticável, ao fundo. À direita, oratório. O REI *dá beija-mão. Passam os Bispos, os Abades-bentos, os ricos-homens, o povo. Junto de* AFONSO IV *estão os seus conselheiros privados:* DIOGO LOPES PACHECO, ALVARO GONÇALVES, PERO COELHO. *À extrema direita da scena, entre o povo, um* VELHO, *corifêu do côro trágico. As figuras vão passando, beijam a mão do rei, e sáem pela arcada do F.—Música de scena.—Dia claro.*

SCENA I

REI, PACHECO, COELHO, GONÇALVES, UM VELHO

O VELHO, *como se falasse para si próprio, olhando o* REI

Quanto mais livre, quanto mais seguro
E' aquele estado que, de si contente,
Permite que se viva numa honesta
Mediania !

Tristes pobrezas, ninguêm as deseje;
Cegas riquezas, ninguêm as procure:
Num meio honesto está a felicidade
        Dos céus e terra.
Reis poderosos, príncipes, monarcas,
Sôbre nós pondes vossos pés, pisais-nos:
Màs sôbre vós está sempre a fortuna;
        Nós, livres dela.
Nos altos muros sôam mais os ventos;
As mais crescidas árvores derribam;
A mais inchada vela, o mar a rompe;
        As torres cáem.
Pompas e ventos, títulos famosos,
Não dão descanço nem mais doce sono;
Antes mais cançam, antes mais destróem,
        Antes mais matam.
Como se volvem pelo mar as ondas,
Assim se volvem êsses peitos cheios:
E nunca fartos, nunca satisfeitos,
        Nunca seguros.
Quem mais deseja, muitas vezes se acha
Triste e enganado: poucas vezes dorme,
Temendo o fogo, o vento, o ar, as sombras;
        Temendo os homens.
Rei poderoso, tu porque desejas

Nunca ter reino? Porque essa corôa
Chamas pesada? Pelo pêso d'alma
Que te assoberba.
Tristes pobrezas, ninguêm as deseje;
Cegas riquezas, ninguêm as procure...

Todos passaram. O VELHO *atravessa a scena, trémulo, envolvido na sua loba negra, beija a mão ao* REI, *e sái. E' o último. A música cessa.*

SCENA II

OS MESMOS, menos o VELHO

REI, *erguedo-se, descendo do estrado, e pondo o sceptro de oiro sôbre uma almofada de veludo vermelho que um escudeiro moço lhe apresenta*

O' sceptro rico! A quem te não conhece,
Como és formoso e belo! E quem soubesse
Quão diferente és do que prometes,
Neste chão que te achasse, quereria
Pisar-te antes aos pés, que levantar-te.

Não louvo os que se louvam por impérios,
A ferro, a sangue, a fogo; mas aqueles
(O' grandeza espantosa e ânimo leve!)
Que, tendo-os muito grandes, os deixaram.

A DIOGO LOPES PACHECO, *emquanto tira da cabeça a corôa e a coloca sôbre a almofada:*

O resplendor dêste oiro nos engana:
E' terra só, e terra a mais pesada.

PACHECO

Trabalho, mais que estado, têm os reis,
Os bons reis, que não amam os seus vícios
Como as obrigações de se mostrarem
Contra si mais isentos e mais fortes.
Um tal rei como tu, senhor, é rei.
Não te pese de o ser, que virá tempo
Que te hajam mais inveja a êsses trabalhos
Sofridos com paciência e bem regidos,
Que a vitórias famosas com grã perda
De homens e de riquezas mal ganhadas.
Isso faz os reis grandes, dignos sempre

De memória imortal: sofrer trabalhos
Pelo bem público; quebrar a fôrça
Do sangue e o próprio amor; atalhar males,
Antes que êles se tornem sem remédio.
Ser duro, mas ser justo: isso é ser rei.

REI, *indo assentar-se num escabelo, a meio da scena*

Antes eu o não fôra! Vêr o Infante
Meu filho rebelado contra mim,
Duro a meus rogos, duro a meus mandados!
Que estrela foi aquela, tão funesta?

COELHO

Uma mulher, senhor, que tudo pode.

PACHECO

Uma mulher, que é a perdição do reino.

REI, *a* ALVARO GONÇALVES, *que fica na sombra, de braços cruzados*

Que me aconselhas tu?

GONÇALVES

Senhor, justiça!

REI

Duro remédio. Quanto melhor fôra
Amor e obediência! Meus pecados,
Quão gravemente sôbre mim caíram!

COELHO

Mandai matar Inês...

GONÇALVES, *concluíndo*

E tudo é feito.

REI

Matar Inês?

PACHECO

E' a salvação do povo.

REI

Matar quem não tem culpa?

COELHO

Pode um rei
Mandar matar sem culpa, mas com causa.

REI

Que lei há que a condene, ou que justiça?

PACHECO

O bem comum, senhor.

REI

Que crime é o dela?

PACHECO

Vive. A sua morte é a segurança e a paz.

REI, *depois dum silêncio, olhando-os*

E' o conselho que me dais?

PACHECO

A morte.

COELHO, *a quem o* REI *olha*

A morte.

REI, *a* ALVARO GONÇALVES

Tu, tambêm, amigo?

GONÇALVES

A morte.

REI

Matar uma inocente?

COELHO

Que nos perde.

REI

Não achais outro meio?

PACHECO

Não o temos.

REI

Metê-la num mosteiro!

PACHECO

Queimá-lo-hão.

REI

Lançá-la dêste reino!

COELHO

O amor vôa.

PACHECO

Êste fogo, senhor, não morre logo.

Quanto mais lhe resistes, mais se acende.
Contra amor, que logar darás seguro?

REI

Matá-la, não, que é rigoroso e iníquo.

COELHO

Não vês, não ouves, quantas vezes morrem
Muitos que o não merecem?

GONÇALVES, *sombrio*

Deus o quer!

REI, *erguendo-se*

Se Deus o quer, amigos, Deus o faça,
Cuja vontade é lei, e a minha não.

PACHECO

Os reis, senhor, são como Deus na terra.
Pois que dirás daqueles que a seus próprios
Filhos e a seu amor não perdoaram
Por exemplo comum, e bem do povo?

REI

Aos que bem o fizeram, tenho inveja;
Os outros, nem os louvo, nem os sigo.

COELHO

O bem geral, quer Deus que mais se estime
Que o bem particular.

REI

Antes Deus quer
Que se perdôe a um mau, que um bom padeça.

Terminante:

Não mato uma inocente.

PACHECO

Não és justo!
Vês, poderoso rei, vês com os teus olhos
A peçonha cruel, que vai lavrando
Gerada dêste amor cego; vês quanto
A soberba, o desprêzo dêstes homens
Contra ti, contra todos vai crescendo:
Se em tua vida nos tememos tanto,

Que faremos depois da tua morte?
Por dar saúde ao corpo, qualquer membro
Que apodrece se corta, e pelo são,
Porque o são não corrompa. Êste teu corpo,
De que tu és cabeça, está em perigo
Por esta mulher só: corta-lhe a vida,
Atalha esta peçonha, tê-lo-hás salvo.
És médico, senhor, desta república.
O poder que tem o médico num corpo
Tens tu sôbre nós todos: usa dêle.
Se te parece, em parte, isto crueza,
Não é crueza aquela, mas justiça,
Quando de cruel ânimo não nasce.
A clemência por certo é uma virtude
Nos grandes reis; mas a fraqueza, não.
Já mostraste que sabes ser clemente;
Mostra agora, senhor, que és justiceiro!

REI, *que o tem ouvido, reflexivo e hesitante*

A parte que me cabe neste feito
Eu a ponho em vós tôda, como aqueles
A quem cabe o dever de aconselhar-me,
Sem ódio nem temor, o que é mais justo
No serviço de Deus e bem do povo.

Vós outros sois meus olhos, que eu não vejo;
Sois vós os meus ouvidos, que eu não oiço.
Se eu me enganar, amigos, que a injustiça
Sôbre a vossa cabeça cáia inteira!

GONÇALVES

Assim seja, senhor!

REI

Pois que assim seja.

COELHO

Almas e honras temos: estas ambas,
A ti, senhor, se devem; a ti as damos.
Se é mau nosso conselho, o mal é nosso.
Aventuramos vidas e fazendas
Que ao ódio do teu filho ficam sempre;
Mas percamo-nos nós, percamos vidas,
Soframos cruéis mortes, nossos filhos
Fiquem órfãos de pai e deserdados,
A cólera do Infante nos persiga, —
Antes isto, senhor, do que faltarmos
A aconselhar-te com nobreza e honra.

REI

Ide armar-vos. Espero-vos aqui.

PACHECO, *saíndo com* GONÇALVES *e* COELHO

Os juizos dos reis, Deus os inspira!

SCENA III

O REI, *só*

REI, *voltando-se para o oratório, numa atitude dolorosa de angústia e de súplica*

Senhor, que estás nos céus e vês as almas
Que cuidam, que propõem, que determinam!
Alumia minh'alma, não se cegue
No perigo e nas trevas em que está.
Entre mêdo e conselho vivo agora.
Matar injustamente é uma crueza;
Socorrer um mal público, é piedade.
Duma parte receio, doutra tremo.
Ó filho meu, que queres destruír-me!

Tem dó desta velhice tão cançada;
Muda essa pertinácia em bom conselho;
Não dês razões, filho, para que eu fique
Julgado mal na terra e condenado
Ante o grande juiz que está nos céus.
Oh! Vida felicíssima, que vive
O pobre lavrador só no seu campo,
Seguro da fortuna e descançado!
Ninguêm menos é rei, que quem tem reino!
A realeza, Senhor, é um captiveiro;
E' a servidão na púrpura; é o inferno
Na alma! — Temo o filho; temo os homens.
Dissimulo com uns; suspeito de outros;
Tremo das sombras; fujo de mim mesmo;
E entre um filho rebelde e um povo irado,
Sofro, e suspiro, e gemo, e dissimulo!

Caíndo, prostrado, sôbre o escabelo, como um grande farrapo doloroso:

Senhor, que és rei dos reis, Deus poderoso,
Tem piedade da minha realeza!
Tem piedade de mim!

SCENA IV

OS MESMOS, PACHECO, COELHO, GONÇALVES

Os três conselheiros entram pelo F., armados de cotas e loudéis, com espadas e misericórdias ao pescoço.

PACHECO

Meu Senhor!

REI, *erguendo-se, recobrando a sua majestade perdida, e atirando, num repelão, o capuz sôbre a cabeça*

Vamos!

Ouve-se, muito ao longe, o côro das môças de Coimbra à morte de INÊS. — *O pano cái.*

TERCEIRO ACTO

ACTO III

Uma câmara nos Paços de Santa-Clara. Todo o carácter dum interior solarengo do século XIV. *Ao F., janela ampla, geminada, aberta sôbre o Mondego: vê-se, na outra margem, a alcáçova de Coimbra com os seus coruchéus. À D. alta, porta. A E. da scena abre para uma alcova de segunda luz, separada do recinto onde a acção se passa por uma larga tapeçaria mudejar pendente duma viga de castanho que atravessa o tecto. Quando se levanta o pano, a tapeçaria está corrida a um dos lados, de modo a vêr-se o interior da alcova, com o leito de* INÊS, *os berços dos pequenos Infantes, uma enorme lâmpada de prata que scintila na penumbra. O mobiliário sóbrio do século: arcas; escanos pesados de castanho lavrado; velhas uchas, sôbre uma das quais se vêem as tábuas pintadas dum oratório flamengo. Tochas em argolões de ferro chumbados às paredes. — Manhã clara.*

SCENA I

INÊS E OS TRÊS FILHOS

INÊS *está junto da janela do F., olhando o rio. Muito aconchegada a ela, uma das crianças; outra, brincando na alcova; a terceira, junto duma arca. São os pequeninos Infantes D. João, D. Dinís e D. Beatrís.*

INÊS

Nunca mais tarde para mim, que agora
Amanheceu. Ó sol claro e formoso!
Como alegras os olhos que esta noite
Cuidaram não te vêr! Ó noite triste!
Ó noite escura, que comprida foste!
Como cansaste esta alma em sombras vãs!
Em mêdos me trouxeste tais, que cria
Que ali se me acabava o meu amor,
Ali a saùdade da minha alma,
Que me ficava cá...

Desce; os filhos rodeiam-na; abraça-os:

E vós, meus filhos,
Meus filhos tão formosos, em que vejo
Aquele rosto e olhos do pai vosso,
De mim ficáveis cá desamparados...
Ó sonho triste, que assim me assombraste!
Tremo inda agora. Tremo! Deus afaste
De nós tão triste agouro; Deus o mude
Em destino melhor e em melhor dia.
Crescereis vós primeiro, filhos meus,
Que chorais de me vêr estar chorando,

Meus filhos tão pequenos! Ai, meus filhos!
Quem em vida vos ama e teme tanto,
Na morte, que fará?

Enxugando as lágrimas, num sorriso de esperança:

Mas vivereis,
Crescereis vós primeiro. Que veja eu
Que pisais êste campo, em que nascestes,
Em formosos ginetes arraiados
Quais vosso pai vos guarda, com que o rio
Passeis a nado a vêr esta mãi vossa,
Com que canceis as feras, e os inimigos
Vos temam de tão longe, que não ousem
Nomear-vos sòmente...

De novo, soluçando e caíndo sôbre uma arca, abraçada às crianças:

Ai, filhos, filhos!

SCENA II

OS MESMOS, A AMA

AMA, *entrando pela D., com uma grande infuza de prata sôbre o quadril, e dirigindo-se para a alcova*

Que choros e que gritos, senhora, eram
Os que te ouvi esta noite?

Uma das crianças acompanha a AMA.

INÊS

Ó minha ama!
Vi a morte esta noite, crua e fera!

AMA, *voltando, depois de ter feito desprender a tapeçaria árabe, que cai pesadamente, velando a alcova de* INÊS

Entre sonhos te ouvi chorar tão alto
Que, de mêdo e de espanto, fiquei fria.

INÊS, *à* AMA, ***que se lhe assenta aos pés, num almadraque, emquanto as crianças sobem até à janela***

Inda agora a minha alma se entristece
Assombrada dos mêdos em que estive!
Cançada de cuidar na saùdade
Que sempre leva e deixa aqui o Infante,
Adormeci tão triste, que a tristeza
Me fez tornar o sono mais pesado
Do que nunca me lembra que tivesse.
Então, sonhei que estando eu só num bosque
Escuro e triste, duma sombra negra
Coberto todo, ouvia ao longe uns brados
De feras espantosas, cujo mêdo
Me arripiava tôda, e me prendia
A língua e os pés. E eu, ama, quási morta,
Abraçava os meus filhos, a tremer...
Nisto, um leão bravo alevantou-se, irado;
Rugiu ao meu encontro; e logo, manso,
Para trás se tornou. Mas, em fugindo,
Logo vieram três lobos, não sei donde,
Remeteram a mim, com suas unhas,
E os peitos me rasgaram. Eu erguia
Vozes aos céus, chamava o meu senhor.
Êle ouvia, e tardava... E eu morria

Com tanta saùdade dos meus filhos
E dêle,—que parece que inda a sinto...

Abraça-se à AMA, *chorando.*

AMA

A Virgem mãi te guarde!—Do cuidado
Com que, senhora, andaste e adormeceste,
Se te representaram êsses mêdos.
Não chores...

INÊS

Choro a mágua, choro a dôr
Que ao Infante daria a minha morte...

AMA

Outro dia virá, que te amanheça
Mais claro e mais ditoso: em que a corôa
Que te espera terás sôbre êsses teus
Cabelos de oiro; em que serás raínha...
Deixa vãs sombras, deixa vãos receios.
Temer de longe o mal, é mal dobrado.

INÊS

Como há-de ser alegre quem tem culpas?
Julgam-me mal os homens, e a Deus temo.

AMA

Para que Deus perdôe as nossas culpas,
Basta, senhora, a consciência delas.
Se pecado houve já, já está purgado
Com êsse ânimo firme com que o amor
Uniu as vossas almas, santamente.
A quem muito ama, sempre Deus perdôa.
E nunca uma mulher foi mais amada
Na terra, do que tu.

INÊS, *ouvindo rumor e correndo à janela do F.*

É o meu Infante?

AMA

São as tuas donzelas, que aí vêm.

INÊS, *retirando-se da janela, triste*

Nunca o tanto os meus olhos desejaram!
Nunca o meu pensamento o imaginou
De mim tão esquecido. Deus o guarde!
Deus te guarde, senhor, que me parece
Que algum mal te detêm, algum mal grande!

Arranca-se a minha alma de mim mesma,
Parece que quer voar para os teus braços,
Que sente que me foges, que me deixas!
Por que me tardas tanto, vida minha?

AMA

Danas êsse teu rosto tão formoso,
Filha, com tantas lágrimas. Não chores.

Aproxima-se da janela do F., emquanto INÊS, *abraçada aos filhos, chora.*

Olha as águas do rio, como correm
Para onde está saudoso o teu Infante...
De lá te vê, senhora; elas lhe lembram
Êste aposento seu e da sua alma,
Êste campo formoso, êste ar doirado,
Êstes filhos, senhora, que são filhos
Do amor maior que a terra viu ainda...

Às crianças:

Vossa mãi chora, filhos da minha alma.
Ide enxugar-lhe os olhos, de mansinho...,

SCENA III

OS MESMOS, DONZELAS DO CÔRO

1.ª DONZELA, *coriféu do côro, entrando precipitadamente com as outras, pela D.*

Ah! Senhora! Senhora! Tristes novas,
Novas cruéis te trago, Dona Inês!

INÊS, *num grito, amparando-se à* AMA

Minha ama!

AMA, *às donzelas*

Que dizeis, vós outras?

INÊS, *à* 1.ª DONZELA

Fala!

1.ª DONZELA, *chorando*

Ai, coitada de ti! Ai, triste, triste!

INÊS, *às donzelas*

Que mal tamanho é êsse que me trazes?
Amigas que chorais?

1.ª DONZELA

A tua morte.

INÊS, *num grito*

E' morto o meu senhor, o meu Infante?
Matam-me o meu amor? Porque mo matam?

1.ª DONZELA

E' a ti, que êles procuram!

AMA, *transida*

Deus do ceu!

1.ª DONZELA

Querem matar-te. Foge! Gente armada
Vem correndo, senhora, em tua busca.

E' o Rei, que quer cevar o seu furor
No sangue da inocência! Foge! Salva-te!
Salva os teus filhos, Dona Inês!

INÊS, *chorando*

Coitada!
Só, triste, perseguida! — Ah, meu senhor,
Onde estás que não vens?

Às donzelas, quando as trombetas começam a ouvir-se, fóra:

El-Rei me busca?

1.ª DONZELA

El-Rei.

INÊS

Que mal fiz eu? Porque me mata?

1.ª DONZELA

Por ti vem perguntando. Sobe aos Paços.
Busca teus peitos, p'ra com duros ferros
Te serem cruelmente traspassados!

AMA

Cumpriram-se os teus sonhos!

INÊS

Ama, foge!
Foge desta ira grande, que nos busca!
Eu fico. Fico só,—mas inocente.

As trombetas sôam, mais perto.

Rei cruel, aqui me tens!

Abraçando-se aos filhos:

Vós, meus filhinhos,
Vivereis cá por mim,—meus filhos queridos,
Pedaços da minha alma, que eu cá deixo!
Deus de piedade, salva-me, Senhor!
Môças de Coimbra, povo que chorais
Esta inocência minha, socorrei-me!
Que mal fiz eu, para morrer tão cedo?
Meus filhos, não choreis! E vós, amigas,
Cercai-me em roda tôdas, defendei-me,
Amparai-me, salvai-me desta morte!

Tôdas as donzelas rodeiam INÊS, *que estreita os filhos ao peito. A* AMA *prostra-se, de joelhos, junto do oratório de Flandres. — O sol esplende. — Música de scena.*

1.ª DONZELA

Cruel morte, que vens
Buscar esta inocente,
Há piedade e mágua
De seus formosos olhos,
De seu formoso rosto!
Não desates um laço
Tão firme, com que dois
Corações ajuntou
Amor tão estreitamente.
Aquela alva garganta
De cristal e de prata,
Que sustêm a cabeça
Tão alva e tão doirada,
Porque cortar a queres
Com golpe tão cruel?
Há piedade e mágua
De tanta formosura,
Daquele triste Infante
E dêstes filhos seus.

Detêm-te, emquanto chega!
Detêm-te, emquanto tarda!
Corre, ó Infante, corre,
Socorre o teu amor!

SCENA IV

OS MESMOS, o REI, PACHECO, GONÇALVES, COELHO, HOMENS DE ARMAS

Afonso IV, os conselheiros, os homens de armas entram de tropel na câmara de INÊS. *Vê-se, entre êles, a murça vermelha do carrasco.*

PACHECO, *baixo, ao* REI

A piedade, senhor, será crueza.
Cerra os olhos a lágrimas. Sê justo.

REI, *olhando* INÊS, *que caminha para êle*

Esta é, que a mim vem. O' rosto digno
De mais ditosa sorte!

INÊS, *conduzindo os filhos aos pés de* AFONSO IV

Filhos tristes,
Vêdes aqui o pai de vosso pai!
Eis aqui vosso avô, nosso senhor.
Beijai-lhe a mão, pedi-lhe piedade
De vossa pobre mãi!

REI, *olhando-a, comovido*

Quem pode vê-la,
Que não chore, e se abrande?

INÊS

Meu senhor!
Esta é a mãi de teus netos. Êstes são
Filhos daquele filho que tanto amas!
Esta é aquela coitada mulher fraca
Contra quem vens armado de crueza.
Quizeste-te informar de minhas culpas
Por ti mesmo, senhor. Eu to agradeço.
Aqui me tens. Bastava teu mandado,
Para eu, segura e livre, te esperar,
Em ti, em minha inocência confiada.
Escusáras, senhor, todo êste estrondo
De armas e cavaleiros; que não foge,

Nem se teme a inocência da justiça.
Que fúria, que ira esta é, com que me buscas?
Mais contra inimigos vens, que cruelmente
Andassem tuas terras destruindo
A ferro e fogo. Eu tremo, senhor, tremo
De me achar ante ti, como me vejo.
Mulher, môça, inocente, serva tua,
Eu não tenho ninguêm que me defenda,
Senhor! Só êstes filhos da minha alma!
Que êles falem por mim, que êles supliquem
A piedade dum rei, que é seu avô!
Não com as bôcas, senhor, que ainda são
Pequenos, mas com os olhos, mas com a alma,
Com os seus corpinhos tenros, com o seu sangue,
Que é o teu sangue real,—que não os deixes
Sem mãi, que não os lances na orfandade,
Que me deixes viver, viver, viver!

REI, *a* INÊS, *que se prostra a beijar-lhe os pés, soluçando*

Tristes foram teus fados, Dona Inês;
Triste ventura a tua.—Roga a Deus
Por tua alma.

INÊS

Senhor, porque me matas?

COELHO, *baixo, ao* REI, *que vacila*

Então, senhor!

REI, *a* INÊS

Matam-te os teus pecados!

INÊS

Pecados contra Deus, não contra ti,
Meu rei e meu senhor! E Deus é justo,
Deus é benigno, Deus é bom, perdôa
A quem sofre por ter amado muito!

Vendo que o REI, *comovido, afasta os olhos dela:*

Ouve-me, meu senhor. Por que não me ouves?
Por que não me olhas tu, meu senhor rei?

PACHECO, *baixo, a* AFONSO IV

Senhor, é tempo já!

REI, *àparte, dolorosamente*

Deus poderoso,
Para que déste coração aos reis?

PACHECO, *intervindo, vibrante*

Contra ti, Dona Inês, sentença é dada.
O reino inteiro pede a tua morte!
Pouco é o tempo de vida que te resta.

Apontando-lhe o oratório:

Roga a Deus por tua alma!

INÊS, *soltando-se de* COELHO *e* GONÇALVES, *que a agarram pelas roupas, e atirando-se, de novo, aos pés do* REI

Não! Senhor!
Meu rei, meu pai, ouve-me tu primeiro!
Antes de me matares, rei, — escuta-me!
Que crime é o meu? Dize? Que culpa é a minha?
Matas-me, acaso, porque amei teu filho?
Se os olhos de teu filho se enganaram
Com o que viram em mim, que culpa tenho?
Paguei-lhe o seu amor com outro amor.
Não soube defender-me. Dei-me tôda.
Não a inimigos teus, não a traidores,
Mas a teu filho, príncipe dêste reino!
Não cuidava, senhor, que te ofendia.
Defenderas-mo tu, e obedecera,

E fugira da côrte, para sempre.
Senhor, senhor, porque me matas tu?
Se eu sou a vida do teu filho, rei,
Porque o matas a êle? — E estas crianças!
Êstes filhos, que são o teu retrato,
Senhor! Que não conhecem outros mimos,
Nem outros peitos senão êstes! — Filhos!
Chorai, pedi justiça aos altos céus,
Pedi misericórdia a vosso avô
Contra vós tão cruel, meus inocentes!
Ficareis cá sem mim, sem vosso pai,
Que não poderá vêr-vos, sem me vêr!
Abraçai-me, meus filhos, despedi-vos
Dos peitos que vos deram de mamar,
Dêstes braços de mãi, que vos enlaçam,
E que vão já deixar-vos, para sempre!
Que achará vosso pai, quando vier?
Achar-vos-há tão sós, sem vossa mãi!
Não verá quem buscava, verá cheias
As casas e as paredes do meu sangue,
Vêr-me-há morta, inteiriçada e fria...

Num grito, abraçando-se convulsivamente aos joelhos do REI:

Oh! Não, senhor! Senhor, eu tenho mêdo!

Ampara-me, socorre-me, perdoa-me,
Tem piedade de mim!

REI, *erguendo-a, num grande gesto de piedade*

Ó mulher forte!
Venceste-me. Abrandaste-me. Eu te deixo.
Vive, emquanto Deus quer!

INÊS, *beijando-lhe as mãos*

Senhor!

PACHECO, *num protesto surdo*

Senhor!

AMA, *levando as crianças, emquanto* INÊS, *a atirar beijos ao* REI, *chorando e rindo, se recolhe à alcova*

Vive tu, pois perdoas, rei piedoso!

PACHECO, *vendo o* REI *despedir num gesto o carrasco, que sai*

Oh! Senhor, que nos perdes! Tua fraqueza
E' indigna de ti, do teu real peito!

Vence-te uma mulher, — e queres ter fôrça
Para vencer teu filho!

COELHO, *ao* REI

A que vieste?
Para que nos armámos, afinal,
Senhor, se duas lágrimas te abrandam?

GONÇALVES, *sombrio, tôrvo, ao* REI

Já uma mulher pode mais do que o reino!

PACHECO, *quando se começam a ouvir os clamores do povo, fóra*

Ouve, escuta, senhor. O povo ruge!

REI

Ruja embora, — não mato uma inocente!

GONÇALVES

Tu és rei!

REI, *assentando-se num escano, abatido*

Mas sou homem Chora-me a alma!

PACHECO, *emquanto o rumor augmenta, e o* REI, *perplexo, esconde a cabeça nas mãos*

Pelo teu estado real te suplicamos!
Pelo amor do teu povo! P'lo teu reino!
Por mais vida e mais honra de teu filho,
Príncipe nosso! Por aquele seu
Fernando, único herdeiro, cuja vida
Te está pedindo justamente a morte
Desta mulher! Emfim, por honra tua,
Senhor, senhor, — consente que se cumpra
A sentença de morte que firmaste!
E' a vida do reino e de nós todos!
Se esta mulher não morre, senhor rei,
Vacila-te a corôa na cabeça!

COELHO, *apontando a janela*

Ouve o povo, senhor!

REI, *erguendo-se*

Basta! Deixai-me!
Eu não mando, nem vedo. Deus o julgue.
Vós outros o fazei, se vos parece
Justiça condenar quem não tem culpa!

PACHECO, *arrancando a espada*

Essa licença basta. — A' morte!

COELHO, *arrancando a misericórdia que tem ao pescoço, e correndo, com* PACHECO *e* GONÇALVES, *para a recâmara*

A' morte!

As donzelas querem precipitar-se para a alcova de INÊS; *os homens de armas deteem-nas. Ouvem-se gritos.*

1.ª DONZELA, *debatendo-se entre os braços de homens que a agarram, e atirando-se aos pés do* REI

Senhor, misericórdia! Ó nunca visto
Mais inocente sangue! Como sofres,
Ó rei, tal injustiça! Ouves os brados
Duma pobre mulher, e não a salvas!
Ouves o chôro dos filhinhos, rei,
E não corres...

Ensanguentada, ferida de morte, INÊS *surge à porta da alcova; crispa as mãos na tapeçaria; grita, mas a voz estrangula-se-lhe na garganta; cai morta em scena.*

Horror!

PACHECO, *para o povo, à janela do F., brandindo a espada tinta de sangue*

Justiça é feita,
Por mandado d'el-Rei nosso senhor!

REI, *emquanto o povo aclama, e os sinos dobram*

Não poder eu dar-lhe vida outra vez!

Cai o pano

QUARTO ACTO

ACTO IV

Uma estalagem beirôa onde o Infante, guloso e "viandeiro", como diz Fernão Lopes, descança das suas montarias. Acompanham D. Pedro, abancados com êle, alguns dos seus monteiros e homens-de-armas. Servem-nos mulheres. — Dia claro.

SCENA I

INFANTE, OS MONTEIROS

INFANTE, *depois de ter esvasiado*
uma escudela de caldo, aos monteiros, que o cercam

Outro céu, outro sol me parece êste
Diferente daquele que lá deixo
Donde parti, mais claro e mais formoso.
Onde não resplandecem os dois claros
Olhos da minha luz, é tudo escuro.

Comendo, sôfregamente, pão e mel:

Aquele é só meu sol, a minha estrela,
Mais clara, mais formosa, mais luzente
Que Vénus, quando mais clara se mostra.

Daqueles olhos se alumia a terra
Em que sombra não há, nem nuvem escura.
Tudo ali é tão claro, que até a noite
Me parece mais dia que êste dia.

A uma mulher, que lhe enche de vinho a copa:

Mercês.

Bebendo, aos monteiros, que bebem também:

Ali, a terra reverdece
Doutras flôres mais frescas e melhores.
O céu se ri e doira, diferente
Do que neste horizonte se me mostra.
Doutros ares respira ali a gente,
Que fazem imortais os que lá vivem.

Levantando-se, e caminhando para o F.:

Inês, Inês, ó meu amor constante!
Quem me tirar de ti, tira-me a vida.
Minh'alma, lá ma tens; eu tenho a tua.
Em morrendo um de nós, morremos ambos.

Descendo até a um banco de castanho, na E. baixa, onde tem a espada, e armando-se:

Mas quem fala em morrer, amigos? Não!
Muitos anos e muitos viveremos
Sempre os dois neste amor tão doce e puro.
Rainha te verei dêste meu reino,
Inês! Doutra corôa coroada,
Diferente de quantos diademas,
Desde que o mundo é mundo, e o dia é dia,
Brilharam numa fronte de mulher!

SCENA II

OS MESMOS, UMA MULHER, o MENSAGEIRO

UMA MULHER, *entrando, ao* INFANTE,

Senhor, um mensageiro vem da côrte,
Que vos pede audiência.

INFANTE, *assentando-se, já armado*

Pois que venha.

Aos amigos, quando a mulher sái:

Novas d'el-Rei meu pai? Escutaremos.

Vendo entrar o MENSAGEIRO, *coberto de pó, a expressão transfigurada:*

És tu? — Fala, homem.

MENSAGEIRO

Triste mensageiro
Tens ante ti, senhor.

INFANTE

Que novas trazes?

MENSAGEIRO

Novas cruéis. Cruel sou contra ti,
Pois me atrevi trazê-las. A maior
Desaventura é de tôda a terra!

INFANTE

Tens-me suspenso. Fala. Estou escutando.

Instante de hesitação do mensageiro.

Dize! Seja o que fôr!

MENSAGEIRO

Senhor Infante,
E' morta Dona Inês, que tanto amavas.

INFANTE, *erguendo-se, de repelão,*
como uma fera, sacudindo o mensageiro,
crispando-lhe as mãos nas roupas, arrepelando-o,
encarando-o, fixando-o:

Deus! — Inferno! — Ah, Inês! Inês! Inês!
Olha bem para mim: Inês é morta?

MENSAGEIRO, *sucumbido*

De morte tão cruel, que é nova mágua
Contar-ta. Não me atrevo.

INFANTE, *sacudindo-o*

E' morta?

MENSAGEIRO

Sim.

INFANTE

Quem ma matou?

MENSAGEIRO

Teu pai, com gente armada,
Foi hoje salteá-la. A inocente,
Que tão segura estava, não fugiu.
Não lhe valeu o amor com que te amava,
Nem teus filhos, com quem se defendia,
Nem aquela inocência e piedade
Com que pediu perdão, lançada aos pés
D'el-Rei teu pai, que tanto se apiedou
Que lho deu já, chorando. Os seus ministros
Arrancando as espadas — dura afronta! —
Traspassaram-lhe os peitos cruelmente,
E abraçada com os filhos a mataram,
Que inda ficaram tintos do seu sangue.

INFANTE, *correndo pela casa, como louco*

Que direi? Que farei? Que clamarei?
Ó fortuna! Ó crueza! Ó mal tamanho!
Ó minha Dona Inês ó alma minha,

Morta me és tu? Morte houve, tão ousada,
Que contra ti pudesse? Eu ouço-o, — e vivo!
Eu vivo, minha Inês, e tu és morta!
Coração, coração, porque não estalas?
Porque não se abre a terra, e não me sorve
Num momento? P'ra quê? P'ra que vivo eu?

Caíndo a soluçar sôbre o banco:

Ó minha Inês! Ó alma da minh'alma!
Amor meu, meu desejo, meu cuidado,
Minha esp'rança, minha única alegria!
Mataram-te! Mataram-te! Tua alma
Inocente, formosa, humilde, santa,
Deixou já seu logar p'ra todo o sempre!
Encheram-se as espadas do teu sangue!
Ó leões bravos, ó tigres, ó serpentes!
Porque não vos volvestes para mim?
Mil vidas que eu tivera, vo-las dava
Por um cabelo só da minha Inês!
E o céu não cai, e não tremeu a terra!

Chora, convulsivamente.

MENSAGEIRO

Senhor, para chorar é sempre tempo.

As lágrimas que fazem contra a morte?
Vai ver aquele corpo. Vai prestar-lhe
As honras que lhe deves.

INFANTE

Tristes honras!

Erguendo-se:

Outras honras, senhora, te guardava;
Outras se te deviam. Ó tristeza!
Como poderei vêr aqueles olhos
Cerrados para sempre? Como, aqueles
Cabelos já não de oiro, mas de sangue?
Aquelas mãos tão frias e tão negras,
Que antes via tão alvas e formosas?
Aqueles brancos peitos traspassados
De golpes tão cruéis? Aquele corpo,
Que tantas vezes tive nos meus braços,
Vivo e formoso,— como, morto agora,
E frio, o posso vêr? Ó meu amor!
Tu já não me ouves! Não te vejo mais!
Já te não posso achar em tôda a terra!
Chorem comigo as pedras duras; mudem-se
Em sangue vivo as águas do Mondego;
As árvores se sequem, e as flôres!

Eu te matei, senhora, eu te matei!
Ah! Mas será terrível a vingança!
Rei cruel, rei três vezes inimigo,
Eu te renego de meu pai! Mataste-a:
Vais pagar-me o seu sangue, gota a gota!

Arrancando a espada:

Que o fogo lavre e arraze a tua terra;
Que o sangue corra; que a vingança ruja;
Que, por onde eu passar, só haja morte
E ruínas; que o próprio Deus se espante
De mim! — Amigos, já não tenho pai!

Saíndo pelo F., com os homens-de-armas e monteiros, espada em punho:

Inês! Inês! Ó alma da minha alma!
Vou fazer-te raínha, — finalmente!

O côro, fóra, canta lamentosamente a morte de Inês. — O pano cai.

FIM